



**Gestão Florestal para Produção Sustentável**

## **PROJETO GESTÃO FLORESTAL PARA PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL NA AMAZÔNIA**

**Elaboração de projeto executivo de recomposição da cobertura vegetal em áreas degradadas na Floresta Nacional Bom Futuro – RO**

**Fundo Suplementar FS C Nº 01/2021/ICMBIO**

### **PRODUTO Nº 02**

**Projeto executivo de recomposição da cobertura vegetal em áreas degradadas na FLONA Bom Futuro (mínimo de 400 ha)**

**EMPRESA: BIOFLORA**

**JULHO/ 2021**

Financiador



Apoiador



MINISTÉRIO DO  
MEIO AMBIENTE



MINISTÉRIO DA  
AGRICULTURA, PECUÁRIA  
E ABASTECIMENTO



<b>Elaboração de projeto executivo de recomposição da cobertura vegetal em áreas degradadas na Floresta Nacional Bom Futuro – RO</b>	
Contrato Número	Fundo Suplementar FSC Nº 01/2021/ICMBIO
Produto Número	2
Título do Produto	Projeto executivo de recomposição da cobertura vegetal em áreas degradadas na FLONA Bom Futuro (mínimo de 400 ha)
Contratante	NIRAS - IP Consult/ DETZEL
Elaborado por	NBL Engenharia Ambiental Eireli – EPP (nome fantasia: Bioflora Tecnologia da Restauração)
Equipe Técnica	<b>Dr. André Gustavo Nave</b> <b>Dr. Frederico Domene</b> <b>Dr. Ricardo Ribeiro Rodrigues</b> <b>Msc. Robson Fábio Lopes</b>

**PROJETO DE RESTAURAÇÃO FLORESTAL DA  
FLORESTA NACIONAL DO BOM FUTURO,  
PORTO VELHO, RO.**

**CONTRATO FUNDO SUPLEMENTAR FSC N°  
01/2021/ICMBIO**

**RELATÓRIO 2**

**J U L H O  
2 0 2 1**

Financiador



Apoiador



MINISTÉRIO DO  
MEIO AMBIENTE



MINISTÉRIO DA  
AGRICULTURA, PECUÁRIA  
E ABASTECIMENTO



## **SUMÁRIO**

1. Introdução .....	3
2. Descrição das áreas a serem restauradas .....	4
2.1. Climatologia regional .....	9
2.2. Pedologia .....	11
3. Estratégias para a restauração das áreas degradadas .....	12
3.1. Plantio Total Escalonado .....	13
3.1.1. Desenvolvimento do Plantio Total Escalonado.....	16
3.2. Condução da Regeneração Natural .....	18
3.2.1. Desenvolvimento da Condução de Regeneração Natural .....	18
3.3. Uso de espécies nativas regionais .....	19
4. Ações operacionais das metodologias de restauração .....	20
4.1. Proteção contra incêndios (Aceiros) .....	20
4.2. Controle de gramíneas .....	21
4.2.1. Roçada Manual ou Semi-mecanizada .....	22
4.2.2. Roçada Mecanizada.....	22
4.2.3. Aplicação manual de herbicidas.....	23
4.2.4. Aplicação mecanizada de herbicidas.....	24
4.2.5. Controle de gramíneas nas áreas a serem restauradas .....	25
4.3. Combate a formigas .....	25
4.4. Preparo de solo.....	26
4.4.1. Calagem.....	26
4.4.2. Descompactação do solo (Abertura manual ou mecanizada de berços)	
.....	27
4.5. Adubação verde.....	29
4.6. Características das mudas a serem utilizadas.....	31

4.7. Plantio de mudas nativas regionais .....	32
4.7. Replantio .....	35
4.8. Fertilização das mudas plantadas ou árvores regeneradas naturalmente na área.....	35
4.8.1. Adubação convencional (aplicação em 4 vezes).....	38
4.8.2. Adubação de dose única .....	40
5. Cronograma de implantação e manutenção das ações de restauração florestal .....	42
5.1. Plantio Total Escalonado .....	42
5.2. Condução da Regeneração Natural .....	46
5.2. Estimativa de custos para a restauração das áreas degradadas .....	49
5.2.1. Área 1 .....	55
5.2.2. Área 2 .....	58
5.2.3. Área 3 .....	61
5.2.4. Área 4a .....	64
5.2.5. Área 4b .....	67
5.2.6. Área 5a .....	70
5.2.7. Área 5b .....	73
5.2.8. Área 6 .....	76
5.2.9. Área 7 .....	79
5.2.10. Área 8 .....	82
5.2.11. Área 9 .....	85
5.2.12. Área 10 .....	88
5.2.13. Área 11 .....	91
5.3. Custo Global .....	94
5.4. Fornecedores Locais .....	94
6. Considerações finais .....	95

7. Referências Bibliográficas .....	96
8. Anexo 1. Lista de espécies nativas regionais do grupo de diversidade recomendadas para o plantio na FLONA Bom Futuro, onde usos: medicinal (med); ornamental (orn); madeireira (mad); frutífera (fru) e melífera (mel). .....	97

## 1. Introdução

A Floresta Nacional do Bom Futuro (doravante: FLONA Bom Futuro), é uma unidade de conservação federal, localizada no município de Porto Velho, na região noroeste do estado de Rondônia. Foi criada através do Decreto nº 96.188/1988 com uma área original de 280.000 ha. Em 2010 a FLONA Bom Futuro teve seus limites alterados pela Lei nº 12.249/2010, que reduziu a área para um total de 100.075,13 ha. Está no grupo das 24 Florestas Nacionais na Amazônia Legal que compõe o Projeto Gestão Florestal para a Produção Sustentável da Amazônia – BMZ nº 200366658, projeto que integra a cooperação financeira alemã, por meio do KfW Entwicklungsbank (Banco Alemão de Desenvolvimento) com o governo brasileiro. Este projeto consiste em ações para a implementação da gestão florestal na região de influência do Distrito Florestal Sustentável (DFS) da BR-163 e na região Purus-Madeira com o objetivo de promover o desenvolvimento socioeconômico e a conservação das florestas na Amazônia Legal com base no uso sustentável dos recursos florestais, em particular, na categoria de Unidades de Conservação (UC) de uso sustentável: Florestas Nacionais (FLONA).

Desde sua criação, a FLONA Bom Futuro tem sofrido constantes pressões antrópicas que ameaçam a integralidade e estabilidade ambiental, destacando-se: a abertura e manutenção de estradas, existência de uma malha viária irregular com muitos acessos e alto grau de vascularização, invasões de terras, desmatamento para a abertura de pastagens extensivas, caça, extração irregular de madeira. Além disso, existe um clima de revanchismo por parte de algumas pessoas que foram retiradas da FLONA Bom Futuro no passado, visto que é muito frequente o uso de fogo criminal, como forma de não permitir a regeneração natural, nas áreas anteriormente invadidas por eles, na busca de um dia essas pessoas retomarem a área. Como consequência, essas áreas abertas permanecem degradadas, retardando o processo de regeneração natural da floresta e a consolidação da área como Unidade de Conservação da Natureza.

Neste contexto surge a consultoria para: “Elaboração de projeto executivo de recomposição da cobertura vegetal em áreas degradadas na Floresta Nacional Bom Futuro – RO”, onde a Bioflora Tecnologia da Restauração (doravante: Bioflora) sagrou-se vencedora do certame licitatório. Os primeiros passos desta consultoria foi a realização *in loco* do diagnóstico ambiental, para identificar áreas degradadas que fossem compatíveis com os

interesses dos gestores da FLONA Bom Futuro e pudesse ter sua condição de degradação revertida, através da implementação de ações de restauração ecológica.

A restauração ecológica é um processo de auxiliar na recuperação de um ecossistema que foi degradado, danificado ou destruído, através implementação sistemática de ações que permitam que um ecossistema degradado retorne a sua trajetória sucessional, através da restauração dos processos e funções ecológicas que ocorriam naturalmente. A área restaurada pode não se recuperar necessariamente ao seu estado anterior, uma vez que as realidades ecológicas contemporâneas, incluindo as mudanças climáticas globais, podem fazer com que ele se desenvolva ao longo de uma trajetória alterada, assim como essas mesmas realidades podem ter mudado a trajetória de ecossistemas próximos não perturbados. A história desempenha um papel importante na restauração, mas as condições contemporâneas também devem ser levadas em consideração.

A fase inicial de diagnóstico de campo foi realizada e os seus resultados foram apresentados através do relatório 1 (Produto 1 - Mapeamento das áreas degradadas disponíveis para recomposição da cobertura vegetal na FLONA Bom Futuro, mínimo de 400 ha) e aprovados pelo Contratante. A partir desse diagnóstico, o projeto de restauração ecológica pode ser desenvolvido baseando-se em informações levantadas no campo.

## **2. Descrição das áreas a serem restauradas**

O diagnóstico ambiental realizado na FLONA Bom Futuro demonstrou que o histórico de degradação é semelhante em todas as áreas selecionadas para este projeto. São áreas desmatadas para a formação de pastagens, com recorrência do uso de fogo, o que vem perpetuando a condição de degradação ambiental. Em conjunto com os gestores da FLONA Bom Futuro, selecionamos 11 áreas a serem restauradas, totalizando aproximadamente **521 hectares** (Figura 1). Conforme o Plano de Manejo da FLONA Bom Futuro (ICMBIO, 2019), todas as áreas selecionadas, encontra-se na Zona de Manejo Florestal, zona esta composta por florestas nativas ou plantadas com potencial econômico para o manejo sustentável dos recursos madeireiros e não madeireiros.

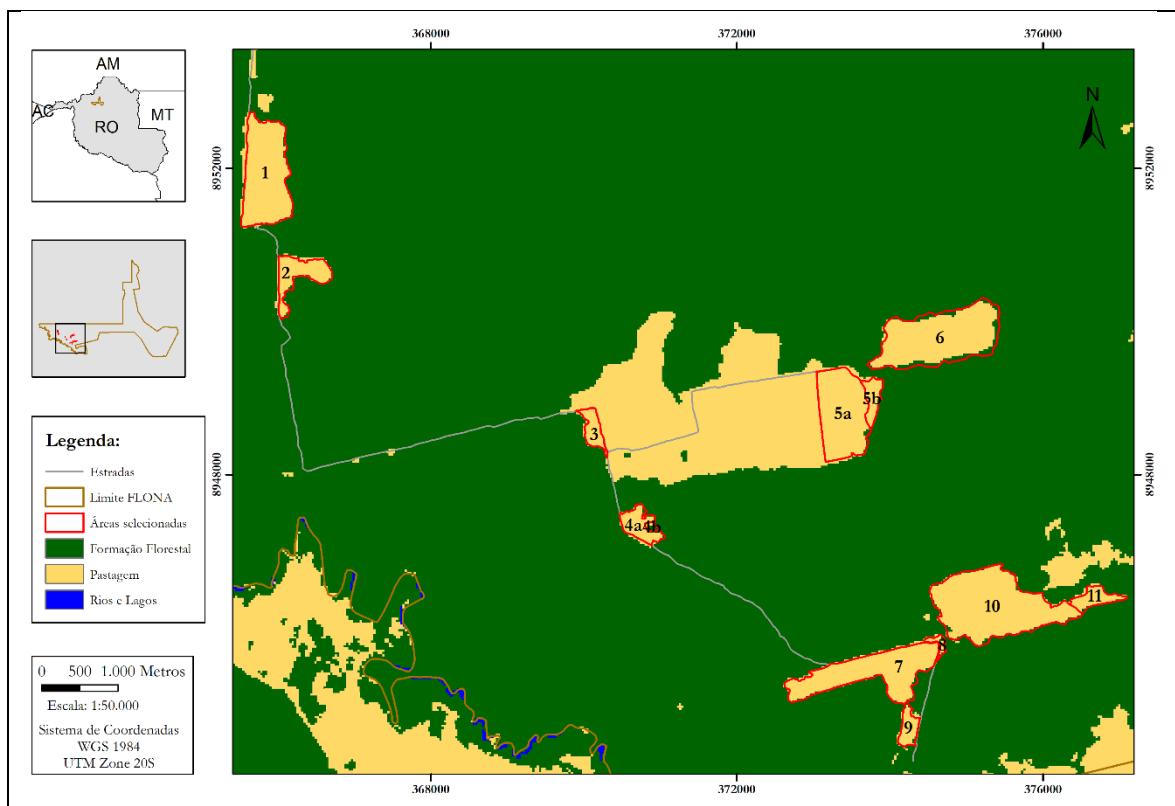


Figura 1. As 11 áreas definidas para o desenvolvimento dos projetos de restauração florestal.

Na Tabela 1, apresentamos os principais atributos das áreas escolhidas para desenvolver os projetos de restauração, principalmente, a área em hectares, o uso atual do solo e o método de restauração a ser utilizado em cada área.

Tabela 1. Atributos das áreas degradadas selecionadas para este projeto

Nº.	Área (ha)	Uso do solo	Método de restauração
1	75,15	Pasto sem regeneração natural	Restauração Ativa
2	23,70	Pasto sem regeneração natural	Restauração Ativa
3	10,30	Pasto sem regeneração natural	Restauração Ativa
4a	15,48	Pasto sem regeneração natural	Restauração Ativa
4b	1,60	Pasto com regeneração natural	Restauração Passiva
5a	67,52	Pasto sem regeneração natural	Restauração Ativa
5b	10,36	Pasto com regeneração natural	Restauração Passiva
6	100,78	Pasto sem regeneração natural	Restauração Ativa
7	74,29	Pasto sem regeneração natural	Restauração Ativa
8	3,06	Pasto sem regeneração natural	Restauração Ativa
9	9,75	Pasto sem regeneração natural	Restauração Ativa
10	117,89	Pasto sem regeneração natural	Restauração Ativa
11	11,74	Pasto sem regeneração natural	Restauração Ativa
<b>Total</b>	<b>521,64</b>	-	-

Devido ao histórico de degradação ocorrido em todas as áreas, com o desmatamento realizado a mais de 15 anos e com a recorrência de incêndios criminais (Figura 2), o uso do solo é caracterizado por gramíneas exóticas, geralmente do gênero *Panicum* sp. e *Urochloa* sp., utilizadas frequentemente para a formação de pastagens. Apesar das áreas selecionadas serem totalmente circundadas por florestas nativas, em bom estado de conservação, o contexto atual de degradação das áreas, impede que as sementes de espécies nativas, que chegam até as áreas consigam germinar e estabelecer uma comunidade de espécies regenerantes.

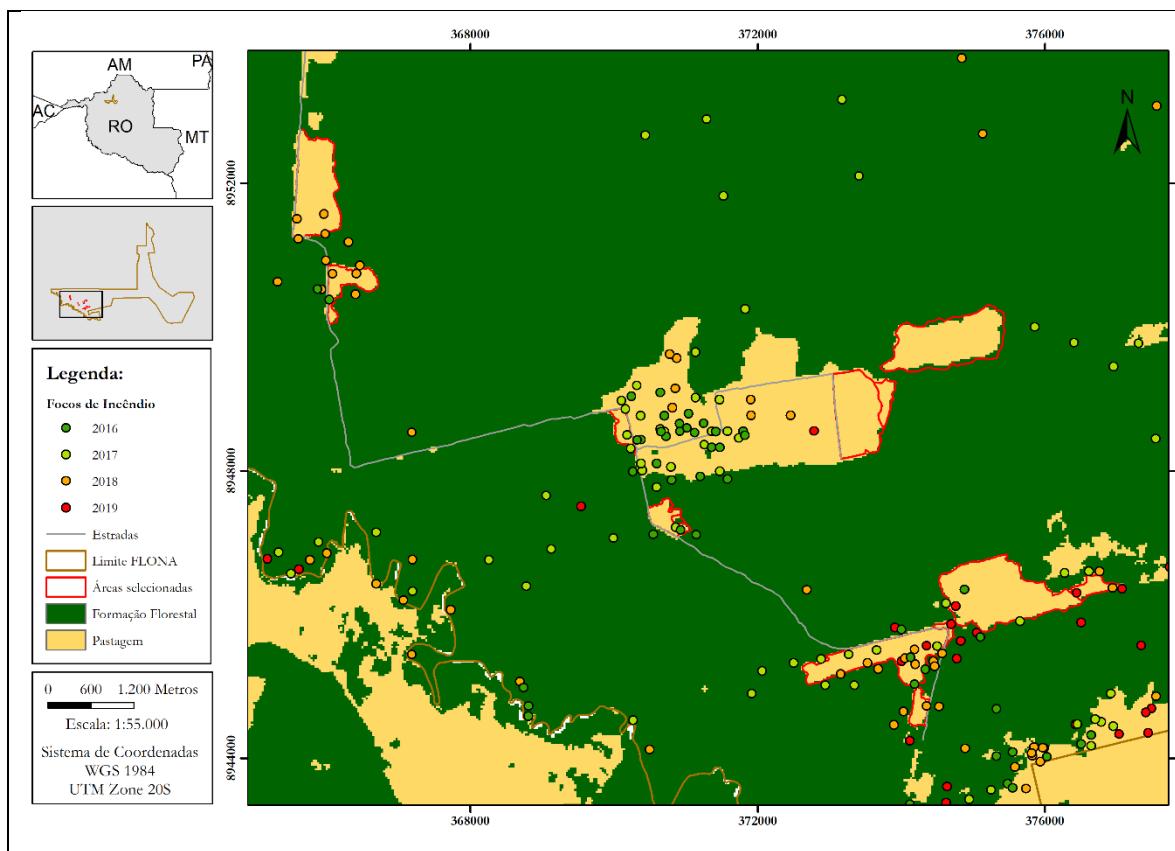


Figura 2. Áreas a serem restauradas e recorrência de focos de incêndio entre os anos de 2016 a 2019.

Fonte: Adaptado do Banco de dados de queimadas, INPE (2021).

Uma característica comum observada em campo, é a espécie *Orbignya phalerata* Mart. (Babaçu), presente na maior parte das áreas com distribuição espacial e densidade de indivíduos variadas. Essa espécie apresenta características morfológicas e fisiológicas que permitem sua permanência no banco de sementes e favorecem a sua regeneração mesmo após a derrubada da floresta e a limpeza da área geralmente realizada pelo fogo. O Babaçu pode atuar como um facilitador da recuperação da área, podendo servir como poleiros

naturais, e dar início a formação de núcleos de diversidade, entretanto esses núcleos não serão suficientes para restauração da área como um todo, mas deverão ser considerados no processo de restauração das áreas.



Figura 3. Área com elevado volume de gramíneas exóticas e com presença de alguns indivíduos de *Orbignya phalerata* Mart. (Babaçu)

Para essas áreas caracterizadas pela baixa resiliência ambiental, caso não sejam adotadas estratégias para interromper os processos de degradação existentes e promover a alteração das condições ambientais locais, a dinâmica de degradação ambiental observadas durante o diagnóstico ambiental das áreas, persistirão ao longo do tempo.

Dentre as 11 áreas selecionadas, em apenas duas, identificamos pequenos trechos com presença de espécies regenerantes com densidade e diversidade adequadas. Nesses trechos a densidade de espécies regenerantes foi superior a 800 indivíduos/ha, demonstrando potencial para a condução da regeneração natural como estratégia de restauração ecológica. As Figuras 4 e 5 ilustram a situação ambiental predominante nas áreas a serem restauradas. Por outro lado, a Figura 6 ilustra os trechos das duas áreas com maior expressão de indivíduos regenerantes.



Figura 4. Exemplo de área degradada na FLONA Bom Futuro



Figura 5. Exemplo de área degradada na FLONA Bom Futuro. Detalhe para a altura do capim, que está no tamanho do pesquisador.



Figura 6. Exemplo de área degradada na FLONA Bom Futuro. Detalhe para ao fundo para área com potencial de regeneração natural.

## 2.1. Climatologia regional

A região onde se encontra FLONA Bom Futuro, apresenta, segundo Köeppen, o tipo climático Am, que significa clima tropical úmido ou sub-húmido, com temperatura média do mês mais frio sempre superior a 18°C e apresenta uma estação seca de pequena duração que é compensada pelos totais elevados de precipitação nos outros períodos.

Apresenta temperatura média mínima de 22,1 °C no mês de julho e temperatura média máxima de 33,3°C no mês de agosto. A temperatura média anual é de 26,1°C. Os meses com menor precipitação pluviométrica são de julho e agosto (23 e 44 mm respectivamente) e os meses com maior precipitação pluviométrica são fevereiro e março (321 e 323 mm respectivamente) (Tabela 2). A pluviosidade média anual é de 2216 mm.

Tabela 2. Dados climatológicos para Porto Velho, RO

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
T° méd. (°C)	25,6	25,5	25,5	25,5	25,4	25,6	26,2	27,5	27,5	27,0	26,2	25,8
T° min (°C)	23,4	23,3	23,4	23,4	23,0	22,4	22,1	23,0	23,9	24,0	23,8	23,6
T°máx (°C)	29,4	29,2	29,3	29,2	29,0	29,8	31,4	33,3	32,7	31,6	30,2	29,6
Precip. (mm)	311	321	323	224	137	46	23	44	96	164	230	297
Umid (%)	90	91	91	91	88	84	74	66	76	83	88	90

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Dias chuvosos	21	19	21	19	16	07	04	06	11	16	18	20
Hrs/sol	7,6	7,3	7,0	6,5	6,7	8,1	9,4	9,9	9,2	8,7	7,9	7,6

Fonte: Climate-data.org.

Disponível em: <https://pt.climate-data.org/america-do-sul/brasil/rondonia/porto-velho-3120/>. Acesso em: 23.jul.2021

Através da Figura 7, pode se observar que, em sete meses do ano, o volume de chuva é superior a 150 mm, sendo que nos meses de janeiro a março a precipitação atinge níveis superiores a 300 mm. Este padrão climático, notadamente com poucos meses de baixa precipitação, demonstra que a disponibilidade de água não deverá ser um fator limitante para as estratégias de restauração ecológica que serão aplicadas nas áreas degradadas.

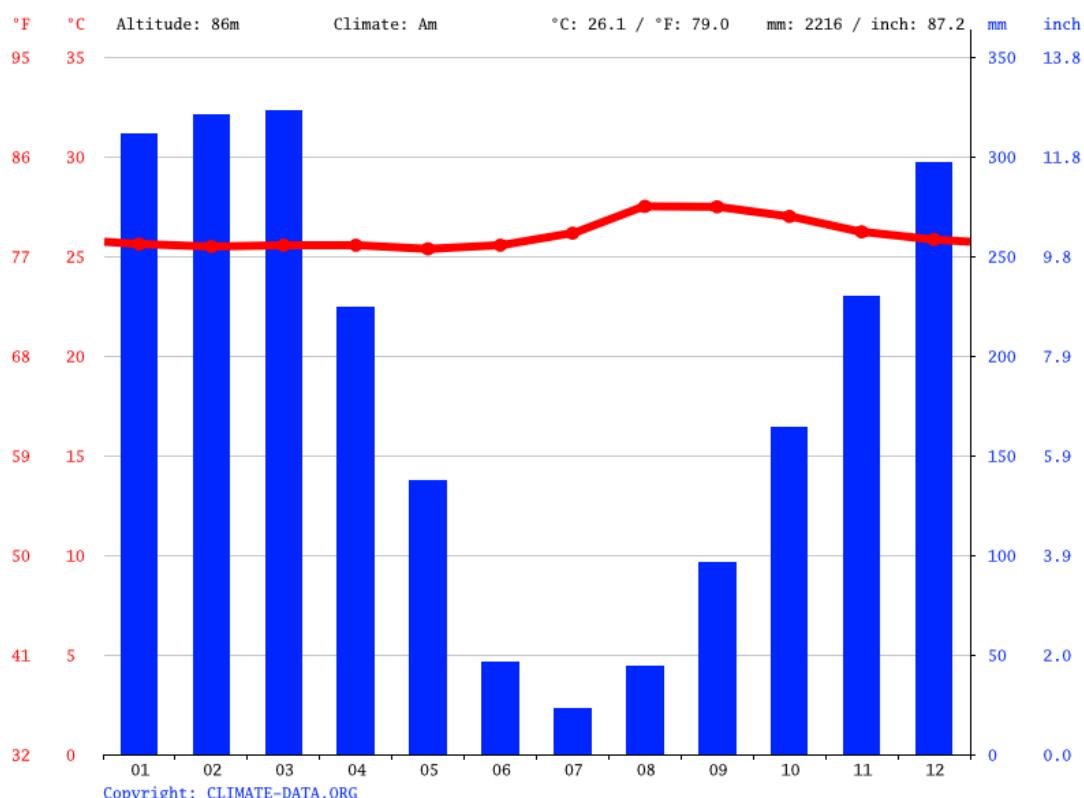


Figura 7. Histograma de precipitação e temperatura média do município de Porto Velho, RO  
Fonte: Climate-data.org.

Disponível em: <https://pt.climate-data.org/america-do-sul/brasil/rondonia/porto-velho-3120/>. Acesso em: 23.jul.2021

## 2.2. Pedologia

Conforme mapa exploratório de solos do Estado de Rondônia IBGE, (2006) (Figura 8), os solos da região consistem em: Argissolo vermelho-amarelo, distrófico, textura média-argilosa e argilosa, relevo ondulado e suave ondulado associado a ocorrência de Latossolo vermelho-amarelo, distrófico, textura argilosa e muito argilosa, relevo ondulado. Os Argissolos são solos minerais com nítida diferenciação entre as camadas ou horizontes, reconhecida em campo especialmente pelo aumento, por vezes abrupto, nos teores de argila em profundidade. Podem ser arenosos, de textura média ou argilosos no horizonte mais superficial. A fertilidade dos Argissolos é variável, dependente principalmente de seu material de origem. Sua retenção de água é maior nos horizontes abaixo da superfície (subsuperficiais), que podem se constituir em um reservatório de água para as plantas.

Por outro lado, os Latossolos são solos minerais, homogêneos, com pouca diferenciação entre os horizontes ou camadas, reconhecido facilmente pela cor quase homogênea do solo com a profundidade. Os Latossolos são profundos, bem drenados e com baixa capacidade de troca de cátions, com textura média ou mais fina (argilosa, muito argilosa) e, com mais frequência, são pouco férteis.

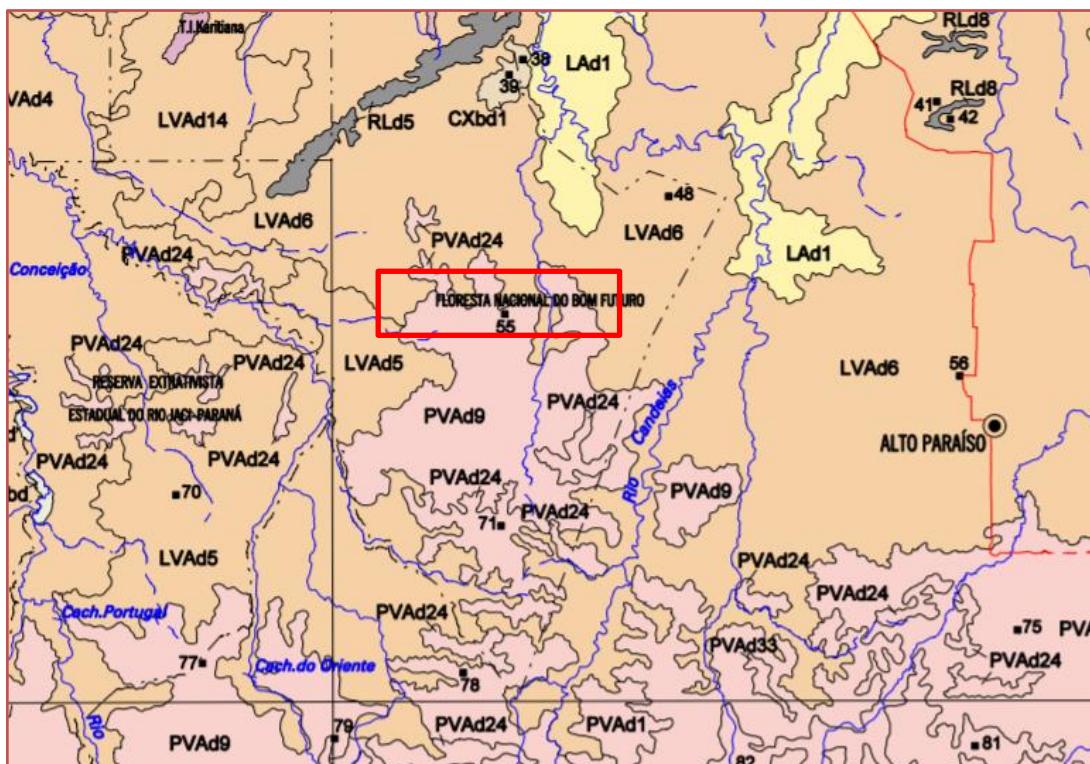


Figura 8. Mapa exploratório de solos do Estado de Rondônia, na região da Flona Bom Futuro  
Fonte: (IBGE, 2006)

### 3. Estratégias para a restauração das áreas degradadas

As estratégias de restauração ecológica são definidas em função de cada situação ambiental, ou seja, ações de restauração específicas deverão ser adotadas de acordo com a situação de degradação na área que se pretende restaurar. Entretanto, existem algumas ações que são comuns a todas as áreas, principalmente o isolamento dos fatores de degradação e a remoção das espécies exóticas competidoras que possam comprometer a restauração da área degradada.

Ao longo do processo, o monitoramento das ações de restauração será essencial para que o restaurador consiga avaliar se os métodos escolhidos foram eficazes para reverter os passivos ambientais que existiam na área e, caso seja necessário, indicar as ações corretivas que deverão ser adotadas para atingir o objetivo inicial, ou seja, a restauração dos processos e funções ecológicas que existiam nas áreas antes da degradação ambiental. A Tabela 3 identifica as ações de restauração que deverão ser adotadas em cada situação ambiental.

Tabela 3. Ações de restauração que devem ser aplicadas em cada situação ambiental para reverter os passivos ambientais existentes na propriedade

<b>Situação Ambiental</b>	<b>Área (ha)</b>	<b>Ações de Restauração prioritárias</b>	<b>Ações de Restauração Condicionadas ao Monitoramento*</b>
Pasto sem regeneração natural	509,68	Plantio Total Escalonado	-
Pasto com regeneração natural	11,96	Condução da Regeneração Natural e Plantio de Adensamento	Plantio de Enriquecimento
<b>Total</b>	<b>521,64</b>	-	-

\*O monitoramento das áreas em restauração deverá ocorrer a longo prazo (mínimo 5 anos)

Devido a homogeneidade das situações ambientais nas áreas selecionadas, com o predomínio de pastagens com baixa regeneração natural, a estratégia principal para a restauração ecológica será orientada pela restauração ativa, com o plantio total de espécies nativas regionais. Essa metodologia será utilizada em todas as 11 áreas. Por outro lado, nos trechos das áreas 4 e 5, onde se identificou o potencial de expressão da regeneração natural, utilizar-se-á a restauração assistida, através da condução da regeneração natural e o plantio de adensamento, nas áreas abertas, com menor ocorrência de indivíduos regenerantes. O

monitoramento de longo prazo das ações de restauração será fundamental para identificar se as metodologias utilizadas estão sendo eficientes para promover a efetiva restauração dos processos e funções ecológicas, favorecendo ao ecossistema retornar a sua trajetória sucessional esperada. Esse monitoramento permitirá ao restaurador adotar ações corretivas caso o processo sucessional não ocorra conforme o planejado inicialmente.

### **3.1. Plantio Total Escalonado**

O Plantio Total Escalonado é um método de restauração ativa no qual são plantadas mudas de árvores e arbustos nativos que ocorrem nos ecossistemas regionais. Este método é indicado para áreas que, devido ao histórico de degradação, não possuem mais potencial para a autorregeneração. Conforme exposto anteriormente, nas áreas selecionadas predomina a ausência de espécies arbóreas nativas regenerantes em abundância e diversidade significativa. Quando ocorrem, estão restritas a pequenos trechos, portanto o plantio total escalonado é o método de restauração ecológica mais adequado para reverter os processos de degradação ambiental.

Esta estratégia de restauração utiliza espécies florestais com diferentes comportamentos (pioneeras, secundárias e/ou climáticas), ou de diferentes grupos ecológicos. As espécies nativas são reunidas em dois grupos funcionais, chamados de: **Grupo de Recobrimento e Grupo de Diversidade**. O uso desses dois grupos funcionais, permite o plantio de mudas de espécies nativas, com características ecológicas complementares.

O **Grupo de Recobrimento** é composto pelas espécies arbóreas nativas regionais que possuem rápido crescimento em altura e em formação de copa proporcionando o rápido fechamento da área (Tabela 4). Desse modo, ao se utilizar-se de espécies com essas características, consegue-se controlar a expansão das espécies de gramíneas exóticas através do rápido recobrimento (sombreamento) da área e proporcionar uma nova condição ambiental, que favoreça a germinação das sementes e o desenvolvimento das plântulas das espécies finais de sucessão florestal.

O fato de pertencer a um grupo funcional inicial na sucessão não implica em dizer que a espécie se encaixa no grupo de recobrimento. Para uma espécie pertencer a esse grupo ela deve ter como características, além do rápido crescimento, a capacidade de formar copa densa e ampla, sendo assim uma eficiente sombreadora do solo. Outra característica

desejável para as espécies do grupo de recobrimento é que elas possuam florescimento e produção precoce de sementes.

Tabela 4. Espécies do grupo de recobrimento recomendadas para o plantio total nas áreas degradadas

Família	Espécie (nome científico)	Nome popular
Anacardiaceae	<i>Spondias mombin</i> L.	Taperebá
Anacardiaceae	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Pau-pombo
Bignoniaceae	<i>Sparattosperma leucanthum</i> (Vell.) K.Schum.	Pau-d’arco-branco
Bixaceae	<i>Bixa arborea</i> Huber	Urucum-da-mata
Cannabaceae	<i>Trema micrantha</i> (L.) Blume	Crindiúva
Euphorbiaceae	<i>Alchornea triplinervia</i> (Spreng.) Müll.Arg.	Tapiá
Euphorbiaceae	<i>Croton urucurana</i> Baill.	Sangra-d’água
Euphorbiaceae	<i>Maprounea guianensis</i> Aubl.	Marmelinho-do-campo
Fabaceae	<i>Senegalia polyphylla</i> (DC.) Britton & Rose	Monjoleiro
Fabaceae	<i>Inga cylindrica</i> (Vell.) Mart.	Ingarana
Fabaceae	<i>Inga edulis</i> Mart.	Ingá-de-metro
Fabaceae	<i>Inga laurina</i> (Sw.) Willd.	Ingá-mirim
Fabaceae	<i>Inga marginata</i> Willd.	Ingá-bainha
Fabaceae	<i>Senna multijuga</i> (Rich.) H.S. Irwin & Barneby	Pau-cigarra
Hypericaceae	<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Choisy	Lacre
Hypericaceae	<i>Vismia japurensis</i> Reichardt	Lacre
Malvaceae	<i>Apeiba tibourbou</i> Aubl.	Pente-de-macaco
Malvaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutambo
Melastomataceae	<i>Bellucia grossularioides</i> L.	Goiaba de anta

No **Grupo de Diversidade** incluem-se as espécies que não possuem rápido crescimento e/ou boa cobertura de copa, mas são fundamentais para garantir a perpetuação da área plantada, já que é esse grupo que vai gradualmente substituir o grupo de recobrimento quando este entrar em senescência (morte), ocupando definitivamente a área. O grupo de diversidade se assemelha muito ao grupo referido em alguns projetos como grupo das **não-pioneiras (NP)**, comumente usados em projetos de restauração mais antigos, no entanto,

nesse grupo de diversidade entram também as espécies pioneiras que não cumprem a função de recobrimento, mas que cumprem outra função na restauração, como atração da fauna e espécies de outras formas de vida, não apenas arbóreas, como herbáceas, arbustivas, epífitas e lianas do interior da floresta. A propagação dessas espécies deve ser incentivada e acompanhada pelos geradores locais de conhecimento nos viveiros particulares da região, incentivando assim esse elo local da cadeia da restauração.

No anexo 1, apresentamos as espécies florestais que podem ser utilizadas na composição do grupo de diversidade. Nessa lista apresentamos as espécies que ocorrem nas fitofisionomias existentes na FLONA Bom Futuro. Para a composição da lista de espécies, foram consultadas as bases de dados disponíveis para região, principalmente a rede *speciesLink*.

O número de espécies de diversidade apresentadas no anexo 1, teve como objetivo oferecer ao restaurador, a maior diversidade possível de espécies, para que ele possa escolher em função da disponibilidade local. Salientamos que as espécies do grupo de diversidade serão responsáveis pela estrutura da floresta a ser formada, desta maneira especial atenção deve ser dispensada na seleção das espécies que irão compor esse grupo. Tendo em vista que as 11 áreas escolhidas se localizam na zona de manejo florestal da FLONA Bom Futuro, na mesma lista, foi apresentada os usos econômicos potenciais das espécies florestais, como forma a estimular a escolha de espécies permitam futuramente o uso múltiplo da floresta através da exploração sustentável de produtos madeireiros e não madeireiros.

Para as espécies do grupo de diversidade, deverão ser utilizadas no mínimo 80 espécies diferentes. Deve ser garantido que no mínimo 60 espécies diferentes sejam plantadas em cada área, correspondente a um hectare ou fração proporcional.

Resumidamente, as espécies do **grupo de recobrimento**, de crescimento mais rápido e boa cobertura, formam uma capoeira num curto espaço de tempo, sob a qual as espécies do **grupo de diversidade** crescerão e serão tutoradas pelas primeiras, até atingirem a condição dominante na floresta.

As espécies do grupo de Recobrimento deverão ser implantadas inicialmente e as do grupo de Diversidade serão plantadas no início do segundo ou terceiro ano (podendo ser em menos tempo, dependendo do sombreamento do solo), compondo assim unidades sucessionais que resultarão na gradual substituição de espécies dos diferentes grupos ecológicos no tempo (caracterizando o processo de sucessão).

A metodologia de plantio de mudas de recobrimento deve estar integrada ao plantio de espécies de adubo verde, o qual deve acontecer nas entrelinhas do recobrimento por meio

de semeadura direta. O adubo verde tem como principal função controlar a infestação de gramíneas agressivas durante os primeiros anos após a implantação do projeto, função essa substituída pelas espécies do recobrimento nos anos posteriores. Desse modo, o adubo verde irá tutorar as espécies de recobrimento, promovendo o rápido e efetivo sombreamento da área de plantio logo no primeiro ano, o que irá reduzir os custos com a manutenção de gramíneas invasoras. Essa adubação verde pode ser substituída por capina mecânica ou química ou até mesmo não ser realizada, mas a substituição por essas operações irá representar um custo maior, pois terão que ser realizadas pelo menos quatro vezes por ano nos primeiros 2 anos.

No plantio total escalonado, utilizaremos um número diferente de mudas entre os grupos de recobrimento e diversidade, tendo em vista que as áreas degradadas se encontram circundadas por florestas em bom estado de conservação e que apresentam significativa abundância e diversidade de espécies nativas. Essa estratégia foi desenvolvida com base na premissa de que as áreas em restauração serão enriquecidas com outras espécies vegetais através da dinâmica natural da paisagem, tendo em vista a integralidade dos ecossistemas que estão no entorno, que poderão contribuir com o fornecimento de sementes e propágulos de outras espécies vegetais.

### **3.1.1. Desenvolvimento do Plantio Total Escalonado**

A metodologia de plantio escalonado deve seguir as orientações abaixo:

- **Implantação:** Inicia-se com o plantio de mudas do grupo de recobrimento em espaçamento 3,0 x 3,0 m, somando 1.111 indivíduos por hectare. Este espaçamento possibilita um maior e mais rápido sombreamento do solo e diminui os gastos com manutenção, como o controle de competidores. Nas entrelinhas de plantio, deverão ser plantadas duas linhas de adubação verde, com espaçamento de 1 metro entre as linhas de plantio (**Figura 9, ver item 4.7.**) ou apenas uma linha de adubação verde, com espaçamento de 1,5 metro entre as linhas de plantio.

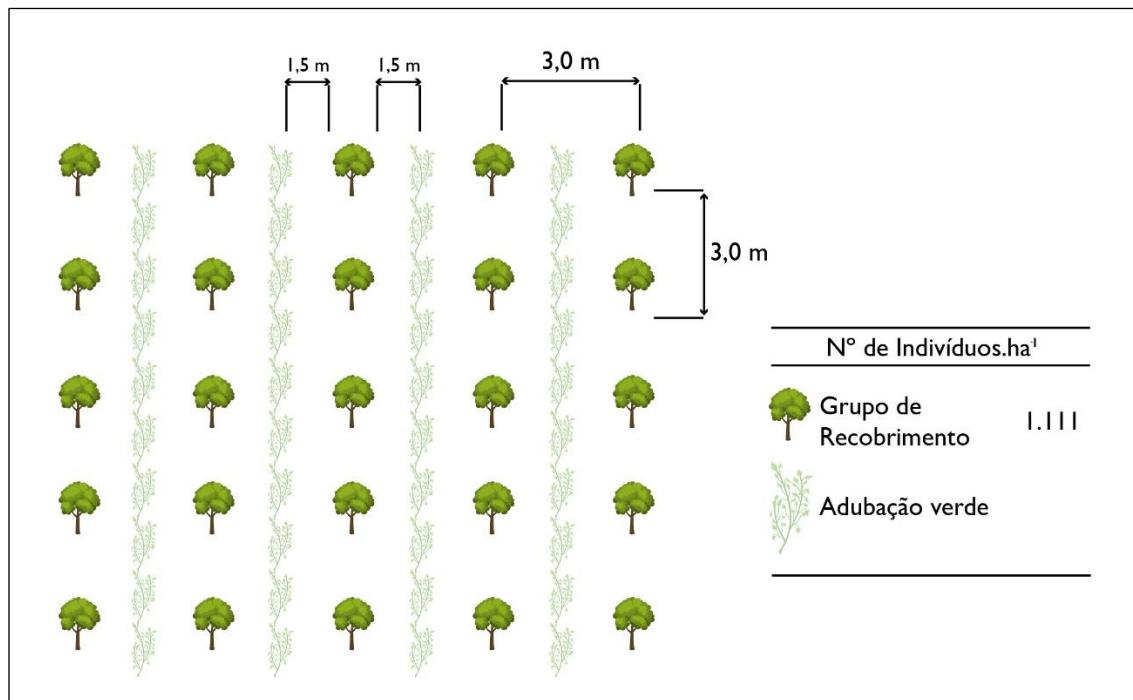


Figura 9. Modelo esquemático para a realização das atividades de plantio total com o grupo de recobrimento

- Plantio de diversidade:** As mudas do grupo de diversidade deverão ser plantadas em espaçamento 6,0 x 3,0 m, nas entrelinhas do grupo de recobrimento, somando 555 indivíduos por hectare (Figura 10). Este plantio deverá ser realizado um (1) ano após o plantio do grupo de recobrimento. Dessa forma, as espécies de diversidade terão um ambiente favorável com maior sombreamento, temperaturas mais baixas e pouca exposição à insolação e ventos.

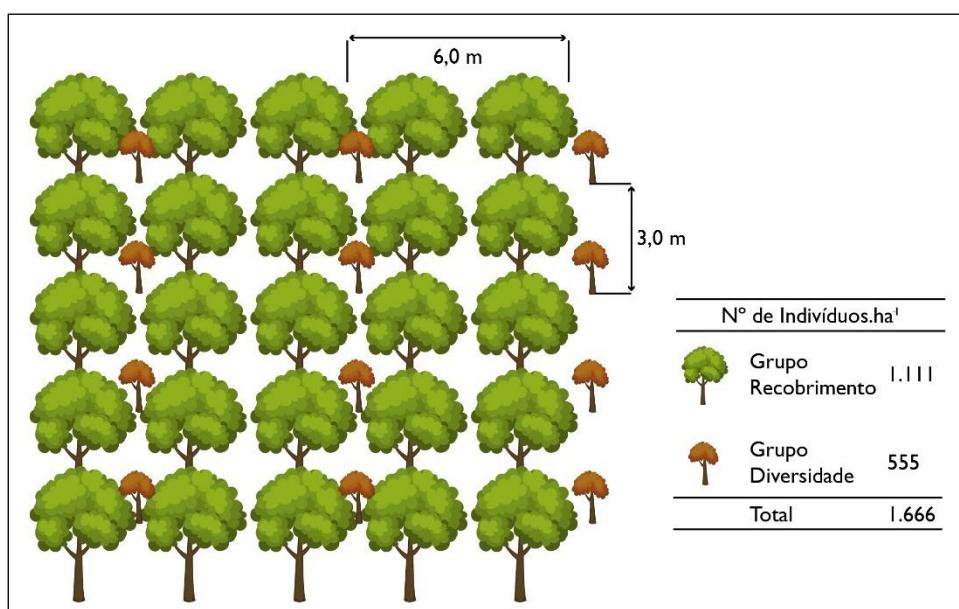


Figura 10. Modelo esquemático para a realização das atividades de enriquecimento com o grupo de diversidade

### **3.2. Condução da Regeneração Natural**

Como o próprio nome deixa claro, a regeneração natural consiste em todo e qualquer tipo de espécie vegetal nativa (ervas, arbustos, árvores) que surgiram naturalmente e estão se desenvolvendo nas áreas de restauração florestal. Seguramente que, para a restauração florestal, o mais interessante é que a regeneração natural seja composta preferencialmente por espécies de árvores, pois cada indivíduo com origem na regeneração natural é uma muda a menos a ser produzida/comprada para o plantio de restauração. No entanto, outras formas de vida vegetal, como arbustos e ervas, desde que nativos, são muito importantes no processo de sombreamento do solo e exclusão de espécies exóticas indesejadas, além de serem fornecedor de alimentos (frutos ou flores) que acabam atraindo espécies animais dispersoras de sementes.

Nesse contexto, conduzir a regeneração natural significa aplicar métodos biológicos, mecânicos ou químicos que visam eliminar ou controlar o desenvolvimento de espécies vegetais indesejadas ao mesmo tempo em que se favoreça o desenvolvimento de espécies de interesse na restauração florestal. Por aproveitar os indivíduos jovens pré-existentes na área a ser restaurada, a condução da regeneração contribui para a redução de custos, possibilitando ainda a preservação das espécies já adaptadas regionalmente, o incremento da diversidade de espécies e de formas de vida (espécies herbáceas, arbustivo-arbóreas, trepadeiras e palmeiras). Como resultado, é possível obter a floresta restaurada rapidamente, favorecendo o restabelecimento precoce de importantes processos ecológicos.

#### **3.2.1. Desenvolvimento da Condução de Regeneração Natural**

A condução da regeneração natural ocorre através do coroamento e limpeza periódica no entorno dos indivíduos regenerantes (plântulas e indivíduos jovens), ou pelo controle das gramíneas e das espécies arbóreas exóticas invasoras por toda a área (ver item 4.9). O controle de formigas cortadeiras também podem ser adotado como prática para evitar a perda de indivíduos regenerantes. Outra ação recomendável, que tem resultado na melhoria do desenvolvimento da regeneração natural, diz respeito à fertilização dos regenerantes o que propicia melhor desenvolvimento dos indivíduos arbóreos e cobertura da área em menor tempo.

Associado a condução da regeneração natural, recomendamos a realização de um Plantio de Adensamento, principalmente nas áreas mais abertas, onde o volume de gramíneas ainda é alto e impede o desenvolvimento das espécies nativas. Esta operação caracteriza-se pelo plantio de mudas de espécies do grupo de recobrimento nos espaços vazios, não ocupados pela regeneração natural. Esse procedimento visa controlar a expansão de espécies exóticas invasoras e favorecer o desenvolvimento das espécies nativas uniformemente por toda a área (Figura 11). Recomendamos a utilização de 800 indivíduos/hectare.

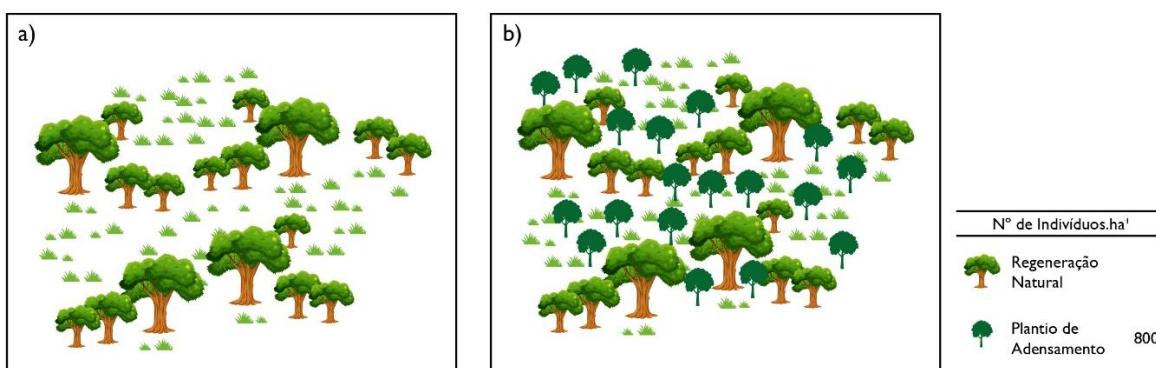


Figura 11. Condução da regeneração natural como método para a restauração da área degradada. (a) Indivíduos regenerantes com algumas áreas abertas. (b) Plantio de adensamento para acelerar o recobrimento da área auxiliando no processo de restauração ecológica.

### 3.3. Uso de espécies nativas regionais

Um dos fatores do sucesso dos projetos de restauração ecológica é a escolha adequada das espécies a serem utilizadas. Para tal, deve-se dar preferência para espécies nativas da região tanto para as espécies do grupo de recobrimento como do grupo de diversidade (Anexo 1), independentemente do método de restauração escolhido. Nunca deverá ser realizado o plantio de espécies exóticas e/ou invasoras que podem futuramente causar grandes prejuízos para seu controle ou retirada das áreas restauradas, além do risco da invasão de áreas naturais.

É importante que o restaurador tenha conhecimento técnico sobre as espécies utilizadas, evitando o uso de espécies que não sejam integrantes dos seus respectivos grupos, (o plantio de espécies do grupo de diversidade durante o plantio do grupo de recobrimento e vice-versa). Além disso, é importante que ocorra um balanceamento entre as espécies, evitando o plantio de muitos indivíduos de uma mesma espécie e pouco de outras.

## **4. Ações operacionais das metodologias de restauração**

Neste tópico descreveremos todas as ações operacionais que compõe as duas estratégias de restauração propostas para as 11 áreas: Plantio Total Escalonado e Condução da Regeneração Natural. A execução de cada operação deverá respeitar as particularidades locais.

### **4.1. Proteção contra incêndios (Aceiros)**

A ocorrência de incêndios acidentais será um desafio enorme para a restauração das áreas selecionadas. Para tanto, ações de prevenção e controle deverão ser implementadas com o início das ações de restauração, especialmente a construção dos aceiros (Figura 12).

A implantação dos aceiros deve ser realizada concomitantemente, com as atividades iniciais (limpeza e preparo de solo), otimizando assim, o uso de máquinas e equipamentos e aproveitando-se do momento que o solo ficará livre de vegetação.

Neste projeto foram considerados inicialmente, a construção de aceiros em trechos onde as áreas a serem restauradas, encontram-se lindeiras com as estradas que cruzam a FLONA Bom Futuro, pois são áreas de fácil acesso e maior probabilidade da ocorrência de incêndios criminais, o que é prática comum na região.

Como as 11 áreas possuem tamanhos variados, o planejamento dos talhões deverá ser feito para cada área, de acordo com as particularidades locais, o mesmo pode ser considerado em relação a necessidade de aceiros em áreas não lindeiras às estradas. É importante que os aceiros tenham uma largura mínima de pelo menos 6,0 m, de maneira a impedir a passagem do fogo. Importante destacar que os aceiros, devem ser mantidos sempre limpos evitando-se o acúmulo de material combustível no local.



Figura 12. Exemplo de aceiro, para a proteção de fragmento de áreas em restauração

#### 4.2. Controle de gramíneas

As gramíneas exóticas estão entre os principais fatores que dificultam a restauração ecológica de áreas degradadas. Algumas espécies de gramíneas liberam substâncias químicas no solo que inibem o crescimento de espécies nativas, processo este, conhecido como alelopatia. Outra característica negativa das gramíneas é a dificuldade estabelecida para que sementes mais leves, geralmente dispersas pelo vento ou por animais, atinjam o solo. Essa dificuldade não existe para as sementes mais pesadas, entretanto, todas as sementes enfrentam uma competição severa por água, luz e nutrientes, o que provoca muitas vezes a mortalidade das plântulas, logo após a sua germinação. Além disso, as gramíneas apresentam características fisiológicas que lhes permitem serem extremamente eficientes e seu ciclo fotossintético, permitindo um crescimento das plantas de maneira bastante veloz.

A escolha do método para o controle das gramíneas dependerá das condições locais da área a ser restaurada, da estratégia a ser adotada e dos fatores legais (legislação). Esse controle pode ser feito de forma mecânica, através da roçada manual ou mecanizada, ou química por meio do uso de herbicidas específicos, os quais também pode ser aplicado de forma manual ou mecânica. Ressalta-se que o uso conjugado de métodos de controle também pode ser necessário, dependendo da estratégia de recuperação, da área, do estado de competição e das plantas invasoras predominantes.

#### 4.2.1. Roçada Manual ou Semi-mecanizada

As roçadeiras costais geralmente são utilizadas para as operações de controle de gramíneas (Figura 13A), devendo ter sua lâmina de corte adaptada para tipos diferentes de plantas que se deseja controlar. Algumas situações que apresentam outras plantas invasoras como arbustos, árvores, lianas podem requerer outros tipos de ferramentas como foices, facões ou alfanges. O uso das roçadeiras costais, pode ser realizado em áreas com média densidade de afloramento rochoso e em áreas onde a regeneração natural é relevante, devendo, porém, a operação ser realizada de forma seletiva visando não danificar as plantas de interesse.

#### 4.2.2. Roçada Mecanizada

A roçada mecanizada é indicada para áreas com baixa densidade de afloramento rochoso ou sem afloramento rochoso e em locais onde a regeneração natural é muito baixa ou inexistente.

A roçada mecanizada pode ser realizada com trator de esteira ou de pneus, dependendo das condições do terreno (encharcamento e declividade), acoplada a uma roçadeira mecânica (Figura 13B). Esse implemento é bastante comum e não exige grande potência do trator. Possui alto rendimento em número de horas trabalhadas por hectare, baixando significativamente os custos dessa operação.



Figura 13. A) controle de gramíneas com a utilização de roçadeira-costal (semimecanizada). B) Controle de gramíneas com roçada mecanizada

#### 4.2.3. Aplicação manual de herbicidas

Essa modalidade de aplicação de herbicida é recomendada para áreas com restrição à aplicação mecanizada, como áreas com média densidade de afloramento rochoso, declive muito acentuado ou com elevada densidade de indivíduos regenerantes de espécies nativas.

A forma mais comum de aplicação manual de herbicida é através de bombas costais (Figura 14), no entanto, essa forma pode ser bastante desgastante para o operador, principalmente em terrenos mais declivosos e grandes áreas. Nessa modalidade, o aplicador caminha em linha reta pela área, aplicando o produto em faixas, utilizando para isso um pulverizador costal com capacidade de 20 litros ou pulverizadores de ultrabaixo volume.



Figura 14. Utilização de bomba costal para aplicação de herbicida

Os pulverizadores de ultrabaixo volume têm uma série de vantagens como: não necessita de caminhões-pipa para transporte de água; o herbicida é usado puro sem erros na diluição, com maior rendimento e eficácia; menor risco de deriva; resistente às chuvas num intervalo de 2 a 3 horas após a aplicação. O mesmo aparelho pode ser usado com campânula ou sem, adaptando-se perfeitamente às suas necessidades. Diâmetro de aplicação 45 cm próprio para limpeza entre ruas em culturas sensíveis e diâmetro de aplicação 120 cm para limpeza de áreas que não exigem maiores cuidados. A desvantagem é que por aplicar gotículas menores que rapidamente secam nas plantas, pode aumentar o risco de sobreposição e falhas na área aplicada. Recomenda-se a utilização de corante diluído juntamente com o herbicida para facilitar a visualização do operário para que o herbicida não seja aplicado duas vezes no mesmo local. Neste caso, deve-se tomar cuidado para o tipo de corante não seja tóxico para o ambiente.

Outra maneira de se aplicar o herbicida de maneira semimecanizada, é através da utilização de trator com mangueiras de pulverização. Nesta atividade utiliza-se um trator de 80 HP (ou com potência superior) e um tanque pulverizador, onde são adaptadas quatro mangueiras ou mais para a realização da pulverização. Nesse caso, é necessário um operador para o trator e quatro ajudantes que fazem a aplicação. Esta forma de aplicação é recomendada para áreas com muita regeneração natural ou com alta declividade, onde o trator possa se deslocar e chegar até determinado ponto para soltar as mangueiras para os aplicadores.

#### **4.2.4. Aplicação mecanizada de herbicidas**

Esse sistema consiste basicamente no uso de tratores com tanque acoplando que podem tanto pulverizar a área por meio de barras ou jatos laterais (Figura 15). Esse método tem algumas limitações, principalmente em áreas com regeneração natural de espécies nativas, pois pode prejudicar ou matar a planta nativa caso o herbicida venha a ser aplicado na mesma, porém o rendimento comparado a aplicação manual, é muito superior nas áreas planas, e que não apresentem regeneração natural.



Figura 15. Utilização de trator aplicação de herbicida.

Em todos os casos, deve ser observado o uso de equipamentos de proteção individual (EPI), além da adequada destinação das embalagens vazias.

#### 4.2.5. Controle de gramíneas nas áreas a serem restauradas

Nas 11 áreas selecionadas, o controle das gramíneas deverá ser realizado através da combinação dos métodos mecânicos e químicos, respeitando as particularidades de cada área. Como pode ser observado nas Figuras 5 a 7, as gramíneas exóticas estão com um tamanho muito grande, em alguns trechos as touceiras superam os 2 metros de altura. Portanto, o controle de gramíneas deverá ser realizado em duas etapas. Inicia-se o controle através do método mecânico, reduzindo a altura das touceiras. Neste método, ocorre apenas o corte da parte aérea das gramíneas, não matando as raízes. Dessa forma, logo após as primeiras chuvas, as touceiras irão brotar novamente, e será nesse momento que terá início o controle químico, através da aplicação de herbicidas. A combinação dos dois métodos de controle eliminará as gramíneas.

#### 4.3. Combate a formigas

Em áreas degradadas pelo homem é comum encontrar muitos formigueiros e cupinzeiros espalhados e que, se não forem controlados, poderão causar muitos danos as mudas plantadas durante o processo de restauração florestal. Desse modo, o controle de formigas cortadeiras, como as saúvas (*Atta sp.*) e quenquéns (*Acromyrmex sp.*) deve ser realizado nas áreas a serem restauradas e no seu entorno imediato. O controle consiste em utilizar 10 g de isca formicida (PA: Sulfluramida ou Fipronil) para cada olheiro distantes até 40 cm da sua entrada ou conforme recomendado pelo próprio fabricante. O controle deverá começar algumas semanas antes do preparo do solo e continuar sendo realizado regularmente até que a floresta esteja estabelecida e rustificada, sendo que isso ocorre geralmente após do segundo ano, com a diminuição de fertilizantes químicos, principalmente os nitrogenados que podem causar um desequilíbrio nutricional na planta, deixando-as mais suscetíveis as pragas e doenças.

Atualmente o uso de isca granulada acondicionada (saquinhos de 10 gramas, conhecidos como MIP's - micro-porta-iscas), é o método mais utilizado no combate a formigas cortadeiras em florestas, tanto comerciais como nativas plantadas, devido à facilidade de aplicação, à baixa toxicidade e, principalmente, aos bons resultados de controle obtidos com a sua aplicação (Figura 16). A utilização dos MIP's apresenta um rendimento operacional maior e uma melhor ergonomia devido à forma de distribuição das iscas pela

área. Recomenda-se a utilização de no mínimo 4kg/ha durante os primeiros anos de combate a formigas, podendo ocorrer redução na quantidade de produto utilizado ao longo dos anos conforme a redução do número de olheiros.



Figura 16. A) Controle de formigas cortadeiras, distribuição de MIP's pela área B) Aplicação de formicida com equipamento costal.

#### 4.4. Preparo de solo

O preparo de solo consiste em operações realizadas na área a ser restauradas visando a correção dos atributos físico-químicos do solo, facilitando o plantio, enraizamento e desenvolvimento das mudas. Dentre as operações realizadas destacamos: a descompactação do solo; e a correção da fertilidade. Abaixo descreveremos cada item individualmente.

##### 4.4.1. Calagem

A prática de aplicação de calcário no reflorestamento com espécies nativas, tem como objetivo principal aumentar a disponibilidade de Cálcio (Ca) e Magnésio (Mg) para as plantas, além de elevar os níveis da saturação de bases do solo, aumentando a carga de nutrientes no solo e reduzindo possíveis efeitos tóxicos do Alumínio (Al), quando em excesso. Recomendamos a aplicação de 2 toneladas/hectare, de preferência, calcário do tipo dolomítico, mas sem a necessidade de ter PRNT alto, pois a solubilização do calcário não

precisa ser rápida. A aplicação poderá ser feita de maneira manual ou mecanizada (Figura 17).

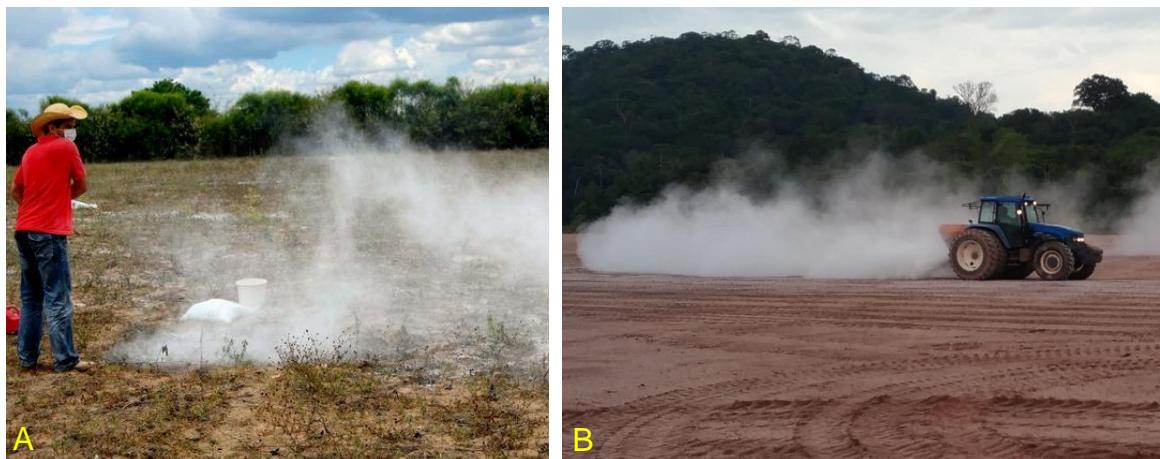


Figura 17. A) Aplicação manual de calcário e B) Aplicação mecanizada de calcário visando a elevação dos níveis de saturação de base dos solos

#### 4.4.2. Descompactação do solo (Abertura manual ou mecanizada de berços)

A descompactação do solo é uma atividade essencial para a restauração das áreas degradadas, pois através dela é possível eliminar as possíveis restrições impostas pela compactação do solo ao enraizamento e desenvolvimento das mudas. Esta operação poderá ser realizada de forma manual (motocoveadeiras, cavadeiras, enxadão) ou mecânica, de acordo com o nível de compactação, a topografia de cada local ou a estrutura existente para esse serviço na área de restauro.

Para a realização da abertura manual pode se utilizar a cavadeira ou enxadão (Figuras 18A e 18B). Os berços devem ter dimensões mínimas de 30 cm de largura x 40 cm de profundidade. Em caso de solos mais compactados profundamente deve-se aumentar as dimensões até que rompa essas camadas, chegando nas dimensões 40 cm de largura por 50 cm de profundidade. O uso de enxadão deve ser realizado somente em solos onde se tenha certeza de que não existe compactação após os 20 cm de profundidade, pois essa ferramenta fica limitada a essa camada, devido à altura de sua lâmina.



Figura 18. A) Abertura manual de berço com cavadeira. B) Abertura manual de berço com enxadão

Outro equipamento muito prático e apresentam bom rendimento em áreas não mecanizáveis são as motocoveadoras (Figura 19A). Existe hoje no mercado muitas marcas e modelos para uma ou duas pessoas. Suas brocas também podem ser contínuas, as quais retiram o solo do berço e as brocas próprias para plantio, com hastes laterais, as quais quebram a compactação do solo, sem retirá-lo do berço. Do ponto de vista operacional, esse segundo modelo possui a vantagem de não ter que devolver o solo para dentro do berço após a operação de abertura (Figura 19B).



Figura 19. A) Abertura de berço com utilização de motocoveadeira. B) Berço aberto com motocoveadeira de hastes laterais que quebram a compactação do solo, sem retirá-lo do berço.

Para áreas mecanizáveis e com solos que necessitem uma descompactação profunda recomenda-se o uso de subsoladores florestais (Figura 20) possibilitando o crescimento adequado das raízes e consequentemente o estabelecimento e o desenvolvimento das mudas nativas. A subsolagem tem como objetivo principal promover o rompimento de eventuais camadas compactadas do solo, facilitando o desenvolvimento radicular das mudas e aumentando a infiltração de água na linha de plantio. Recomenda-se a utilização de subsolador florestal que prepare o solo a uma profundidade mínima de 50 centímetros. A subsolagem nas linhas de plantio deve ser realizada sempre em nível.



Figura 20. A) Uso de subsolador para a descompactação do solo. B) Restaurador conferindo a profundidade da porção do solo subsolada com uma haste de metal.

A gradagem também é uma operação de preparo do solo, que pode ser utilizada tanto para a descompactação das camadas superficiais do solo, bem como para nivelar o solo, quebrando blocos de terra e deixando a área gradeada com aspecto mais uniforme. Além disso, esta operação também é utilizada como método para o controle de gramíneas e outras plantas daninhas, através do corte e incorporação ao solo dos restos vegetais existentes.

#### 4.5. Adubação verde

Para a implantação da semeadura de adubo verde é recomendada a utilização de um “mix” de espécies com funções e ciclos diferentes. Esse “mix” deve conter espécies: de pequeno e grande porte; e de ciclos anuais e perenes, pelos quais se garante a cobertura do solo nas entrelinhas por mais tempo. No entanto, todas as espécies de adubação verde devem sair do sistema de restauração logo após o desenvolvimento das espécies nativas de recobrimento. Em função disso, as espécies perenes de adubação verde que forem

selecionadas devem ser aquelas que não toleram sombreamento e nem tenha comportamento invasor.

Normalmente são utilizadas espécies de maior rusticidade e com grande poder de fixação de nitrogênio, tais como o Feijão-guandú, e algumas espécies de Crotalária (Figura 21). As sementes de espécies arbustivas nativas também são uma boa opção para compor o mix de adubação verde, como por exemplo, o assa-peixe (*Vernonia spp*), o alecrim (*Baccharis dracunculifolia*) e algumas espécies de *Senna spp*.

Os cálculos para executar essa semeadura deverão ser baseados nas quantidades de sementes recomendadas em literatura técnica especializada, a fim de que sejam semeadas por metro linear e/ou por hectare (Tabela 5). A quantidade recomendada em literatura para cada espécie deverá ser dividida pelo número de espécies usadas no mix, evitando assim uma competição excessiva entre elas.

Tabela 5. Espécies de adubação verde recomendadas para o uso

Nome Científico	Nome Popular	Nº Sem/Kg	Nº Sem/M Linear	Nº sem/Coveta	Kg totais/ha
<i>Crotalaria ochroleuca</i>	Crotalária	143.000	12,00	3	0,50
<i>Cajanus cajan</i>	Guandu-arboreo	7.700	16,00	4	7,0
<i>Crotalaria juncea</i>	Crotalária-juncea	18.000	12,00	3	2,5
		<b>56,00</b>	<b>14</b>	<b>10</b>	

É muito importante também deixar uma distância mínima das plantas de adubação verde em relação as plantas nativas para que não haja competição entre elas. Em campo, o plantio das linhas de adubação verde deverá ocorrer com uma distância mínima de 1 metro para a linha de plantio das mudas de espécies nativas (Figura 9).

Em área mecanizáveis, a adubação verde pode ser realizada com plantadeiras de grãos normalmente utilizadas na agricultura (Figura 21). Outra possibilidade é espalhar essas sementes em área total com uma adubadeira/calcariadeira e recobri-las com uma grade leve, no entanto, essa técnica não é recomendada em locais com gramíneas exóticas invasoras, pela competição muito forte entre elas.

É importante lembrar que as espécies de adubação verde, apesar de geralmente serem adaptadas a solos pobres em nutrientes, necessitam de quantidades mínimas dos mesmos para que possam se desenvolver. Em função disso, em solos muito pobres por degradação intensa, processos erosivos ou até mesmo mineração, a adubação verde irá ter problemas de desenvolvimento. Nesses casos, é necessário realizar uma fertilização de forma conjunta a

semeadura ou no desenvolvimento da planta. Isso pode ser realizado de diversas forma, aplicando o fertilizante por meio das plantadeiras, matracas ou carrinhos específicos para isso (Figura 21A). A quantidade de fertilizante a ser colocado na coveta da adubação verde corresponde a 5% do que seria colocado nos berços das mudas.

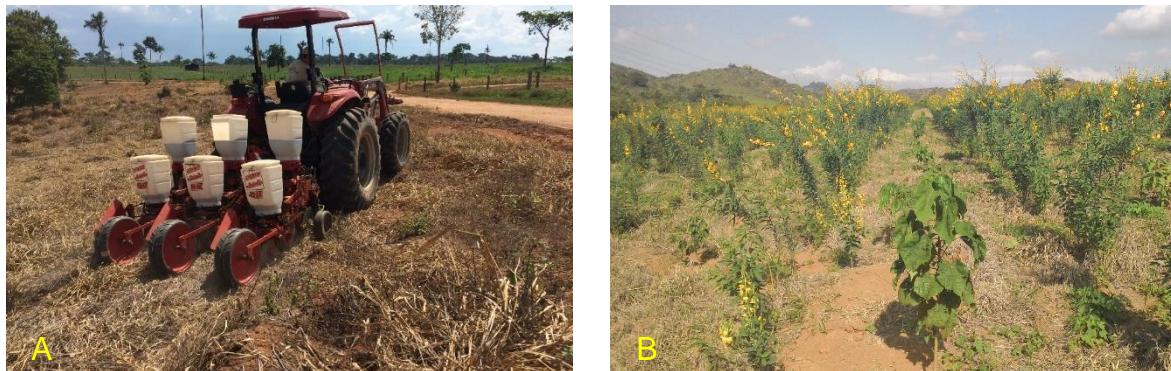


Figura 21. A) Semeadura de adubação verde com uso de plantadeira agrícola. B) Adubação verde na entrelinha de plantio de uma área em restauração.

#### 4.6. Características das mudas a serem utilizadas

A atividade de plantio de mudas, apesar de simples, apresenta algumas peculiaridades importantes para garantir uma maior sobrevivência da planta. Dentre as peculiaridades, a qualidade das mudas que serão utilizadas é de fundamental importância e devem seguir ao menos os seguintes atributos:

- i. Atributo fisiológico: refere-se a um bom desenvolvimento da muda como um todo, tanto da parte aérea, quanto da parte radicular e da sua rusticidade, que é o preparo feito em viveiro para a planta resistir as adversidades que encontrará no campo;
- ii. Atributo fitossanitário: As plantas não devem ir para o campo sem uma inspeção que comprove que os lotes estão isentos de pragas e doenças, além da presença de plantas invasoras;
- iii. Atributo genético: Se refere a qualidade genética dos lotes produzidos que são diretamente relacionados a quantidade de matrizes colhidas, número de fragmentos onde se encontram as matrizes e proximidade do local a ser restaurado;

iv. Atributo florístico: riqueza de espécies capaz de restaurar uma diversidade mínima que reestabeleça as funções da floresta e permitindo que a mesma se torne sustentável ao longo do tempo.

#### **4.7. Plantio de mudas nativas regionais**

Para o controle de ataques de cupins nas mudas em campo, recomendamos que as mudas tenham suas raízes mergulhadas em uma solução cupinicida de 5 g/L de Evidence (Figura 22).



Figura 22. Imersão das raízes da muda em solução cupinicida no campo antes do plantio

Após a imersão das raízes das mudas na solução cupinicida, e a distribuição das mudas no campo, as mesmas devem ser retiradas totalmente do seu recipiente (saquinho ou tubete), com cuidado para não danificar suas raízes. Após isso deve ser colocada no centro do berço, mantendo-se o colo um pouco abaixo do solo (2 a 3 cm), o qual deve ser levemente compactado. Especial atenção deve dada nesse processo, evitando erros operacionais que comprometem a sobrevivência e desenvolvimento das mudas.

Para o uso de mudas em tubetes, uma opção de grande rendimento operacional é utilizar a plantadora manual. Esse equipamento é constituído por um tubo com ponta cônica, o qual se abre quando acionado por um gatilho. Esse equipamento proporciona uma melhor ergonomia de trabalho e um melhor rendimento da operação de plantio, já que não é necessário se agachar para efetuar o plantio da muda. Trabalhando em pé, a pessoa introduz no solo a ponta cônica do tubo e depois coloca a muda dentro, tendo já retirado o tubete (Figura 23A). Quando ela chega ao final do tubo, é acionado o gatilho que abrirá sua ponta cônica, deixando a muda já na profundidade ideal de plantio.

Em seguida, deve realizar uma leve compactação ao redor da muda, fazendo pressão no solo ao redor da mesma com a ponta dos pés (Figura 23B). O importante é nunca deixar o substrato da muda exposto, pois pode funcionar como um “pavio”, perdendo boa parte da água por transpiração.



Figura 23. A) Plantio da muda através da utilização de plantadora. B) Leve compactação do solo no entorno da muda recém-plantada

Na Figura 24, é possível observar um conjunto de equipamentos que facilitam e imprimem velocidade na realização dos plantios.





Figura 24. A) Bornel para colocação de mudas. B) Colocação da muda na plantadeira. C) inserção da ponta do tubo no fundo da linha, liberando a muda. D) compactação do solo ao redor da muda com o pé

Durante a atividade do plantio propriamente dito, deve se ter especial atenção para evitar erros que impeçam o bom desenvolvimento das mudas e acabem ocasionando a mortalidade delas. Na Figura 25A, pode se observar uma muda plantada em cova rasa e já na Figura 25B, observa-se que o colo da muda ficou exposto, ou seja, fora do solo (cova).



Figura 25. A) Plantio em cova rasa e B) A muda não foi implantada adequadamente, ficando com o seu colo para fora do solo

#### 4.7. Replantio

O replantio consiste na reposição das mudas ou sementes que morreram, devendo ser realizado sempre que a mortalidade é superior a 5% até 60 dias após o plantio. O procedimento será o mesmo já descrito para o plantio. Dentro desse período não será necessário refazer o berço ou refazer a fertilização de base, caso já tenha sido realizada.

#### 4.8. Fertilização das mudas plantadas ou árvores regeneradas naturalmente na área

A fertilização consiste na correção dos atributos químicos do solo, para disponibilizar os macros e micronutrientes essenciais para o desenvolvimento das mudas plantadas e para os indivíduos regenerantes. Essa operação deverá ser planejada de acordo com as características edáficas locais, visto que a formulação dos adubos utilizados deve suprir a carência de nutrientes presente nos solos das áreas degradadas. Para este projeto, a recomendação de fertilização foi baseada nas análises de solo realizadas nas áreas degradadas que foram parte do *Projeto de reposição florestal de 325 hectares na Floresta Bom Futuro*, que foi parte do material de apoio fornecido pelos técnicos do ICMBio (Tabela 6).

Tabela 6. Resultado da análise do solo realizada em áreas degradadas da FLONA Bom Futuro. Células em vermelho indicam que os valores estão abaixo do esperado, em verde valores, médios ou altos

Determinações	Unidades	Perfil de solo (0-20cm)	Valores esperados
pH CaCl <sub>2</sub>		3,95	>5
M.O. Colorimétrica	g.dm <sup>-3</sup>	24,25	>40
P Resina	mg.dm <sup>-3</sup>	1	>12
K Resina	mmolc.dm <sup>-3</sup>	3,91	>1,5
Ca Resina	mmolc.dm <sup>-3</sup>	2,7	>10
Mg Resina	mmolc.dm <sup>-3</sup>	0,9	>5

Com base no resultado da análise química do solo, estabelecemos a recomendação da adubação a ser utilizada para a correção nutricional dos solos. Essa fertilização química poderá seguir os protocolos convencionais, com a adubação em duas etapas (adubação de base e adubação de cobertura), ou ser realizada com adubos de liberação lenta, cuja formulação permite que a adubação ocorra em apenas uma operação. Em muitos locais, o preço desses insumos tem diferenças significativas, portanto caberá ao restaurados optar por

qual protocolo utilizar. Neste projeto, consideramos a adubação convencional como base de cálculo para o custo da operação de fertilização.

Na tabela 7, apresentamos os valores dos principais macronutrientes do solo (Cálcio, Magnésio, Fósforo, Nitrogênio e Potássio), de acordo com a análise de solo realizada, bem como a quantidade mínima de cada nutriente que deve ser disponibilizada durante a adubação química. Também apresentamos como deverá ocorrer a adubação de base e a adubação de cobertura, bem como qual é a recomendação de adubação que deverá ser utilizada.

Tabela 7. Recomendação de adubação química para as plantas nativas na área de restauração. Células em vermelho indicam valores baixos, em verde indicam valores médios/bons

Nutrientes	Teor mínimo (0-20 cm)	Classificação	Necessidade de nutrientes em gramas por planta		Recomendação de fertilizante comercial
			Adubação de Base	Adubação de Cobertura (mudas com mais de 50 cm de diâmetro de copa)	
Cálcio (Ca)	2,7 mmolc/dm <sup>3</sup>	Baixo	aplicar calcário (2 ton./ha)	–	<b>Opção 1 – Adubação convencional</b>
Magnésio	0,9 mmolc/dm <sup>3</sup>	Baixo	aplicar calcário (2 ton./ha)	–	<b>Adubação de base:</b> 100 g/planta do adubo MAP (10% de N e 50% P) + 50 g/planta de FTE BR12 sob a projeção da copa (Boro: 1,8% Manganês: 2% Zinco: 9%)
Fósforo (P)	1 mg/dm <sup>3</sup>	Baixo	50 g de P 2O5/planta	–	<b>Adubação de Cobertura:</b> NPK 20-00-20 <b>210 g/planta dividido 3 x de 70 g cada</b> Com intervalo mínimo de 2 meses entre aplicações que devem ocorrer somente no período chuvoso.
Nitrogênio (N)	24,25 g/dm <sup>3</sup>	Médio	10 g de N/planta	20 g de N/planta	
Potássio (K+)	3,91 mmolc/dm <sup>3</sup>	Baixo	10 g de K2O/planta	10 g de K2O/planta	<b>Opção 2 – Adubação de dose única</b> 200 g/planta de 09-28-09 ou similar + micro contendo B, Mn e Zn

Baseado nos resultados das análises, para suprir as necessidades dos elementos pelas plantas como o Fósforo (P), o Nitrogênio (N), o Potássio (K), o Boro (B), o Cobre (Cu) e o Zinco (Zn) apresentamos 2 opções:

#### 4.8.1. Adubação convencional (aplicação em 4 vezes)

A adubação convencional, por conter produtos altamente salinos e lixiviáveis, apresenta a necessidade de muitas aplicações que devem ser realizadas para se obter um bom resultado. Neste caso, em função das análises de solo, foi determinado a seguinte adubação:

- **Adubação de base (no plantio):** 100 g/planta do adubo MAP (10% de N e 50% P) + 50 g/planta de FTE BR12 (Boro: 1,8% Manganês: 2% Zinco: 9%). O total desse adubo por planta deve ser dividido em 2 covetas laterais, enterradas a cerca de 15 cm da muda.
- **Adubação de Cobertura:** NPK 20-00-20 210 g/planta dividido 3 x de 70 g cada com intervalo mínimo de 2 meses entre aplicações que devem ocorrer somente no período chuvoso, sob a projeção da copa. Obs. A aplicação em doses maiores poderá matar a planta devido à alta salinidade.

A fertilização de base tem como objetivo principal o suprimento de Fosfato (P), nutriente essencial para o enraizamento e desenvolvimento inicial da muda. Por ser um nutriente pouco solúvel no solo, o P é colocado, em covetas laterais (Figuras 26 e 27) após o plantio e posteriormente cobertos com terra. É muito importante que seja utilizado um dosador para aplicação do fertilizante na medida certa.

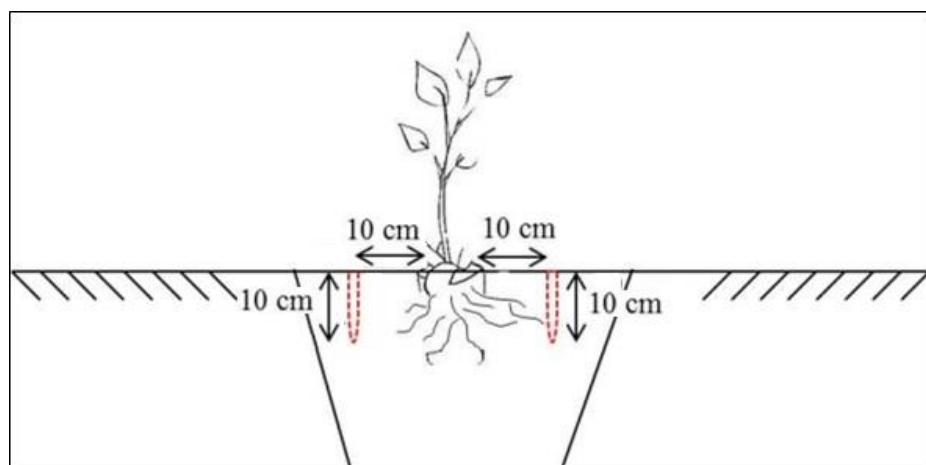


Figura 26. Modelo esquemático de abertura de covetas laterais para realização de adubação de base



Figura 27. A) Abertura de covetas laterais para realização de adubação de base. B) Colocação de adubo nas covetas laterais

A fertilização de cobertura tem como objetivo o fornecimento de Nitrogênio (N) e Potássio (K), além de outros micronutrientes essenciais ao desenvolvimento das árvores. Sua aplicação e deverá ocorrer de 60 a 90 dias após o plantio. Uma nova fertilização poderá ocorrer dentro de dois (2) anos, porém somente se for detectada alguma deficiência nutricional. Isso pode ser percebido visualmente ou por análises foliares, onde é possível definir com maior precisão os nutrientes faltantes. Essa operação deve realizadas sempre no período chuvoso, em formato de semicirculo (Figura 28) e somente nas plantas que tiverem pelo menos 50 cm de diâmetro de copa. Para que a fertilização não favoreça o crescimento de plantas invasoras, a aplicação do adubo deverá ser realizada após a capina química ou mecânica ou em condições de baixa infestação de mato.



Figura 28. A) Aplicação de adubo (fertilização de cobertura). B) Fertilização de cobertura realizada. Observar que o adubo foi disposto em semicírculo no entorno da muda

#### 4.8.2. Adubação de dose única

O fertilizante recomendado para esse procedimento é o NPK 09-28-09 + Micro (12,7 S + 0,37 B + 0,25 Cu + 0,25 Zn) somente na adubação de plantio (dose única) na quantidade de 200 g/planta, distribuídos em duas covetas laterais ao lado da muda plantada (Tabela 8).

Tabela 8. Características nutricionais do fertilizante florestal de liberação lenta. Formulação Plantio / Dose Única -Florestal (Dois Anos)

	<b>N</b>	<b>P<sub>2</sub>O<sub>5</sub></b>	<b>K<sub>2</sub>O</b>	<b>S</b>	<b>B</b>	<b>Cu</b>	<b>Zn</b>
Fertilizante Florestal 10-15-20	9,00%	28,00%	9,00%	12,71%	0,37%	0,25%	0,25%

**Nota:** É fundamental que este tipo de fertilizante seja comprado com a formulação específica para floresta. Deve ser adquirido de empresas idôneas nesse ramo, com liberação dos nutrientes programada ao longo de 2 anos após sua aplicação

#### 4.9. Manutenção dos plantios e da condução da regeneração natural

As ações de manutenção correspondem as ações realizadas após o plantio, principalmente o controle de gramíneas ao redor das mudas plantadas (coroamento) e nas entrelinhas de plantio, o combate a formigas e a fertilização de cobertura, nos termos já descritos anteriormente neste relatório. Essas ações também são utilizadas na condução da regeneração natural.

O coroamento consiste na remoção (manual) ou controle (químico) de toda e qualquer vegetação que existe em um raio de no mínimo 1 m ao redor da muda ou indivíduo regenerante que se deseja conduzir, para evitar a competição por água, luz e nutrientes com a vegetação herbácea (Figura 29).

O coroamento manual pode ser realizado com enxada, removendo a vegetação existente nesse raio de 1 metro. No final da tarefa, a área da coroa deverá estar livre da vegetação capinada mantendo a matéria seca na coroa para proteção do solo, e auxiliando na retenção da umidade e impedindo o desenvolvimento de competidoras.

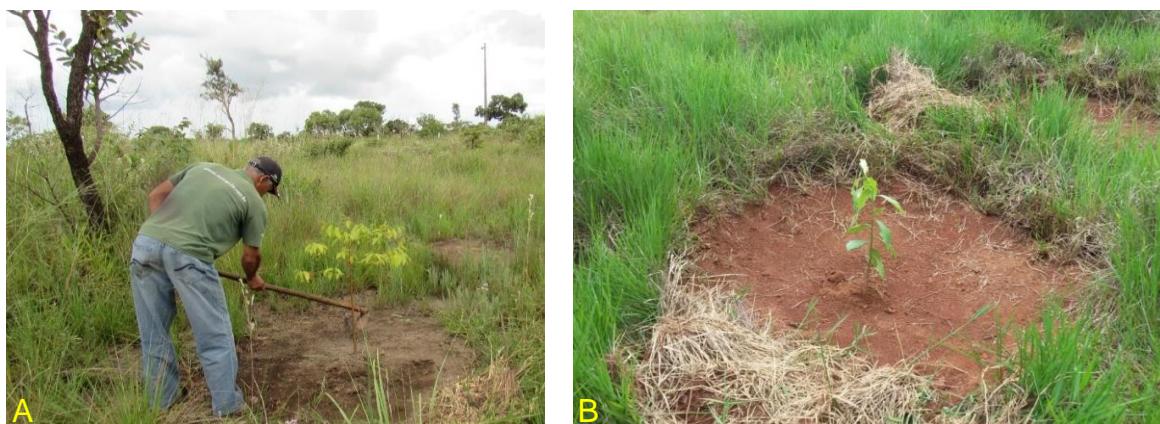


Figura 29. A) Atividade de coroamento sendo realizada com enxada. B) Muda após coroamento sem a proteção com a matéria seca no seu entorno

O coroamento químico consiste na aplicação de herbicida com a utilização de pulverizador costal, em um raio de 1 m ao redor da planta que se deseja conduzir ou da muda plantada. Esse herbicida pode tanto ser pós-emergente (glifosato) quanto pré-emergente que consegue prolongar bastante a ausência de plantas invasoras na coroa.

O coroamento químico é recomendado para indivíduos regenerantes ou mudas com porte maior (acima de 50 cm de altura), de forma a evitar o contato do herbicida com os regenerantes. Preferencialmente, deve-se utilizar métodos anti-deriva, como o chapéu de napoleão (estrutura plástica que envolve o bico do pulverizador) ou um bico especial para essa atividade (esses bicos geralmente distribuem a calda em gotas maiores e em jato dirigido, reduzindo a deriva do produto).

O controle de gramíneas exóticas e o combate a formigas, deverão ser realizados conforme descrito nos itens acima (item 4.2 e 4.3). Enquanto o controle de gramíneas poderá ser realizado através de operações mecânicas e/ou químicas, o combate a formigas será executado com iscas formicidas.

As manutenções de limpeza das áreas de restauração devem ser realizadas até que se obtenha o total sombreamento do solo pela copa das árvores plantadas ou regeneradas. Em média, deverão ser executadas de 6 a 8 intervenções ou capinas nesse período, até o sombreamento total da área. Com o uso de adubação verde, o número de capina deve cair para 2 ou 4, dependendo do seu desenvolvimento.

## 5. Cronograma de implantação e manutenção das ações de restauração florestal

A situação ambiental das áreas degradadas mostrou um padrão homogêneo, caracterizado por pastagem de gramíneas exóticas, geralmente sem regeneração natural, ou quando presente, com padrão espacial heterogêneo com predomínio da palmeira babaçu. Em apenas trechos de duas áreas degradadas, a regeneração natural se demonstrou mais abundante e diversa, com resiliência para iniciar uma capoeira que pudesse ser o início de uma nova estrutura florestal. Deste modo o Plantio Total Escalonado será a estratégia de restauração ecológica aplicadas nas áreas 1 – 11 (Tabela 1), embora em trechos das áreas 4 e 5 também seja utilizado a Condução da Regeneração Natural.

Como observado no tópico 4, a mesma operação de restauração ecológica pode ser executada na prática de maneira distinta, respeitando as particularidades locais de cada área a ser restaurada. Por exemplo, o controle de gramíneas em uma área sem regeneração natural, poderá ser executado com uma roçada mecanizada, enquanto em uma área com regeneração natural essa mesma atividade deverá ser realizada de uma forma manual ou semimecanizada, para evitar danos às árvores e arbustos regenerantes. Abaixo, descreveremos em tópico, o racional das duas estratégias de restauração ecológicas adotadas, bem como, apresentaremos os cronogramas operacionais das fases de implantação e manutenção.

### 5.1. Plantio Total Escalonado

As ações operacionais descritas no plantio total escalonado foram organizadas de acordo com a situação ambiental das áreas degradadas, de forma a reduzir o efeito dos fatores locais que pudessem interferir na sobrevivência e desenvolvimento das mudas plantadas. Dessa forma, as ações operacionais foram divididas em duas fases: Implantação e manutenção. Em todas as 11 áreas degradadas a sequência lógica das operações das fases de implantação e manutenção serão semelhantes.

A fase de implantação terá início com a limpeza geral da área, através do controle de gramíneas exóticas. Devido a elevada massa de gramíneas exóticas o controle será realizado de maneira conjugada (mecânico e químico). Inicia-se o controle com a roçada mecanizada. Esta operação deverá ser realizada no mínimo duas vezes em área total, visando reduzir a massa de gramíneas. Nos locais de difícil acesso e com presença de indivíduos regenerantes (e.g. babaçu), o controle deverá ser feito com o uso de roçadeira costal (ver item 4.2).

Na sequência terá início o preparo do solo, com a incorporação dos resíduos vegetais das gramíneas exóticas, por meio de execução, de pelo menos, três gradagens em área total. Recomendamos a aplicação de calcário (**2t/ha**) entre a 2º e 3º gradagem, como forma de maximizar a distribuição deste nutriente ao solo. A finalização do preparo de solo, acontecerá através da subsolagem das linhas de plantio das espécies do grupo de recobrimento, separadas entre si a cada três metros (Figura 6). Esta operação deverá respeitar as curvas de nível do terreno, evitando a futura ocorrência de processos erosivos.

Após a execução dessas operações, recomendamos deixar a área em pousio por no mínimo 15 dias. Este repouso será importante para o início das operações de combate a formigas cortadeiras e para que as sementes das gramíneas exóticas, que estavam presentes no banco de sementes, tenham tempo hábil para germinar e produzir novas touceiras. Neste momento inicia-se o controle das gramíneas exóticas, com a aplicação de herbicidas (**Glifosato – 7l/ha**) nas touceiras. Esta aplicação será realizada em área total (aplicação mecanizada e/ou manual, ver item 4.2).

Após o preparo do solo, terá início o plantio de mudas de espécies nativas regionais. Essa operação será realizada de forma escalonada, ou seja, no primeiro ano deverão ser plantadas apenas as espécies do grupo de recobrimento (Tabela 4), em espaçamento 3 x 3 m. (Figura 9). As espécies de diversidade serão plantadas no segundo ano, em espaçamento 6 x 3 m. (Figura 10).

A fertilização do plantio será a próxima atividade operacional. Caso seja utilizado a adubação convencional, está atividade ocorrerá em dois momentos, por meio de uma adubação de base e uma adubação de cobertura. A adubação também poderá ocorrer com apenas uma operação, através do uso de adubos de liberação lenta (ver item 4.8).

Na adubação de base, utilizar-se-á **100 g/planta** do adubo MAP (10% de N e 50% P) + **50 g/planta** de FTE BR12 (Boro: 1,8% Manganês: 2% Zinco: 9%), **totalizando 150 gramas** de adubo por planta, que deverão ser distribuídos em duas covetas laterais ao lado da muda. Na adubação de cobertura utilizar-se-á o adubo NPK 20-00-20, numa dose de 210 g/planta. Essa dosagem deverá ser distribuída em três aplicações (70g cada), com no mínimo 2 meses entre aplicações. Para aumentar o sucesso desta operação ela deverá ocorrer somente no período chuvoso, sob a projeção da copa. Importante, a aplicação do adubo de cobertura, em doses maiores que as recomendadas poderão matar a planta devido à alta salinidade.

Caso, em até 90 após o plantio, a taxa de mortalidade das mudas plantadas for superior a 20%, recomendamos a substituição das mudas mortas (Replantio). A tabela 9

apresenta o cronograma da fase de implantação para restauração florestal. Isto se aplica as 11 áreas em restauração que onde está previsto o plantio total escalonado.

Tabela 9. Cronograma da fase de implantação do método de Plantio Total Escalonado para a restauração das áreas degradadas na FLONA Bom Futuro

Atividades operacionais	Fase de Implantação							
	2021				2022			
	S	O	N	D	J	F	M	
Controle de gramíneas (Roçada mecanizada)	X	X	X					
Incorporação de resíduos (Gradagem)	X	X	X					
Calagem		X	X					
Subsolagem da linha de plantio de recobrimento		X	X					
Combate a formigas			X		X			
Controle de gramíneas (controle químico)			X	X	X			
Semeadura e fertilização do adubo verde (manual ou mecânica)				X	X			
Abertura de berço				X	X			
Plantio manual de mudas (grupo de recobrimento)				X	X			
Fertilização de base ou dose única nos berços (química)				X	X			
Replantio de mudas de espécies nativas					X	X		
Fertilização de cobertura (química)						X	X	

A fase de manutenção terá início imediatamente após a finalização do plantio das mudas do grupo de recobrimento. Para favorecer o sucesso na restauração das áreas degradadas e facilitar a execução das operações, a fase de manutenção será executada em duas fases, ao longo de dois anos. O cronograma da primeira fase de manutenção é demonstrado na Tabela 10.

Tabela 10. Cronograma da primeira fase de manutenção do método de Plantio Total Escalonado para a restauração das áreas degradadas na FLONA Bom Futuro

Atividades operacionais	1ª Fase de manutenção											
	2022						2023					
	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M
Combate a formigas	X			X			X			X		
Coroamento das mudas (controle químico)	X			X			X			X		
Controle de gramíneas (controle químico)							X	X				
Alinhamento/marcação/limpeza							X	X				
Abertura de berços									X	X		
Plantio de mudas (grupo de diversidade)									X	X		
Fertilização de base ou dose única									X	X		
Replantio (20%)										X	X	
Fertilização de cobertura*	X						X					
Manutenção de aceiros			X						X			

\*Adubação nas mudas do grupo de recobrimento

Na primeira fase de manutenção, as atividades operacionais envolverão o monitoramento sistemático da área, por meio do combate as formigas cortadeiras e o controle das gramíneas exóticas. O combate a formigas deverá ocorrer com o uso de iscas formicidas, enquanto o controle de gramíneas exóticas deverá ser realizado através da limpeza ao redor das mudas plantadas (coroamento). Ainda no primeiro ano deverá ser realizado o plantio das mudas do grupo de diversidade, em espaçamento 3 x 6 m. (Figura 10). A abertura dos berços de plantio será realizada manualmente, com o uso de uma motocoveadora (ver item 4.4.2.). Na sequência deverá ser realizado o plantio das mudas do grupo de diversidade, a fertilização de base e de cobertura, nos mesmos padrões realizados no momento do plantio de recobrimento. Caso em até 90 após o plantio, a taxa de mortalidade das mudas plantadas for superior a 20%, recomendamos a substituição das mudas mortas (Replantio).

Na segunda fase de manutenção, as operações de restauração ecológica envolverão apenas o controle de formigas e o controle das espécies de gramíneas exóticas. Caso seja

necessário, também poderá ser realizado uma fertilização de cobertura, porém apenas se houver indícios claros de deficiência nutricional nas árvores e arbustos plantados. O cronograma da segunda fase de manutenção é ilustrado na tabela 11

Tabela 10. Cronograma da segunda fase de manutenção do método de Plantio Total Escalonado para a restauração das áreas degradadas na FLONA Bom Futuro

Atividades operacionais	2ª Fase de manutenção									
	2023									
	A	M	J	J	A	S	O	N	D	
Combate de formigas de formigas	X			X			X		X	
Coroamento das mudas (controle químico)	X			X			X		X	
Controle de gramíneas (controle químico)	X						X			
Fertilização de cobertura*									X	
Manutenção de aceiro				X				X		

\*Adubação nas mudas do grupo de diversidade

## 5.2. Condução da Regeneração Natural

As ações operacionais propostas para os trechos das duas áreas com potencial de regeneração natural têm como objetivo estimular o desenvolvimento da vegetação regenerante de modo a produzir uma estrutura florestal inicial, semelhante a uma capoeira, para que se possa ter início os processos sucessão ecológica, com a alternância gradual das espécies ao longo do tempo. Para acelerar esse processo utilizaremos o plantio de mudas de espécies nativas, exclusivamente do grupo de recobrimento, nos locais onde a regeneração natural não seja tão homogênea, apresentando grandes vazios entre os arbustos e arvoreta regenerantes (ver item 4.9.).

As ações de restauração terão início com a identificação dos indivíduos regenerantes, associado ao coroamento ao redor de cada exemplar num raio mínimo de 1 metro. Esta atividade é importante para destacar os indivíduos regenerantes, que estão frequentemente rodeados por gramíneas exóticas, evitando o corte acidental, que pode ocorrer durante a roçada da área.

Nas áreas onde a regeneração natural for menos abundante, com a presença de espaços abertos dominados pelas gramíneas, será necessário o controle. Esta operação será realizada primeiramente com uma roçada semimecanizada, para reduzir a massa de gramíneas. Após essa operação, será efetuado o controle químico, através da aplicação de herbicida (Glifosato). Recomendamos que antes do início do controle químico a área fique em repouso por no mínimo 30 dias, para que as sementes de gramíneas, presentes no banco do solo, tenham tempo para germinar e se estabelecer. Durante o controle químico, também será realizado o coroamento químico dos indivíduos nativos regenerantes, que tiverem altura superior a 1 metro. O raio de aplicação deverá ser no mínimo 1 metro ao redor da planta.

Outra operação fundamental para o sucesso desta metodologia de restauração será o combate a formigas cortadeiras. Essa operação será realizada em toda área, com o uso de iscas formicidas (4 kg/ha).

Após o controle de gramíneas e o combate às formigas cortadeiras, a próxima operação de restauração florestal será a abertura de berços para o plantio de mudas de espécies nativas. A abertura ocorrerá com o uso de motocoveadora, e deverá ter dimensões mínimas de 50 x 50 x 50 cm. Este plantio deverá ser realizado exclusivamente nas áreas abertas e deverá ter densidade de 800 indivíduos/ha. Ressaltamos que no plantio de adensamento, deverão ser utilizadas espécies nativas exclusivamente do grupo de recobrimento (Tabela 4). A fertilização das mudas plantadas deverá seguir o padrão adotado no plantio total escalonado. A adubação deverá ocorrer em dois momentos. A adubação de base deverá ser realizada com 100 g/planta do adubo MAP (10% de N e 50% P) + 50 g/planta de FTE BR12(Boro: 1,8% Manganês: 2% Zinco: 9%), totalizando 150 gramas de adubo por planta, que deverão ser distribuídos em duas covetas laterais ao lado da muda.

A adubação de cobertura deverá ser realizada tanto nas mudas plantadas quanto nos indivíduos regenerantes. Nesta adubação utilizar-se-á o adubo NPK 20-00-20, numa dose de 210 g/planta. Essa dosagem deverá ser distribuída em três aplicações (70g cada), com no mínimo 2 meses entre aplicações. Para aumentar o sucesso desta operação ela deverá ocorrer somente no período chuvoso, sob a projeção da copa. Importante, a aplicação do adubo de cobertura, em doses maiores que as recomendadas poderão matar a planta devido à alta salinidade.

Caso, em até 90 após o plantio de adensamento, a taxa de mortalidade das mudas plantadas for superior a 20%, recomendamos a substituição das mudas mortas (Replantio). A tabela 12 apresenta o cronograma da fase de implantação para restauração florestal. Isto se aplica as 11 áreas em restauração que onde está previsto o plantio total escalonado.

Cronograma da fase de implantação do método de Plantio Total Escalonado para a restauração das áreas degradadas na FLONA Bom Futuro.

Tabela 12: Cronograma do método de Condução da Regeneração Natural para das áreas degradadas na FLONA Bom Futuro

Atividades operacionais	Fase de condução da regeneração						
	2021				2022		
	S	O	N	D	J	F	M
Identificação/coroamento dos regenerantes	X	X	X				
Controle de gramíneas (roçada semimecanizada)		X	X				
Calagem		X	X				
Combate a formigas	X	X	X	X	X	X	X
Controle de gramíneas (controle químico)			X	X			
Abertura de berços			X	X			
Plantio de mudas (grupo de recobrimento)				X	X		
Fertilização de base ou dose única nos berços				X	X		
Replantio de mudas					X	X	
Fertilização de cobertura					X	X	

A fase de manutenção terá início imediatamente após a finalização das atividades relacionadas a condução da regeneração natural e o plantio de adensamento. Para favorecer o sucesso na restauração das áreas degradadas e facilitar a execução das atividades operacionais, a manutenção será executada em duas fases ao longo de dois anos. O cronograma da primeira fase de manutenção é demonstrado na Tabela 13, e o da segunda fase na Tabela 14.

Tabela 13. Cronograma da primeira fase de manutenção para restauração florestal

Atividades operacionais	1ª Fase de manutenção												
	2022						2023						
	A	M	J	J	A	S	O	N	D	J	F	M	
Combate a formigas	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Coroamento dos regenerantes e mudas	X			X			X			X			
Controle de gramíneas (controle químico)							X			X			
Fertilização de cobertura		X				X							

Tabela 14. Cronograma da fase de implantação para restauração florestal

Atividades operacionais	2ª Fase de manutenção									
	2023									
	A	M	J	J	A	S	O	N	D	
Combate a formigas	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Coroamento dos regenerantes e mudas	X		X		X		X		X	X
Controle de gramíneas (controle químico)										X

## 5.2. Estimativa de custos para a restauração das áreas degradadas

Para a elaboração da estimativa de custo dos principais insumos utilizados neste projeto, realizamos a tomada de preço junto a diferentes fornecedores no município de Porto Velho, RO. Essa pesquisa de preço customizada permitiu que o cálculo do custo das operações de restauração ecológica fosse compatível com a economia local. Esta tomada de preço teve sido realizada na primeira quinzena de abril de 2021, portanto, o custo das operações estabelecidas neste projeto podem sofrer variações decorrentes da alteração dos preços no mercado regional.

Os rendimentos operacionais ( $\frac{\text{Hora.Homem}}{\text{hectare}}$  e  $\frac{\text{Hora.Máquina}}{\text{hectare}}$ ) para a execução das atividades de restauração florestal foi estabelecido com base nas situações ambientais observadas em campo associada a experiência da equipe de consultores na liderança de projetos realizados em áreas com características semelhantes, tanto pela localização espacial (Bioma Amazônico) quanto pelas condições locais com base no histórico de degradação de cada área.

Nas tabelas 15 e 16 são apresentadas respectivamente, as estimativas de custo para a restauração ecológica com a metodologia de Plantio Total Escalonado e com a Condução da Regeneração Natural com Plantio de Adensamento.

Tabela 15. Estimativa de custo para a restauração com o método de Plantio Total Escalonado (continua)

Implantação de plantio total escalonado			Rendimento		Dosagem		Custos Operacionais R\$			Tipo	Repetição	Custo total R\$/ha
FASE DE IMPLANTAÇÃO	Atividade	Máquina/equipamento	HH/ha <sup>1</sup>	HM/ha <sup>2</sup>	Dose/ha	Unid.	HH	HM	Insumo			
	Controle de gramíneas (roçada mecanizada)	Trator/roçadeira central	-	2	-	-	-	170,00	-	-	2	680,00
	Incorporação de resíduos (gradagem)	Trator/grade	-	2	-	-	-	170,00	-	-	3	1.020,00
	Calagem	Trator/calcariadeira	-	2	2.000	Kg	-	170,00	0,20	Calcário	1	740,00
	Subsolagem da linha de plantio de recobrimento	Trator/subsolador	-	2	-	-	-	170,00	-	-	1	340,00
	Combate de formigas	Iscas formicidas	1,5	-	4	Kg	25,00	-	18,00	Isca	2	219,00
	Controle de gramíneas (controle químico)	Tanque pulverizador com barra	-	2	7	Litro	-	170,00	40,00	Herbicida	1	620,00
	Controle de gramíneas (controle químico)	Pulverizador costal	3	-	7	Litro	25,00	-	40,00	Herbicida	1	355,00
	Semeadura de adubação verde	Trator/plantadeira	3	3	10	Kg	25,00	170,00	10,00	Sementes	1	685,00
	Abertura de berços	Motocoveadeira	10	-	1.111	Berço	25,00	-	-	-	1	250,00
	Mudas nativas	Mudas saquinhos/tubete	-	-	1.111	Muda	-	-	3,00	Mudas	1	3.333,00
	Plantio (tubete ou saquinho)	Manual/plantadeira	25	-	1.111	Unid.	25,00	-	-	Muda/Planta	1	625,00
	Fertilização de base (química)	Manual/dosador/chucho	6	-	170	Kg	25,00	-	5,00	Adubo	1	1.000,00
	Mudas replantio (20% de perda)	Mudas saquinhos/tubete	-	-	222	Muda	-	-	3,00	Mudas	1	666,00
	Replantio (20% de perda)	Manual/plantadeira	4	-	222	Unid.	25,00	-	-	Replantio	1	100,00
	Fertilização de cobertura (química)	Manual	8	-	80	Kg	25,00	-	3,50	Adubo	1	480,00
<b>SUBTOTAL 1</b>												<b>11.113,00</b>

<sup>1</sup> Hora.homem/hectare(ha); <sup>2</sup> Hora.máquina/hectare(ha); \* áreas onde houver impedimento para mecanização da operação

Tabela 15. Estimativa de custo para a restauração com o método de Plantio Total Escalonado (continua)

Implantação de plantio total escalonado			Rendimento		Dosagem		Custos Operacionais R\$			Tipo	Repetição	Custo total R\$/ha
1ª FASE DE MANUTENÇÃO E PLANTIO DE DIVERSIDADE	Atividade	Máquina/equipamento	HH/ha	HM/ha	Dose/ha	Unid.	HH	HM	Insumo			
	Combate de formigas	Iscas formicidas	1,5	-	3	Kg	25,00	-	18,00	Isca	4	366,00
	Coroamento das mudas (controle químico)	Pulverizador costal/chapéu de Napoleão	12	-	7	Litro	25,00	-	40,00	Herbicida	4	2.320,00
	Controle de gramíneas (controle químico) *	Pulverizador costal	10	-	7	Litro	25,00	-	40,00	Herbicida	1	530,00
	Alinhamento/marcação/limpeza	Manual/enxada/foice	35	-	-	-	25,00	-	-	-	1	875,00
	Abertura de berços	Motocoveadeira	20	-	-	Berço	25,00	-	-	-	1	500,00
	Mudas nativas	Mudas saquinhos/tubete	-	-	555	Muda	25,00	-	3,00	Mudas	1	1.665,00
	Plantio (tubete ou saquinho)	Manual/plantadeira	13	-	555	Unid.	25,00	-	-	Mudas	1	325,00
	Fertilização de base (química)	Manual/dosador/chucho	3	-	85	Kg	25,00	-	5,00	Adubo	1	500,00
	Mudas replantio (20% de perda)	Mudas saquinhos/tubete	-	-	111	Muda	25,00	-	3,00	Mudas	1	333,00
	Replantio (20% de perda)	Manual/plantadeira	2	-	111	Unid.	25,00	-	-	Replantio	1	50,00
	Fertilização de cobertura (química)	Manual	3	-	200	Kg	25,00	-	3,50	Adubo	3	925,00
	Manutenção de aceiros	Trator/grade/químico	-	1	-	-	-	170,00	-	-	2	340,00
<b>SUBTOTAL 2</b>												<b>8.729,00</b>

Tabela 15. Estimativa de custo para a restauração com o método de Plantio Total Escalonado (fim)

Implantação de plantio total escalonado			Rendimento		Dosagem		Custos Operacionais R\$			Tipo	Repetição	Custo total R\$/ha
2ª FASE DE MANUTENÇÃO	Atividade	Máquina/equipamento	HH/ha	HM/ha	Dose/ha	Unid.	HH	HM	Insumo			
	Combate de formigas	Iscas formicidas	1,5	-	3	Kg	25,00	-	18,00	Isca	4	366,00
	Coroamento das mudas (controle químico)	Pulverizador costal/chapéu de Napoleão	6	-	7	Litro	25,00	-	40,00	Herbicida	4	1.720,00
	Controle de gramíneas (controle químico)	Pulverizador costal	10	-	7	Litro	25,00	-	40,00	Herbicida	2	1.060,00
	Fertilização de cobertura (química)	Manual	3	-	160	Kg	25,00	-	3,50	Adubo	2	710,00
	Manutenção de aceiros	Trator/grade/químico	-	1	-	-	-	170,00	-	-	2	340,00
	SUBTOTAL 3											4.196,00

Custo total para a restauração ecológica com o método de Plantio Total Escalonado (Subtotal 1 + Subtotal 2 + Subtotal 3) = **R\$ 24.038,00/ha**

Tabela 16. Estimativa de custo para a restauração com o método de Condução da Regeneração Natural e Plantio de Adensamento (continua)

Condução de regeneração natural e plantio de adensamento			Rendimento		Dosagem		Custos Operacionais R\$			Tipo	Repetição	Custo total R\$/ha
FASE DE CONDUÇÃO DE REGENERAÇÃO E PLANTIO DE ADENSAMENTO	Atividade	Máquina/equipamento	HH/ha	HM/ha	Dose/ha	Unid.	HH	HM	Insumo			
	Identificação/coroamento regenerantes	Manual/enxada/foice	25	-	-	-	25,00	-	-	-	1	625,00
	Controle de gramíneas (roçada semimecanizada)	Trator/roçadeira central	20	-	-	-	25,00	-	-	-	1	500,00
	Calagem	Manual	8	-	-	-	25,00	-	-	-	1	200,00
	Combate de formigas	Iscas formicidas	1,5	-	4	Kg	25,00	-	18,00	Isca	2	219,00
	Controle de gramíneas (controle químico)	Pulverizador costal/chapéu napoleão	10	-	7	Litro	25,00	-	40,00	Herbicida	2	1.060,00
	Abertura de berços	Motocoveadeira	30	-	-	-	25,00	-	-	-	1	750,00
	Mudas nativas	Mudas saquinhos/tubete	-	-	800	Mudas	-	-	3,00	Mudas	1	2.400,00
	Plantio (tubete ou saquinho)	Manual/plantadeira	18	-	800	Unid.	25,00	-	-	-	1	450,00
	Fertilização de base (química)	Manual/dosador/chucho	6	-	120	Kg	25,00	-	5,00	Adubo	1	750,00
	Mudas replantio (20% de perda)	Mudas saquinhos/tubete	-	-	160	Mudas	25,00	-	3,00	Mudas	1	480,00
	Replantio (20% de perda)	Manual/plantadeira	4	-	160	Unid.	25,00	-	-	Replantio	1	100,00
	Fertilização de cobertura (química)	Manual	10	-	120	Kg	25,00	-	3,50	Adubo	1	670,00
<b>SUBTOTAL 1</b>												<b>8.204,00</b>

Tabela 16. Estimativa de custo para a restauração com o método de Condução da Regeneração Natural e Plantio de Adensamento (fim)

Condução de regeneração natural e plantio de adensamento			Rendimento		Dosagem		Custos Operacionais R\$			Tipo	Repetição	Custo total R\$/ha
1 <sup>a</sup> FASE DE MANUTENÇÃO	Atividade	Máquina/equipamento	HH/ha	HM/ha	Dose/ha	Unid.	HH	HM	Insumo			
	Combate de formigas	Iscas formicidas	1,5	-	4	Kg	25	-	18,00	Isca	4	438,00
	Coroamento dos regenerantes e mudas (controle químico)	Pulverizador costal/chapéu napoleão	12	-	7	Litro	25	-	40,00	Herbicida	4	2.320,00
	Controle de gramíneas (controle químico)	Pulverizador costal	10	-	7	Litro	25	-	40,00	Herbicida	2	1.060,00
	Fertilização de cobertura (química)	Manual	10	-	240	Kg	25,00	-	3,50	Adubo	2	1.340,00
	SUBTOTAL 2											5.158,00
Condução de regeneração natural e plantio de adensamento			Rendimento		Dosagem		Custos Operacionais R\$			Tipo	Repetição	Custo total R\$/ha
2 <sup>a</sup> FASE DE MANUTENÇÃO	Atividade	Máquina/equipamento	HH/ha	HM/ha	Dose/ha	Unid.	HH	HM	Insumo			
	Combate de formigas	Iscas formicidas	1,5	-	3	Kg	25	-	18,00	Isca	4	366,00
	Coroamento dos regenerantes e mudas (controle químico)	Pulverizador costal/chapéu napoleão	12	-	7	Litro	25	-	40,00	Herbicida	4	2.320,00
	Controle de gramíneas (controle químico) *	Pulverizador costal	10	-	7	Litro	25	-	40,00	Herbicida	1	530,00
SUBTOTAL 3												3.216,00

Custo total para a restauração ecológica com o método de Condução da Regeneração Natural e Plantio de Adensamento (Subtotal 1 + Subtotal 2 + Subtotal 3) = **R\$ 16.578,00/ha**

### 5.2.1. Área 1

- Área: 75,5 ha;
- Situação Ambiental: Pasto sem regeneração natural de espécies nativas;
- Método de Restauração Ecológica: Plantio Total Escalonado;
  - Grupo de Recobrimento (1.111 ind./ha);
  - Grupo de Diversidade (555 ind./ha);
  - Uso de adubação verde para controle de gramíneas exóticas;
- Localização da Área 1 na FLONA Bom Futuro (Figura 30).

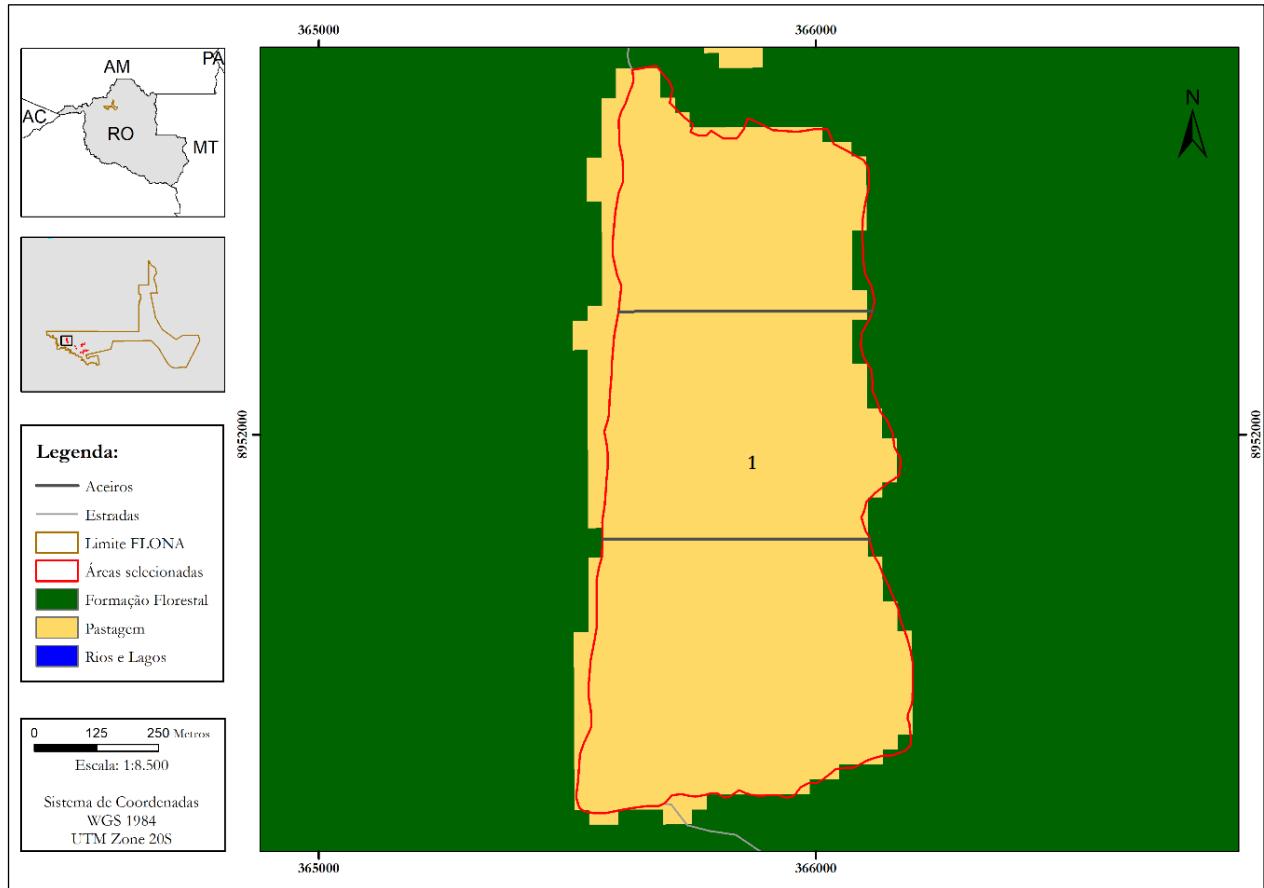


Figura 30. Situação ambiental na Área 1

A estimativa de custo para a restauração da Área 1 é apresentada na Tabela 17. O custo total, envolvendo a implantação e manutenção da área, pelo período de 2 anos foi estimado em **R\$ 1.756.713,70 (Um milhão setecentos e cinquenta e seis mil setecentos e treze reais e setenta centavos).**

Tabela 17. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 1 (continua)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
FASE DE IMPLANTAÇÃO	Atividades operacionais		
Atividades operacionais	Controle de gramíneas (roçada mecanizada)	2	51.102,00
	Incorporação de resíduos (gradagem)	3	76.653,00
	Calagem	1	55.611,00
	Subsolagem da linha de plantio de recobrimento	1	25.551,00
	Combate de formigas	2	16.457,85
	Controle de gramíneas (controle químico mecanizado)	1	46.593,00
	Controle de gramíneas (controle químico semimecanizado)	1	26.678,25
	Semeadura de adubação verde	1	51.477,75
	Abertura de berços	1	18.787,50
	Mudas nativas	1	250.474,95
	Plantio (tubete ou saquinho)	1	46.968,75
	Fertilização de base (química)	1	75.150,00
	Mudas replantio (20% de perda)	1	50.049,90
	Replantio (20% de perda)	1	7.515,00
	Fertilização de cobertura (química)	1	36.072,00
<b>SUBTOTAL 1</b>			<b>835.141,95</b>

Tabela 17. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 1 (fim)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
1ª FASE DE MANUTENÇÃO E PLANTIO DE DIVERSIDADE	Combate de formigas	4	27.504,90
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	174.348,00
	Controle de gramíneas (controle químico)	1	39.829,50
	Alinhamento/marcação/ limpeza	1	65.756,25
	Abertura de berços	1	37.575,00
	Mudas nativas	1	125.124,75
	Plantio (tubete ou saquinho)	1	24.423,75
	Fertilização de base (química)	1	37.575,00
	Mudas replantio (20% de perda)	1	25.024,95
	Replantio (20% de perda)	1	3.757,50
	Fertilização de cobertura (química)	3	69.513,75
	Manutenção de aceiros	2	680,00
<b>SUBTOTAL 2</b>			<b>631.113,35</b>
Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
2ª FASE DE MANUTENÇÃO	Combate de formigas	4	27.504,90
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	129.258,00
	Controle de gramíneas (controle químico)	2	79.659,00
	Fertilização de cobertura (química)	2	53.356,50
	Manutenção de aceiros	2	680,00
	<b>SUBTOTAL 3</b>		<b>290.458,40</b>

O custo estimado (implantação e manutenção) é de **R\$ 1.756.713,70 (Um milhão setecentos e cinquenta e seis mil setecentos e treze reais e setenta centavos)**.

### 5.2.2. Área 2

- Área: 23,70 ha;
- Situação Ambiental: Pasto sem regeneração natural de espécies nativas;
- Método de Restauração Ecológica: Plantio Total Escalonado;
  - Grupo de Recobrimento (1.111 ind./ha);
  - Grupo de Diversidade (555 ind./ha);
  - Uso de adubação verde para controle de gramíneas exóticas;
- Localização da Área 2 na FLONA Bom Futuro (Figura 31).

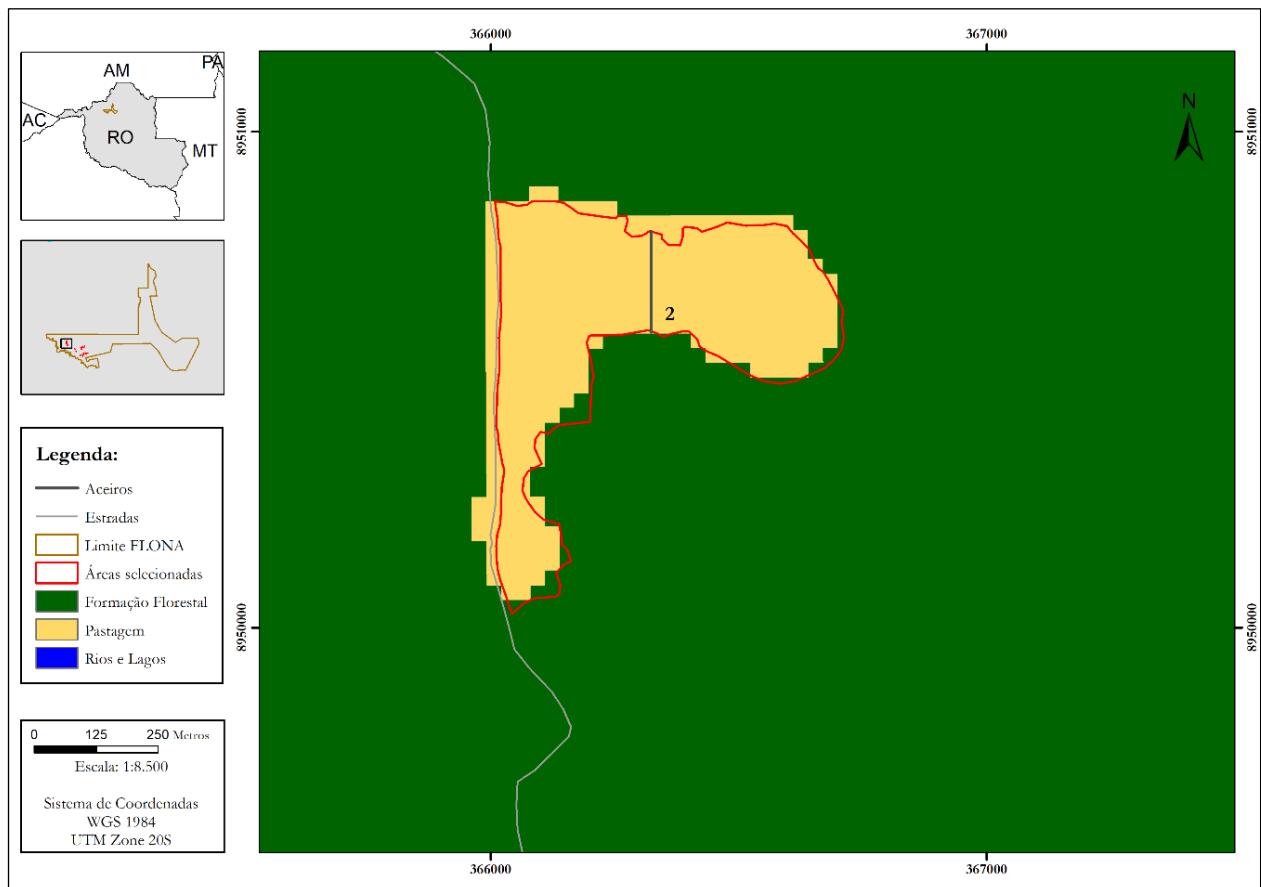


Figura 31. Situação ambiental na Área 2

A estimativa de custo para a restauração da Área 2 é apresentada na Tabela 18. O custo total, envolvendo a implantação e manutenção da área, pelo período de 2 anos foi estimado em **R\$ 554.944,60 (Quinhentos e cinquenta e quatro mil novecentos e quarenta e quatro reais e sessenta centavos).**

Tabela 18. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 2 (continua)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
Controle de gramíneas (roçada mecanizada)	2	16.116,00	FASE DE IMPLANTAÇÃO
Incorporação de resíduos (gradagem)	3	24.174,00	
Calagem	1	17.538,00	
Subsolagem da linha de plantio de recobrimento	1	8.058,00	
Combate de formigas	2	5.190,30	
Controle de gramíneas (controle químico mecanizado)	1	14.694,00	
Controle de gramíneas (controle químico semimecanizado)	1	8.413,50	
Semeadura de adubação verde	1	16.234,50	
Abertura de berços	1	5.925,00	
Mudas nativas	1	78.992,10	
Plantio (tubete ou saquinho)	1	14.812,50	
Fertilização de base (química)	1	23.700,00	
Mudas replantio (20% de perda)	1	15.784,20	
Replantio (20% de perda)	1	2.370,00	
Fertilização de cobertura (química)	1	11.376,00	
<b>SUBTOTAL 1</b>			<b>263.378,10</b>

Tabela 18. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 2 (fim)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
1ª FASE DE MANUTENÇÃO E PLANTIO DE DIVERSIDADE	Combate de formigas	4	8.674,20
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	54.984,00
	Controle de gramíneas (controle químico)	1	12.561,00
	Alinhamento/marcação/ limpeza	1	20.737,50
	Abertura de berços	1	11.850,00
	Mudas nativas	1	39.460,50
	Plantio (tubete ou saquinho)	1	7.702,50
	Fertilização de base (química)	1	11.850,00
	Mudas replantio (20% de perda)	1	7.892,10
	Replantio (20% de perda)	1	1.185,00
	Fertilização de cobertura (química)	3	21.922,50
	Manutenção de aceiros	2	680,00
<b>SUBTOTAL 2</b>			<b>199.499,30</b>
Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
2ª FASE DE MANUTENÇÃO	Combate de formigas	4	8.674,20
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	40.764,00
	Controle de gramíneas (controle químico)	2	25.122,00
	Fertilização de cobertura (química)	2	16.827,00
	Manutenção de aceiros	2	680,00
	<b>SUBTOTAL 3</b>		<b>92.067,20</b>

O custo estimado (implantação e manutenção) é de **R\$ 554.944,60 (Quinhentos e cinquenta e quatro mil novecentos e quarenta e quatro reais e sessenta centavos).**

### 5.2.3. Área 3

- Área: 10,30 ha;
- Situação Ambiental: Pasto sem regeneração natural de espécies nativas;
- Método de Restauração Ecológica: Plantio Total Escalonado;
  - Grupo de Recobrimento (1.111 ind./ha);
  - Grupo de Diversidade (555 ind./ha);
  - Uso de adubação verde para controle de gramíneas exóticas;
- Localização da Área 3 na FLONA Bom Futuro (Figura 32).

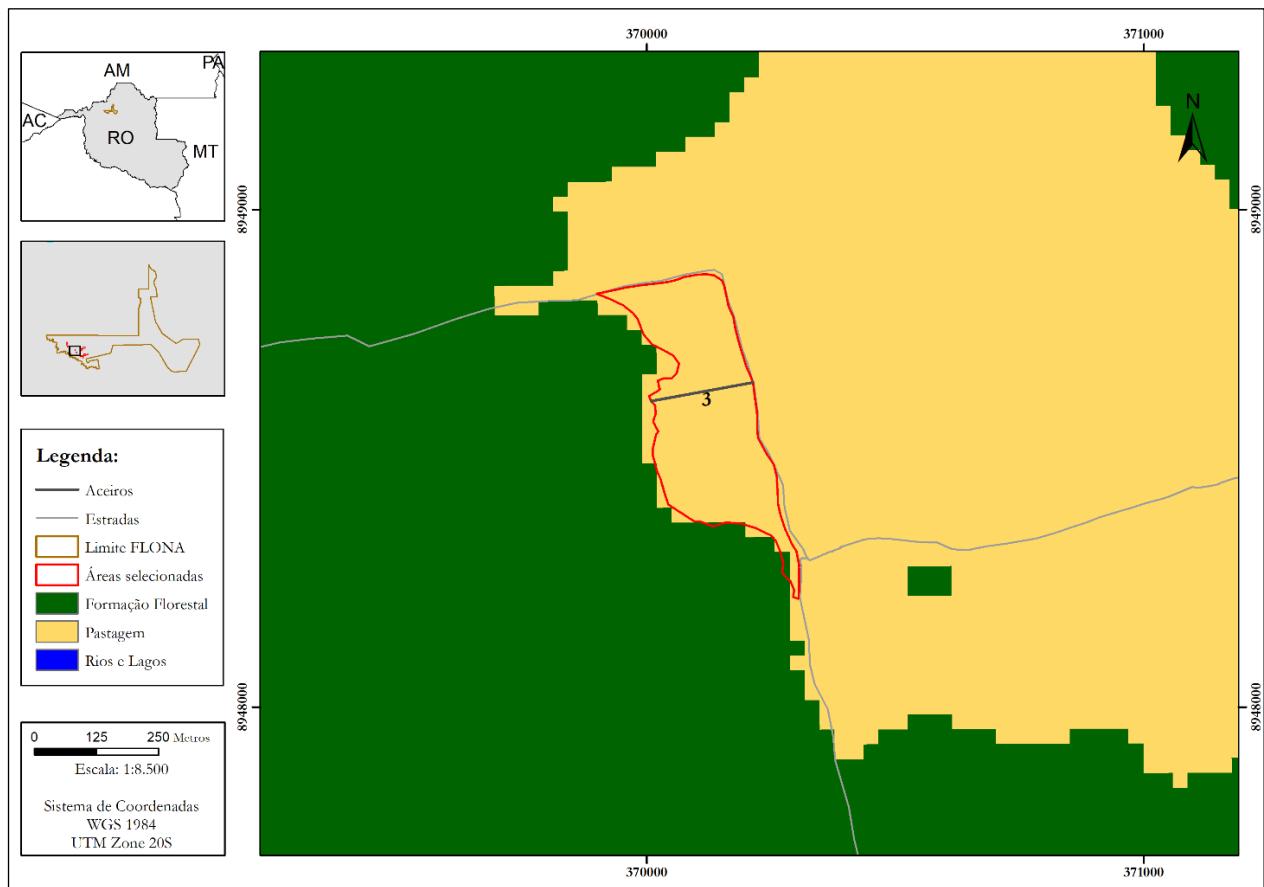


Figura 32. Situação ambiental na Área 3

A estimativa de custo para a restauração da Área 3 é apresentada na Tabela 19. O custo total, envolvendo a implantação e manutenção da área, pelo período de 2 anos foi estimado em **R\$ 241.267,40 (Duzentos e quarenta e um mil duzentos e sessenta e sete reais e quarenta centavos)**.

Tabela 19. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 3 (continua)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
Controle de gramíneas (roçada mecanizada)	2		7.004,00
Incorporação de resíduos (gradagem)	3		10.506,00
Calagem	1		7.622,00
Subsolagem da linha de plantio de recobrimento	1		3.502,00
Combate de formigas	2		2.255,70
Controle de gramíneas (controle químico mecanizado)	1		6.386,00
Controle de gramíneas (controle químico semimecanizado)	1		3.656,50
Semeadura de adubação verde	1		7.055,50
Abertura de berços	1		2.575,00
Mudas nativas	1		34.329,90
Plantio (tubete ou saquinho)	1		6.437,50
Fertilização de base (química)	1		10.300,00
Mudas replantio (20% de perda)	1		6.859,80
Replantio (20% de perda)	1		1.030,00
Fertilização de cobertura (química)	1		4.944,00
<b>SUBTOTAL 1</b>			<b>114.463,90</b>

FASE DE IMPLANTAÇÃO

Tabela 19. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 3 (fim)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
1ª FASE DE MANUTENÇÃO E PLANTIO DE DIVERSIDADE	Combate de formigas	4	3.769,80
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	23.896,00
	Controle de gramíneas (controle químico)	1	5.459,00
	Alinhamento/marcação/ limpeza	1	9.012,50
	Abertura de berços	1	5.150,00
	Mudas nativas	1	17.149,50
	Plantio (tubete ou saquinho)	1	3.347,50
	Fertilização de base (química)	1	5.150,00
	Mudas replantio (20% de perda)	1	3.429,90
	Replantio (20% de perda)	1	515,00
	Fertilização de cobertura (química)	3	9.527,50
	Manutenção de aceiros	2	340,00
<b>SUBTOTAL 2</b>			<b>86.746,70</b>
Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
2ª FASE DE MANUTENÇÃO	Combate de formigas	4	3.769,80
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	17.716,00
	Controle de gramíneas (controle químico)	2	10.918,00
	Fertilização de cobertura (química)	2	7.313,00
	Manutenção de aceiros	2	340,00
	<b>SUBTOTAL 3</b>		<b>40.056,80</b>

O custo estimado (implantação e manutenção) é de **R\$ 241.267,40 (Duzentos e quarenta e um mil duzentos e sessenta e sete reais e quarenta centavos).**

#### 5.2.4. Área 4a

- Área: 15,49 ha;
- Situação Ambiental: Pasto sem regeneração natural de espécies nativas;
- Método de Restauração Ecológica: Plantio Total Escalonado;
  - Grupo de Recobrimento (1.111 ind./ha);
  - Grupo de Diversidade (555 ind./ha);
  - Uso de adubação verde para controle de gramíneas exóticas;
- Localização da Área 4a na FLONA Bom Futuro (Figura 33).

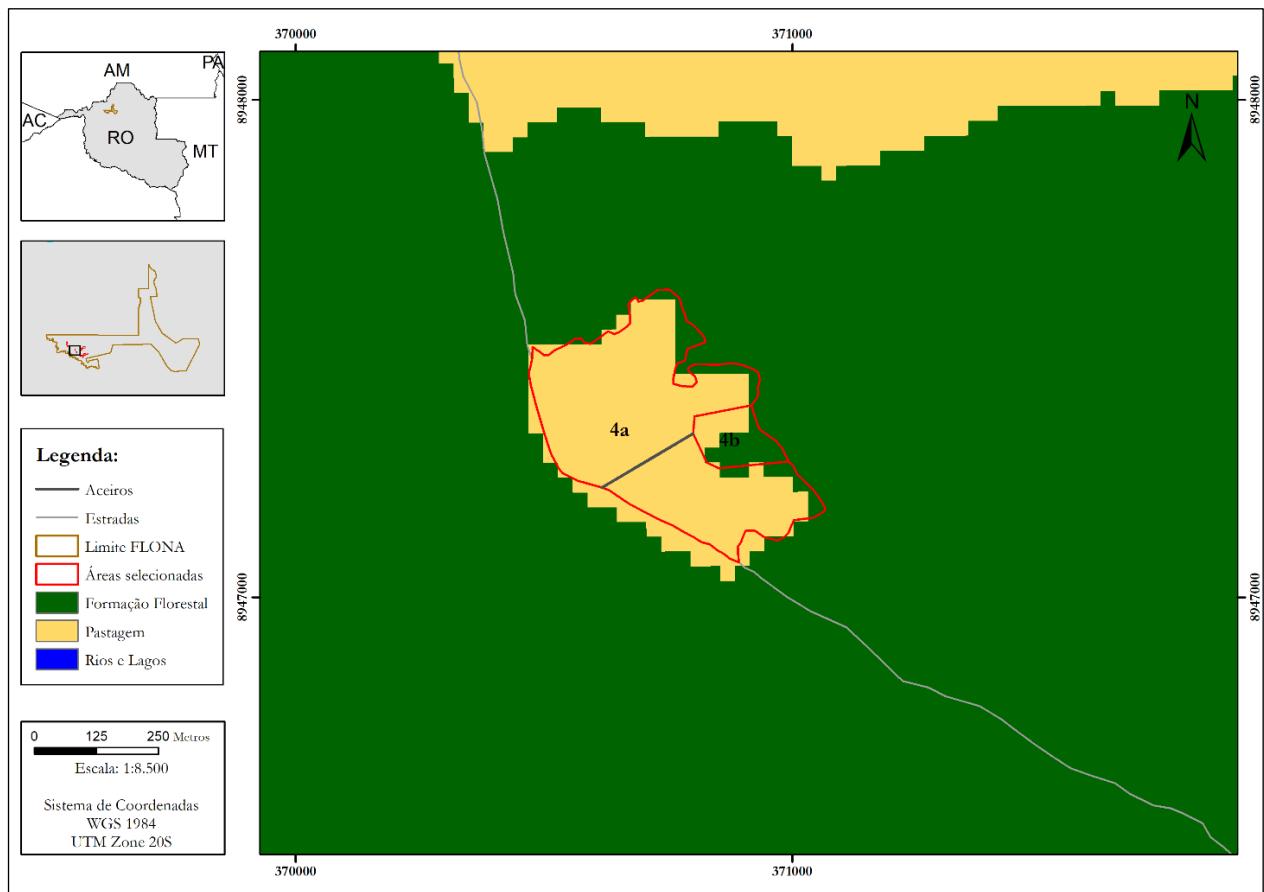


Figura 33. Situação ambiental na Área 4a

A estimativa de custo para a restauração da Área 4a é apresentada na Tabela 20. O custo total, envolvendo a implantação e manutenção da área, pelo período de 2 anos foi estimado em **R\$ 362.495,42 (Trezentos e sessenta e dois mil quatrocentos e noventa e cinco reais e quarenta e dois centavos)**.

Tabela 20. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 4a (continua)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
Controle de gramíneas (roçada mecanizada)	2	10.533,20	FASE DE IMPLANTAÇÃO
Incorporação de resíduos (gradagem)	3	15.799,80	
Calagem	1	11.462,60	
Subsolagem da linha de plantio de recobrimento	1	5.266,60	
Combate de formigas	2	3.392,31	
Controle de gramíneas (controle químico mecanizado)	1	9.603,80	
Controle de gramíneas (controle químico semimecanizado)	1	5.498,95	
Semeadura de adubação verde	1	10.610,65	
Abertura de berços	1	3.872,50	
Mudas nativas	1	51.628,17	
Plantio (tubete ou saquinho)	1	9.681,25	
Fertilização de base (química)	1	15.490,00	
Mudas replantio (20% de perda)	1	10.316,34	
Replantio (20% de perda)	1	1.549,00	
Fertilização de cobertura (química)	1	7.435,20	
<b>SUBTOTAL 1</b>			<b>172.140,37</b>

Tabela 20. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 4a (fim)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
1ª FASE DE MANUTENÇÃO E PLANTIO DE DIVERSIDADE	Combate de formigas	4	5.669,34
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	35.936,80
	Controle de gramíneas (controle químico)	1	8.209,70
	Alinhamento/marcação/ limpeza	1	13.553,75
	Abertura de berços	1	7.745,00
	Mudas nativas	1	25.790,85
	Plantio (tubete ou saquinho)	1	5.034,25
	Fertilização de base (química)	1	7.745,00
	Mudas replantio (20% de perda)	1	5.158,17
	Replantio (20% de perda)	1	774,50
	Fertilização de cobertura (química)	3	14.328,25
	Manutenção de aceiros	2	340,00
<b>SUBTOTAL 2</b>			<b>130.285,61</b>
Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
2ª FASE DE MANUTENÇÃO	Combate de formigas	4	5.669,34
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	26.642,80
	Controle de gramíneas (controle químico)	2	16.419,40
	Fertilização de cobertura (química)	2	10.997,90
	Manutenção de aceiros	2	340,00
	<b>SUBTOTAL 3</b>		<b>60.069,44</b>

O custo estimado (implantação e manutenção) é de **R\$ 362.495,42 (Trezentos e sessenta e dois mil quatrocentos e noventa e cinco reais e quarenta e dois centavos)**.

### 5.2.5. Área 4b

- Área: ha: 1,61
- Situação Ambiental: Pasto com regeneração natural de espécies nativas;
- Método de Restauração Ecológica: Condução da Regeneração Natural e Plantio de Adensamento;
  - Coroamento de indivíduos nativos regenerantes (raio  $\geq$  1 metro);
  - Grupo de Recobrimento (800 ind./ha);
  - Uso de adubação verde para controle de gramíneas exóticas;
- Localização da Área 4b na FLONA Bom Futuro (Figura 34).

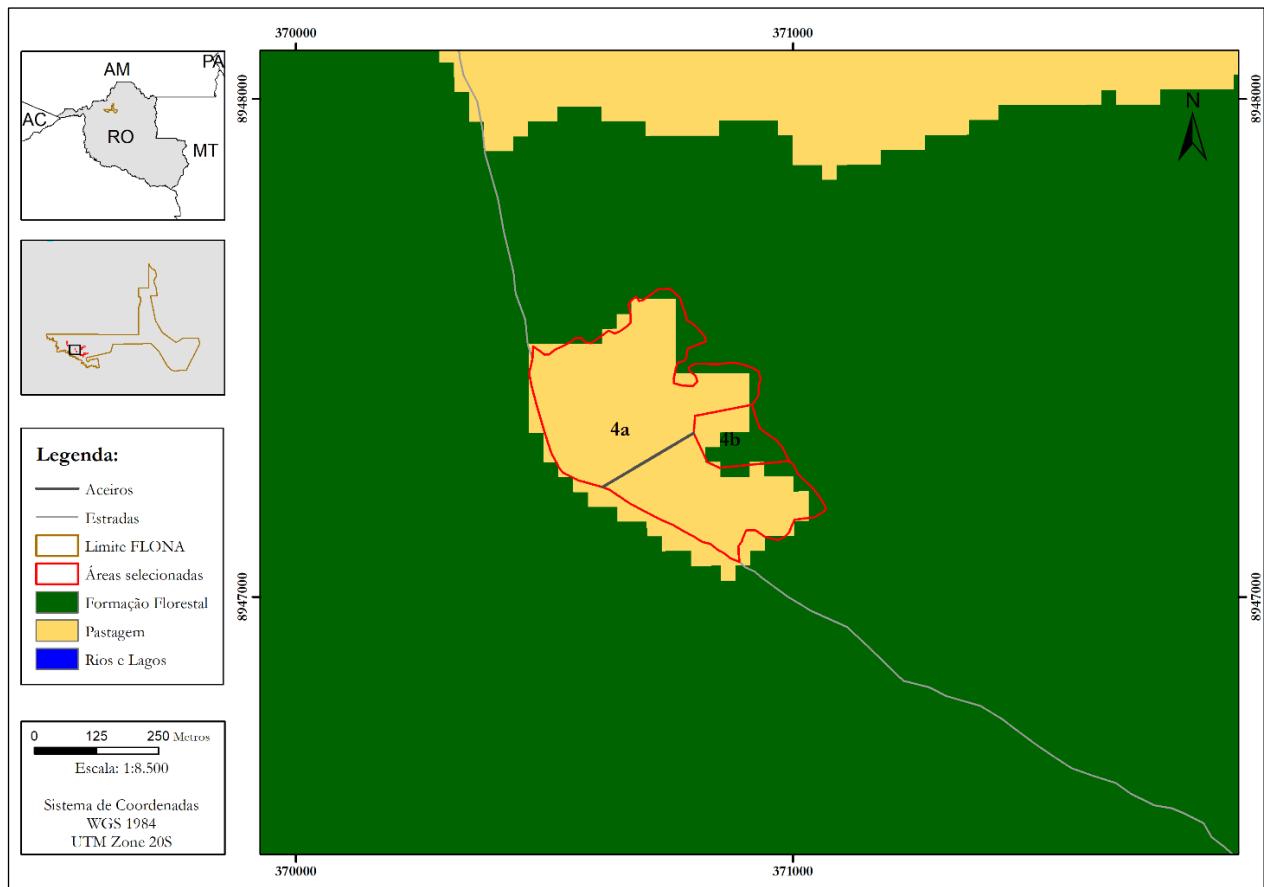


Figura 34. Situação ambiental na Área 4b

A estimativa de custo para a restauração da Área 4b é apresentada na Tabela 21. O custo total, envolvendo a implantação e manutenção da área, pelo período de 2 anos foi estimado em **R\$ 26.690,58 (Vinte e seis mil seiscentos e noventa reais e cinquenta e oito centavos)**.

Tabela 21. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 4b (continua)

Condução de regeneração natural e plantio de adensamento		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
FASE DE CONDUÇÃO DE REGENERAÇÃO E PLANTIO DE ADENSAMENTO	Atividades operacionais		
Atividades operacionais	Identificação/coroamento regenerantes	1	1.006,25
	Controle de gramíneas (roçada semimecanizada)	1	805,00
	Calagem (manual)	1	322,00
	Combate de formigas	2	352,59
	Controle de gramíneas (controle químico)	2	1.706,60
	Abertura de berços	1	1.207,50
	Mudas nativas	1	3.864,00
	Plantio (tubete ou saquinho)	1	724,50
	Fertilização de base (química)	1	1.207,50
	Mudas replantio (20% de perda)	1	772,80
	Replantio (20% de perda)	1	161,00
	Fertilização de cobertura (química)	1	178.070,00
<b>SUBTOTAL 1</b>			<b>13.208,44</b>

Tabela 21. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 4b (fim)

Condução de regeneração natural e plantio de adensamento		Repetição	Custo total por atividade 4B (R\$)
1 <sup>a</sup> FASE DE MANUTENÇÃO	Atividades operacionais		
	Combate de formigas	4	705,18
	Coroamento dos regenerantes e mudas (controle químico)	4	3.735,20
	Controle de gramíneas (controle químico)	2	1.706,60
	Fertilização de cobertura (química)	2	2.157,40
<b>SUBTOTAL 2</b>			<b>8.304,38</b>
Condução de regeneração natural e plantio de adensamento		Repetição	Custo total por atividade 4B (R\$)
2 <sup>a</sup> FASE DE MANUTENÇÃO	Atividades operacionais		
	Combate de formigas	4	589,26
	Coroamento dos regenerantes e mudas (controle químico)	4	3.735,20
	Controle de gramíneas (controle químico)	1	853,30
<b>SUBTOTAL 3</b>			<b>5.177,76</b>

O custo estimado (implantação e manutenção) é de **R\$ 26.690,58** (Vinte e seis mil seiscentos e noventa reais e cinquenta e oito centavos).

### 5.2.6. Área 5a

- Área: 67,52 ha;
- Situação Ambiental: Pasto sem regeneração natural de espécies nativas;
- Método de Restauração Ecológica: Plantio Total Escalonado;
  - Grupo de Recobrimento (1.111 ind./ha);
  - Grupo de Diversidade (555 ind./ha);
  - Uso de adubação verde para controle de gramíneas exóticas;
- Localização da Área 5a na FLONA Bom Futuro (Figura 35).

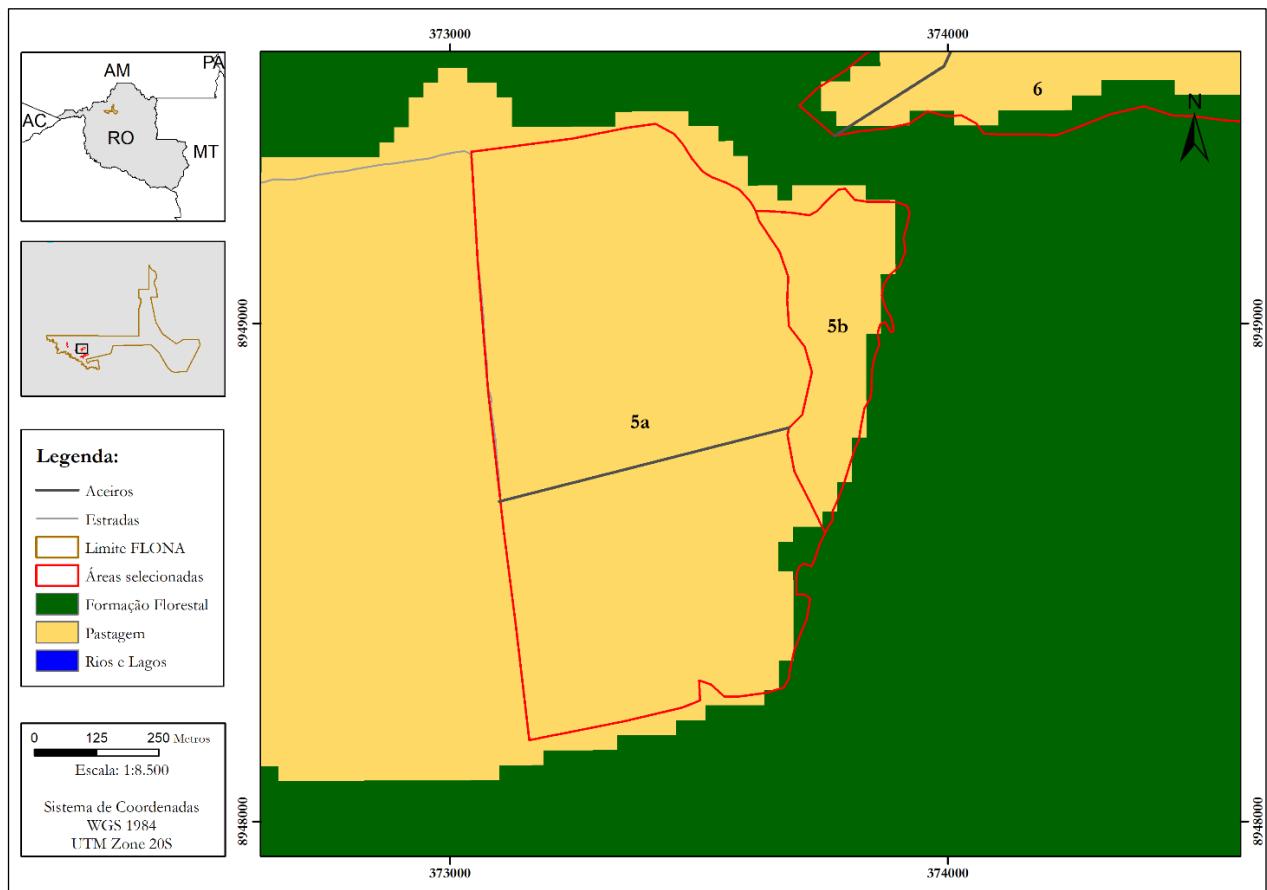


Figura 35. Situação ambiental na Área 5a

A estimativa de custo para a restauração da Área 5a é apresentada na Tabela 22. O custo total, envolvendo a implantação e manutenção da área, pelo período de 2 anos foi estimado em **R\$ 1.577.812,16 (Um milhão quinhentos e setenta e sete mil oitocentos e doze reais e dezesseis centavos).**

Tabela 22. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 5a (continua)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
Controle de gramíneas (roçada mecanizada)	2	45.913,60	FASE DE IMPLANTAÇÃO
Incorporação de resíduos (gradagem)	3	68.870,40	
Calagem	1	49.964,80	
Subsolagem da linha de plantio de recobrimento	1	22.956,80	
Combate de formigas	2	14.786,88	
Controle de gramíneas (controle químico mecanizado)	1	41.862,40	
Controle de gramíneas (controle químico semimecanizado)	1	23.969,60	
Semeadura de adubação verde	1	46.251,20	
Abertura de berços	1	16.880,00	
Mudas nativas	1	225.044,16	
Plantio (tubete ou saquinho)	1	42.200,00	
Fertilização de base (química)	1	67.520,00	
Mudas replantio (20% de perda)	1	44.968,32	
Replantio (20% de perda)	1	6.752,00	
Fertilização de cobertura (química)	1	32.409,60	
<b>SUBTOTAL 1</b>			<b>750.349,76</b>

Tabela 22. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 5a (fim)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
1ª FASE DE MANUTENÇÃO E PLANTIO DE DIVERSIDADE	Combate de formigas	4	24.712,32
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	156.646,40
	Controle de gramíneas (controle químico)	1	35.785,60
	Alinhamento/marcação/ limpeza	1	59.080,00
	Abertura de berços	1	33.760,00
	Mudas nativas	1	112.420,80
	Plantio (tubete ou saquinho)	1	21.944,00
	Fertilização de base (química)	1	33.760,00
	Mudas replantio (20% de perda)	1	22.484,16
	Replantio (20% de perda)	1	3.376,00
	Fertilização de cobertura (química)	3	62.456,00
	Manutenção de aceiros	2	340,00
<b>SUBTOTAL 2</b>			<b>566.765,28</b>
Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
2ª FASE DE MANUTENÇÃO	Combate de formigas	4	24.712,32
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	116.134,40
	Controle de gramíneas (controle químico)	2	71.571,20
	Fertilização de cobertura (química)	2	47.939,20
	Manutenção de aceiros	2	340,00
	<b>SUBTOTAL 3</b>		<b>260.697,12</b>

O custo estimado (implantação e manutenção) é de **R\$ 1.577.812,16 (Um milhão quinhentos e setenta e sete mil oitocentos e doze reais e dezesseis centavos)**.

### 5.2.7. Área 5b

- Área: 10,37 ha
- Situação Ambiental: Pasto com regeneração natural de espécies nativas;
- Método de Restauração Ecológica: Condução da Regeneração Natural e Plantio de Adensamento
  - Coroamento de indivíduos nativos regenerantes (raio  $\geq$  1 metro)
  - Grupo de Recobrimento (800 ind./ha);
  - Uso de adubação verde para controle de gramíneas exóticas;
- Localização da Área 5b na FLONA Bom Futuro (Figura 36).

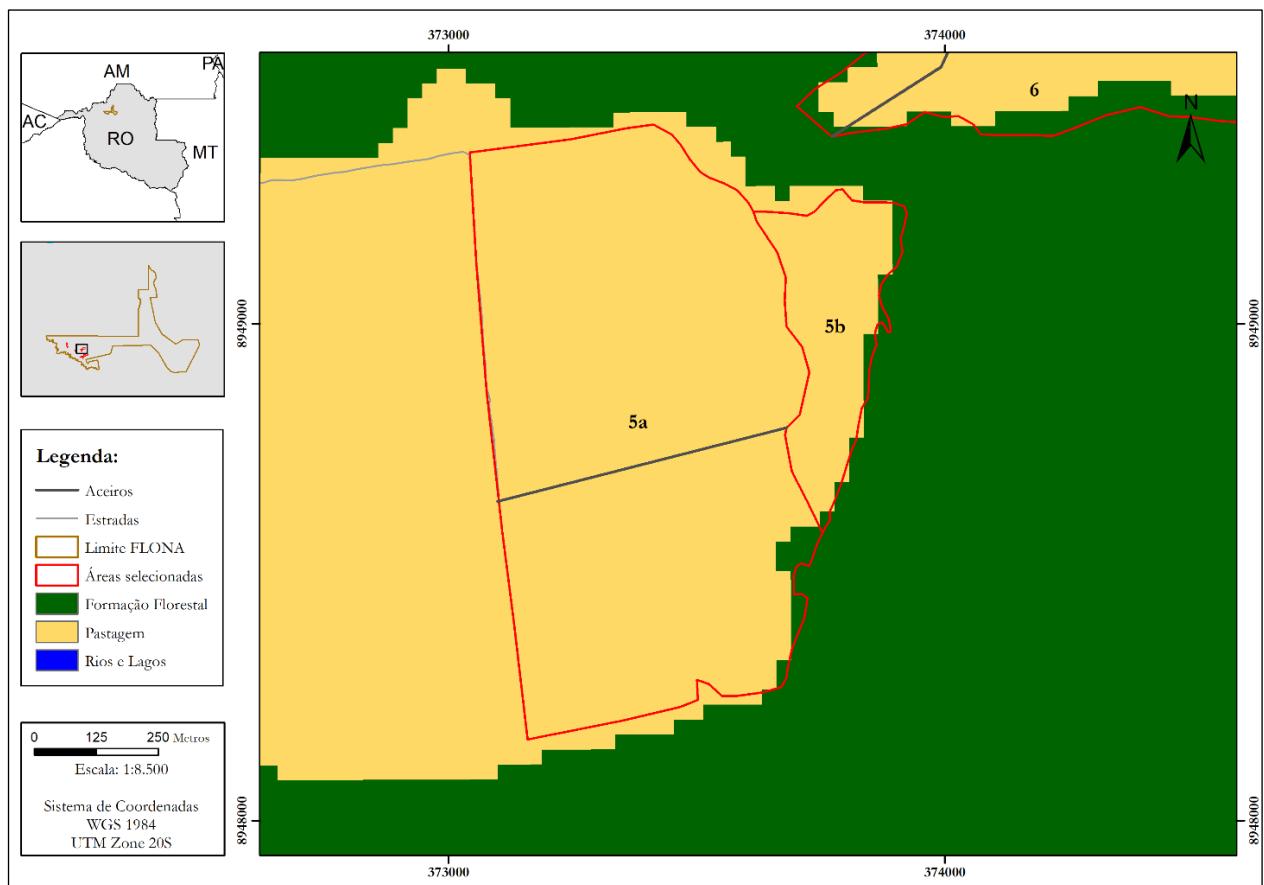


Figura 36. Situação ambiental na Área 5b

A estimativa de custo para a restauração da Área 5b é apresentada na Tabela 23. O custo total, envolvendo a implantação e manutenção da área, pelo período de 2 anos foi estimado em **R\$ 171.913,86 (Cento e setenta e um mil novecentos e treze reais e oitenta e seis centavos)**.

Tabela 23. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 5b (continua)

Condução de regeneração natural e plantio de adensamento		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
FASE DE CONDUÇÃO DE REGENERAÇÃO E PLANTIO DE ADENSAMENTO	Atividades operacionais		
Atividades operacionais	Identificação/coroamento regenerantes	1	6.481,25
	Controle de gramíneas (roçada semimecanizada)	1	5.185,00
	Calagem (manual)	1	2.074,00
	Combate de formigas	2	2.271,03
	Controle de gramíneas (controle químico)	2	10.992,20
	Abertura de berços	1	7.777,50
	Mudas nativas	1	24.888,00
	Plantio (tubete ou saquinho)	1	4.666,50
	Fertilização de base (química)	1	7.777,50
	Mudas replantio (20% de perda)	1	4.977,60
	Replantio (20% de perda)	1	1.037,00
	Fertilização de cobertura (química)	1	6.947,90
<b>SUBTOTAL 1</b>			<b>85.075,48</b>

Tabela 23. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 5b (fim)

Condução de regeneração natural e plantio de adensamento		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
1ª FASE DE MANUTENÇÃO	Atividades operacionais		
	Combate de formigas	4	4.542,06
	Coroamento dos regenerantes e mudas (controle químico)	4	24.058,40
	Controle de gramíneas (controle químico)	2	10.992,20
	Fertilização de cobertura (química)	2	13.895,80
<b>SUBTOTAL 2</b>			<b>53.488,46</b>
Condução de regeneração natural e plantio de adensamento		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
2ª FASE DE MANUTENÇÃO	Atividades operacionais		
	Combate de formigas	4	3.795,42
	Coroamento dos regenerantes e mudas (controle químico)	4	24.058,40
	Controle de gramíneas (controle químico)	1	5.496,10
	<b>SUBTOTAL 3</b>		<b>33.349,92</b>

O custo estimado (implantação e manutenção) é de **R\$ 171.913,86 (Cento e setenta e um mil novecentos e treze reais e oitenta e seis centavos)**.

### 5.2.8. Área 6

- Área: 100,78 ha;
- Situação Ambiental: Pasto sem regeneração natural de espécies nativas;
- Método de Restauração Ecológica: Plantio Total Escalonado;
  - Grupo de Recobrimento (1.111 ind./ha);
  - Grupo de Diversidade (555 ind./ha);
  - Uso de adubação verde para controle de gramíneas exóticas;
- Localização da Área 6 na FLONA Bom Futuro (Figura 37).

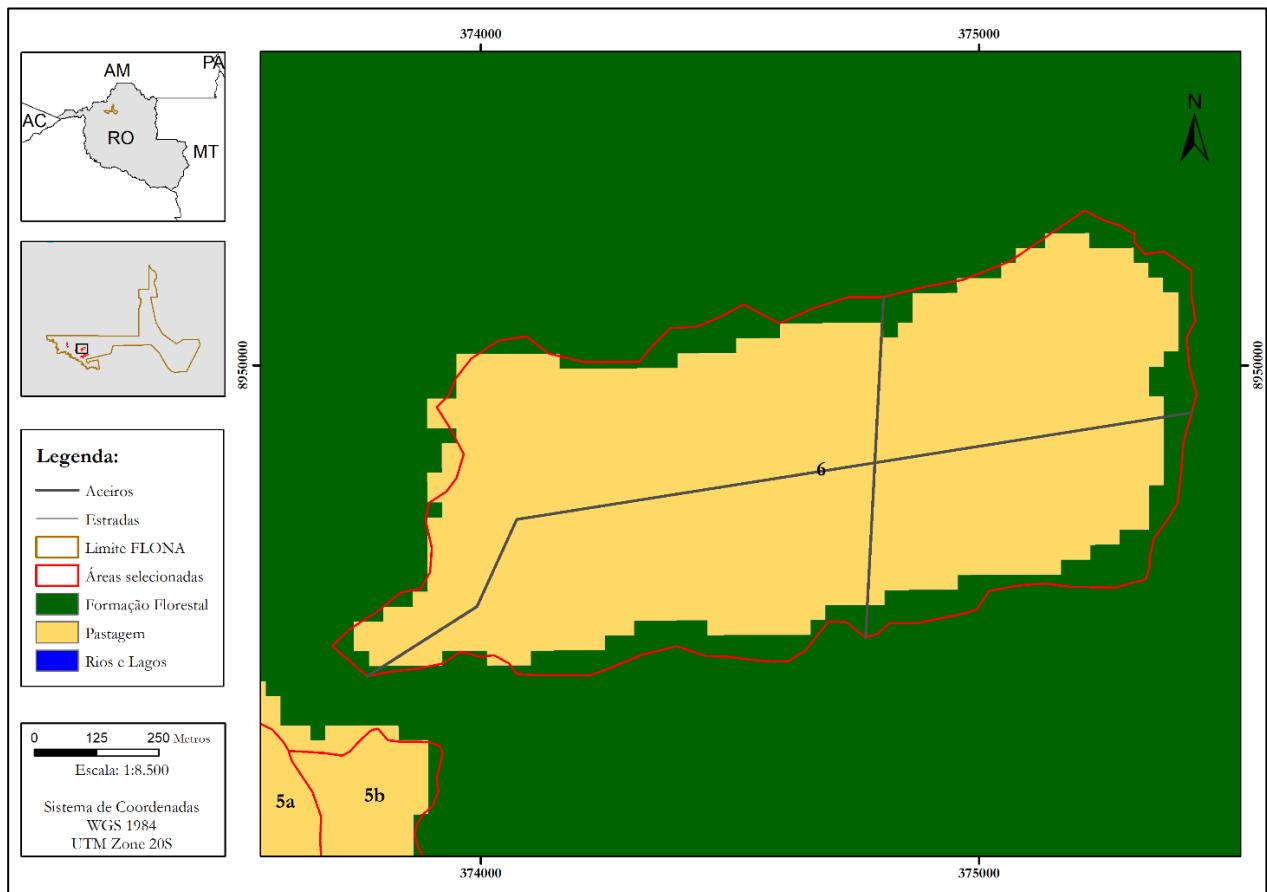


Figura 37. Situação ambiental na Área 6

A estimativa de custo para a restauração da Área 6 é apresentada na Tabela 24. O custo total, envolvendo a implantação e manutenção da área, pelo período de 2 anos foi estimado em **R\$ 2.354.019,24 (Dois milhões trezentos e cinquenta e quatro mil dezenove reais e vinte e quatro centavos).**

Tabela 24. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 6 (continua)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
Controle de gramíneas (roçada mecanizada)	2	68.530,40	FASE DE IMPLANTAÇÃO
Incorporação de resíduos (gradagem)	3	102.795,60	
Calagem	1	74.577,20	
Subsolagem da linha de plantio de recobrimento	1	34.265,20	
Combate de formigas	2	22.070,82	
Controle de gramíneas (controle químico mecanizado)	1	62.483,60	
Controle de gramíneas (controle químico semimecanizado)	1	35.776,90	
Semeadura de adubação verde	1	69.034,30	
Abertura de berços	1	25.195,00	
Mudas nativas	1	335.899,74	
Plantio (tubete ou saquinho)	1	62.987,50	
Fertilização de base (química)	1	100.780,00	
Mudas replantio (20% de perda)	1	67.119,48	
Replantio (20% de perda)	1	10.078,00	
Fertilização de cobertura (química)	1	48.374,40	
<b>SUBTOTAL 1</b>			<b>1.119.968,14</b>

Tabela 24. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 6 (fim)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
1ª FASE DE MANUTENÇÃO E PLANTIO DE DIVERSIDADE	Combate de formigas	4	36.885,48
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	233.809,60
	Controle de gramíneas (controle químico)	1	53.413,40
	Alinhamento/marcação/ limpeza	1	88.182,50
	Abertura de berços	1	50.390,00
	Mudas nativas	1	167.798,70
	Plantio (tubete ou saquinho)	1	32.753,50
	Fertilização de base (química)	1	50.390,00
	Mudas replantio (20% de perda)	1	33.559,74
	Replantio (20% de perda)	1	5.039,00
	Fertilização de cobertura (química)	3	93.221,50
	Manutenção de aceiros	2	0,00
<b>SUBTOTAL 2</b>			<b>845.443,42</b>
Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
2ª FASE DE MANUTENÇÃO	Combate de formigas	4	36.885,48
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	173.341,60
	Controle de gramíneas (controle químico)	2	106.826,80
	Fertilização de cobertura (química)	2	71.553,80
	Manutenção de aceiros	2	0,00
	<b>SUBTOTAL 3</b>		<b>388.607,68</b>

O custo estimado (implantação e manutenção) é de **R\$ 2.354.019,24 (Dois milhões trezentos e cinquenta e quatro mil dezenove reais e vinte e quatro centavos)**.

### 5.2.9. Área 7

- Área: 74,29 ha;
- Situação Ambiental: Pasto sem regeneração natural de espécies nativas;
- Método de Restauração Ecológica: Plantio Total Escalonado;
  - Grupo de Recobrimento (1.111 ind./ha);
  - Grupo de Diversidade (555 ind./ha);
  - Uso de adubação verde para controle de gramíneas exóticas;
- Localização da Área 7 na FLONA Bom Futuro (Figura 38).

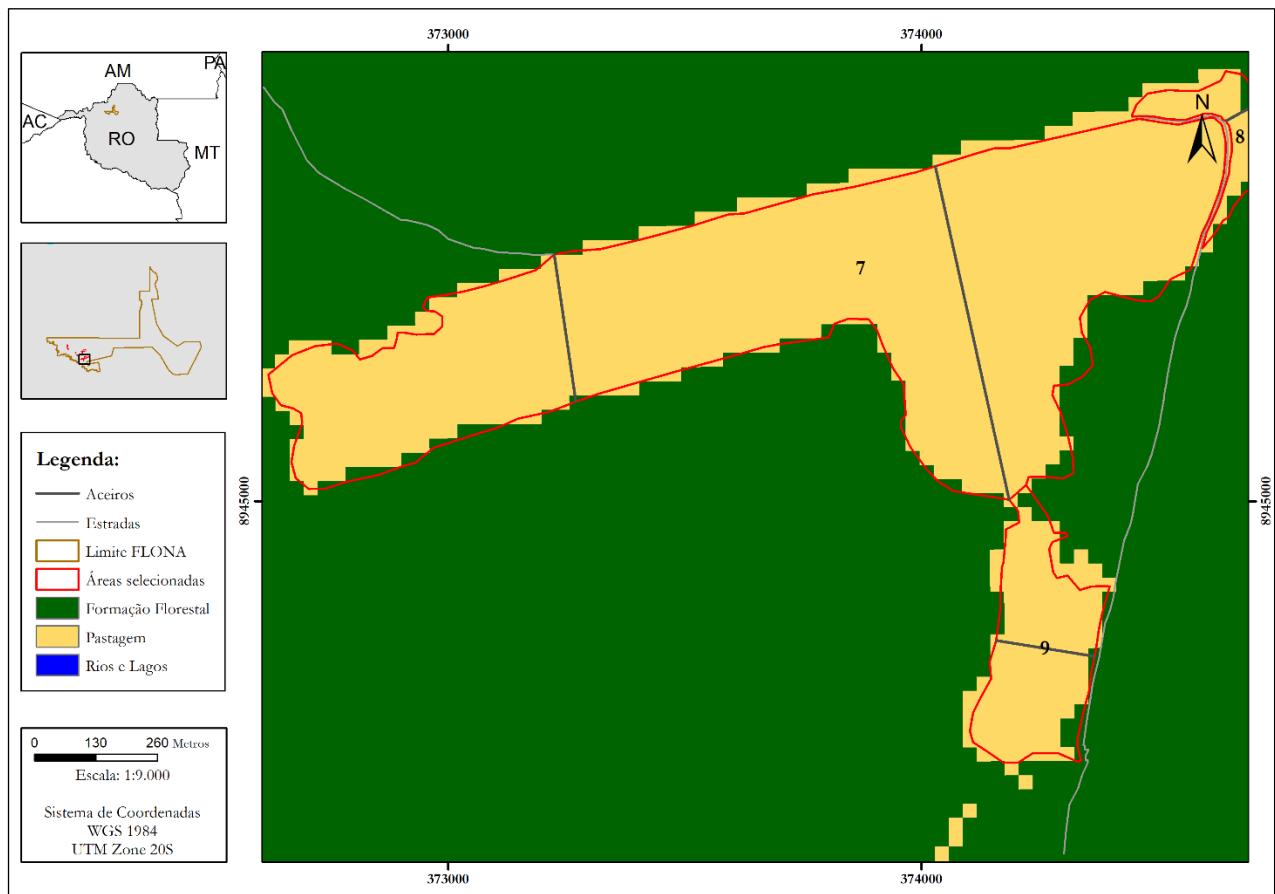


Figura 38. Situação ambiental na Área 7

A estimativa de custo para a restauração da Área 7 é apresentada na Tabela 25. O custo total, envolvendo a implantação e manutenção da área, pelo período de 2 anos foi estimado em **R\$ 1.736.625,82 (Um milhão setecentos e trinta e seis mil seiscentos e vinte e cinco reais e oitenta e dois centavos)**.

Tabela 25. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 7 (continua)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
Controle de gramíneas (roçada mecanizada)	2	50.517,20	FASE DE IMPLANTAÇÃO
Incorporação de resíduos (gradagem)	3	75.775,80	
Calagem	1	54.974,60	
Subsolagem da linha de plantio de recobrimento	1	25.258,60	
Combate de formigas	2	16.269,51	
Controle de gramíneas (controle químico mecanizado)	1	46.059,80	
Controle de gramíneas (controle químico semimecanizado)	1	26.372,95	
Semeadura de adubação verde	1	50.888,65	
Abertura de berços	1	18.572,50	
Mudas nativas	1	247.608,57	
Plantio (tubete ou saquinho)	1	46.431,25	
Fertilização de base (química)	1	74.290,00	
Mudas replantio (20% de perda)	1	49.477,14	
Replantio (20% de perda)	1	7.429,00	
Fertilização de cobertura (química)	1	35.659,20	
<b>SUBTOTAL 1</b>			<b>825.584,77</b>

Tabela 25. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 7 (fim)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
1ª FASE DE MANUTENÇÃO E PLANTIO DE DIVERSIDADE	Combate de formigas	4	27.190,14
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	172.352,80
	Controle de gramíneas (controle químico)	1	39.373,70
	Alinhamento/marcação/ limpeza	1	65.003,75
	Abertura de berços	1	37.145,00
	Mudas nativas	1	123.692,85
	Plantio (tubete ou saquinho)	1	24.144,25
	Fertilização de base (química)	1	37.145,00
	Mudas replantio (20% de perda)	1	24.738,57
	Replantio (20% de perda)	1	3.714,50
	Fertilização de cobertura (química)	3	68.718,25
	Manutenção de aceiros	2	680,00
<b>SUBTOTAL 2</b>			<b>623.898,81</b>
Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
2ª FASE DE MANUTENÇÃO	Combate de formigas	4	27.190,14
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	127.778,80
	Controle de gramíneas (controle químico)	2	78.747,40
	Fertilização de cobertura (química)	2	52.745,90
	Manutenção de aceiros	2	340,00
	<b>SUBTOTAL 3</b>		<b>287.142,24</b>

O custo estimado (implantação e manutenção) é de **R\$ 1.736.625,82 (Um milhão setecentos e trinta e seis mil seiscentos e vinte e cinco reais e oitenta e dois centavos).**

### 5.2.10. Área 8

- Área: 3,06 ha;
- Situação Ambiental: Pasto sem regeneração natural de espécies nativas;
- Método de Restauração Ecológica: Plantio Total Escalonado;
  - Grupo de Recobrimento (1.111 ind./ha);
  - Grupo de Diversidade (555 ind./ha);
  - Uso de adubação verde para controle de gramíneas exóticas;
- Localização da Área 8 na FLONA Bom Futuro (Figura 39).

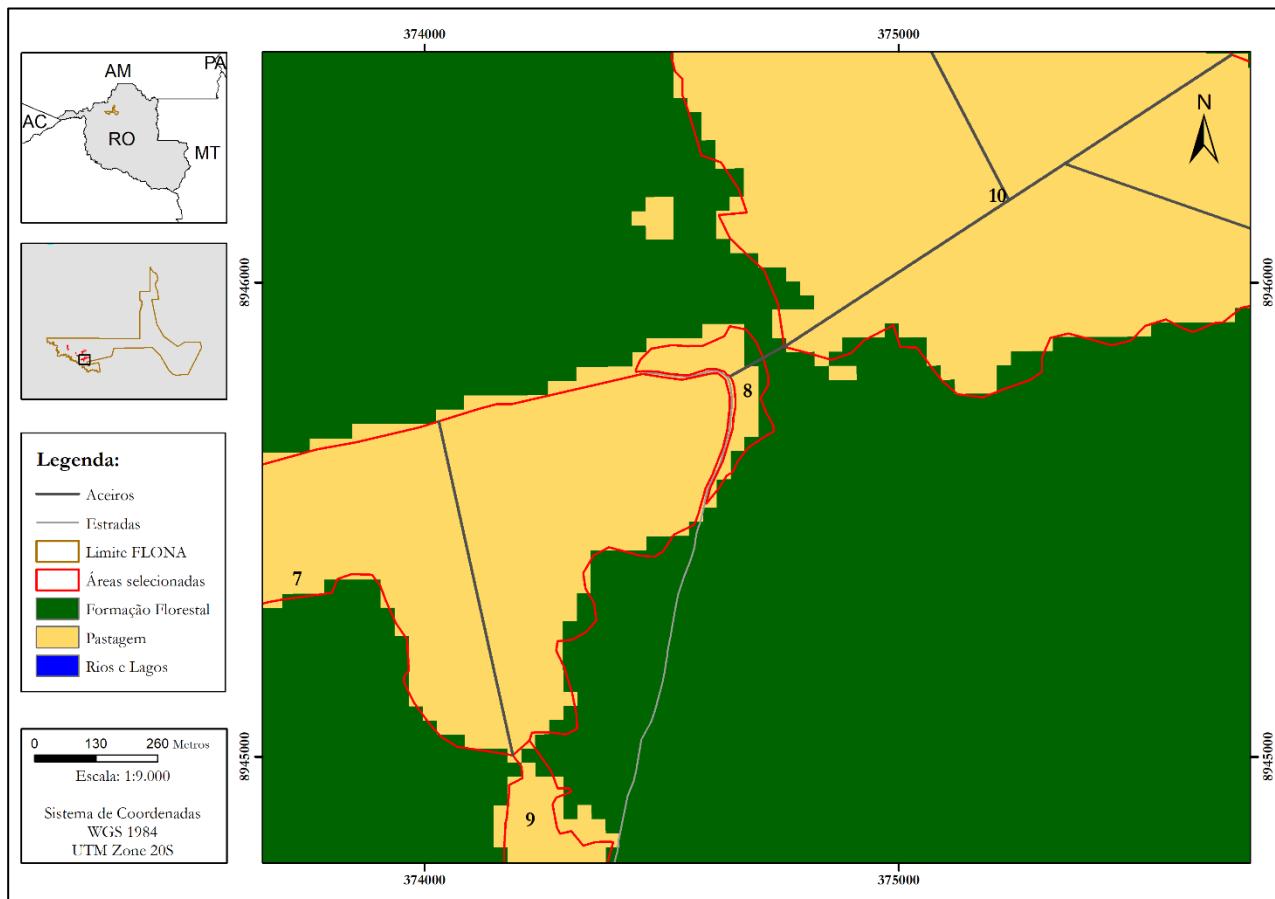


Figura 39. Situação ambiental na Área 8

A estimativa de custo para a restauração da Área 8 é apresentada na Tabela 26. O custo total, envolvendo a implantação e manutenção da área, pelo período de 2 anos foi estimado em **R\$ 72.155,48 (Setenta e dois mil cento e cinquenta e cinco reais e quarenta e oito centavos)**.

Tabela 26. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 8 (continua)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
Controle de gramíneas (roçada mecanizada)	2	2	2.080,80
Incorporação de resíduos (gradagem)	3	3	3.121,20
Calagem	1	1	2.264,40
Subsolagem da linha de plantio de recobrimento	1	1	1.040,40
Combate de formigas	2	2	670,14
Controle de gramíneas (controle químico mecanizado)	1	1	1.897,20
Controle de gramíneas (controle químico semimecanizado)	1	1	1.086,30
Semeadura de adubação verde	1	1	2.096,10
Abertura de berços	1	1	765,00
Mudas nativas	1	1	10.198,98
Plantio (tubete ou saquinho)	1	1	1.912,50
Fertilização de base (química)	1	1	3.060,00
Mudas replantio (20% de perda)	1	1	2.037,96
Replantio (20% de perda)	1	1	306,00
Fertilização de cobertura (química)	1	1	1.468,80
<b>SUBTOTAL 1</b>			<b>34,005,78</b>

FASE DE IMPLANTAÇÃO

Tabela 26. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 8 (fim)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
1ª FASE DE MANUTENÇÃO E PLANTIO DE DIVERSIDADE	Combate de formigas	4	1.119,96
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	7.099,20
	Controle de gramíneas (controle químico)	1	1.621,80
	Alinhamento/marcação/ limpeza	1	2.677,50
	Abertura de berços	1	1.530,00
	Mudas nativas	1	5.094,90
	Plantio (tubete ou saquinho)	1	994,50
	Fertilização de base (química)	1	1.530,00
	Mudas replantio (20% de perda)	1	1.018,98
	Replantio (20% de perda)	1	153,00
	Fertilização de cobertura (química)	3	2.830,50
	Manutenção de aceiros	2	340,00
<b>SUBTOTAL 2</b>			<b>26.010,34</b>
Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
2ª FASE DE MANUTENÇÃO	Combate de formigas	4	1.119,96
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	5.263,20
	Controle de gramíneas (controle químico)	2	3.243,60
	Fertilização de cobertura (química)	2	2.172,60
	Manutenção de aceiros	2	340,00
	<b>SUBTOTAL 3</b>		<b>12.139,36</b>

O custo estimado (implantação e manutenção) é de **R\$ 72.155,48 (Setenta e dois mil cento e cinquenta e cinco reais e quarenta e oito centavos)**.

### 5.2.11. Área 9

- Área: 9,75 ha;
- Situação Ambiental: Pasto sem regeneração natural de espécies nativas;
- Método de Restauração Ecológica: Plantio Total Escalonado;
  - Grupo de Recobrimento (1.111 ind./ha);
  - Grupo de Diversidade (555 ind./ha);
  - Uso de adubação verde para controle de gramíneas exóticas;
- Localização da Área 9 na FLONA Bom Futuro (Figura 40).

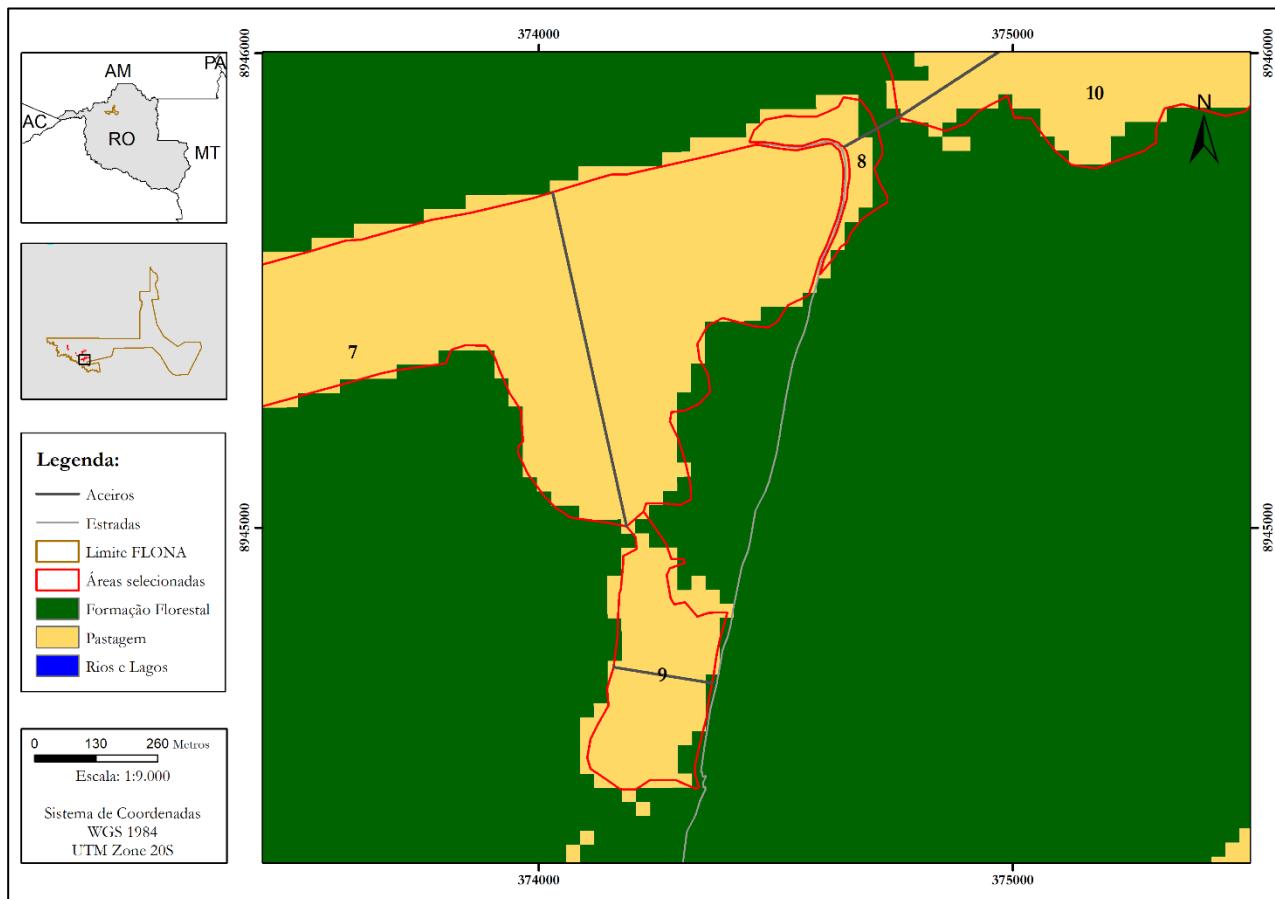


Figura 40. Situação ambiental na Área 9

A estimativa de custo para a restauração da Área 9 é apresentada na Tabela 27. O custo total, envolvendo a implantação e manutenção da área, pelo período de 2 anos foi estimado em **R\$ 228.420,50 (Duzentos e vinte e oito mil quatrocentos e vinte reais e cinquenta centavos)**.

Tabela 27. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 9 (continua)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
Controle de gramíneas (roçada mecanizada)	2	6.630,00	FASE DE IMPLANTAÇÃO
Incorporação de resíduos (gradagem)	3	9.945,00	
Calagem	1	7.215,00	
Subsolagem da linha de plantio de recobrimento	1	3.315,00	
Combate de formigas	2	2.135,25	
Controle de gramíneas (controle químico mecanizado)	1	6.045,00	
Controle de gramíneas (controle químico semimecanizado)	1	3.461,25	
Semeadura de adubação verde	1	6.678,75	
Abertura de berços	1	2.437,50	
Mudas nativas	1	32.496,75	
Plantio (tubete ou saquinho)	1	6.093,75	
Fertilização de base (química)	1	9.750,00	
Mudas replantio (20% de perda)	1	6.493,50	
Replantio (20% de perda)	1	975,00	
Fertilização de cobertura (química)	1	4.680,00	
<b>SUBTOTAL 1</b>			<b>108.351,75</b>

Tabela 27. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 9 (fim)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
1ª FASE DE MANUTENÇÃO E PLANTIO DE DIVERSIDADE	Combate de formigas	4	3.568,50
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	22.620,00
	Controle de gramíneas (controle químico)	1	5.167,50
	Alinhamento/marcação/ limpeza	1	8.531,25
	Abertura de berços	1	4.875,00
	Mudas nativas	1	16.233,75
	Plantio (tubete ou saquinho)	1	3.168,75
	Fertilização de base (química)	1	4.875,00
	Mudas replantio (20% de perda)	1	3.246,75
	Replantio (20% de perda)	1	487,50
	Fertilização de cobertura (química)	3	9.018,75
	Manutenção de aceiros	2	340,00
<b>SUBTOTAL 2</b>			<b>82.132,75</b>
Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
2ª FASE DE MANUTENÇÃO	Combate de formigas	4	3.568,50
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	16.770,00
	Controle de gramíneas (controle químico)	2	10.335,00
	Fertilização de cobertura (química)	2	6.922,50
	Manutenção de aceiros	2	340,00
	<b>SUBTOTAL 3</b>		<b>37.936,00</b>

O custo estimado (implantação e manutenção) é de **R\$ 228.420,50 (Duzentos e vinte e oito mil quatrocentos e vinte reais e cinquenta centavos).**

### 5.2.12. Área 10

- Área: 117,89 ha;
- Situação Ambiental: Pasto sem regeneração natural de espécies nativas;
- Método de Restauração Ecológica: Plantio Total Escalonado;
  - Grupo de Recobrimento (1.111 ind./ha);
  - Grupo de Diversidade (555 ind./ha);
  - Uso de adubação verde para controle de gramíneas exóticas;
- Localização da Área 10 na FLONA Bom Futuro (Figura 41).

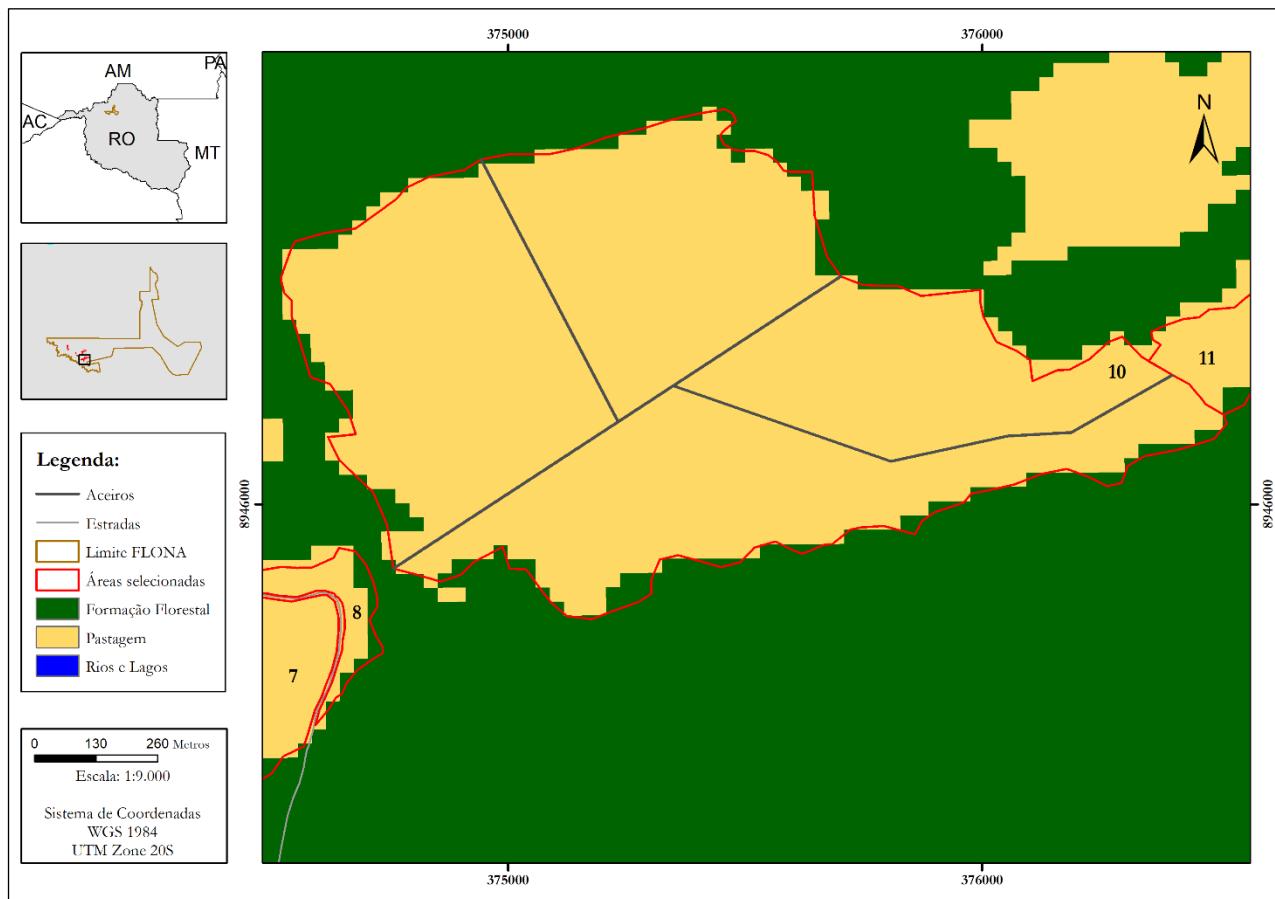


Figura 41. Situação ambiental na Área 10

A estimativa de custo para a restauração da Área 10 é apresentada na Tabela 28. O custo total, envolvendo a implantação e manutenção da área, pelo período de 2 anos foi estimado em **R\$ 2.753.674,62 (Dois milhões setecentos e cinquenta e três mil seiscentos e setenta e quatro reais e sessenta e dois centavos)**.

Tabela 28. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 10 (continua)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
Controle de gramíneas (roçada mecanizada)	2	80.165,20	FASE DE IMPLANTAÇÃO
Incorporação de resíduos (gradagem)	3	120.247,80	
Calagem	1	87.238,60	
Subsolagem da linha de plantio de recobrimento	1	40.082,60	
Combate de formigas	2	25.817,91	
Controle de gramíneas (controle químico mecanizado)	1	73.091,80	
Controle de gramíneas (controle químico semimecanizado)	1	41.850,95	
Semeadura de adubação verde	1	80.754,65	
Abertura de berços	1	29.472,50	
Mudas nativas	1	392.927,37	
Plantio (tubete ou saquinho)	1	73.681,25	
Fertilização de base (química)	1	117.890,00	
Mudas replantio (20% de perda)	1	78.514,74	
Replantio (20% de perda)	1	11.789,00	
Fertilização de cobertura (química)	1	56.587,20	
<b>SUBTOTAL 1</b>			<b>1.310.117,57</b>

Tabela 28. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 10 (fim)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
1ª FASE DE MANUTENÇÃO E PLANTIO DE DIVERSIDADE	Combate de formigas	4	43.147,74
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	273.504,80
	Controle de gramíneas (controle químico)	1	62.481,70
	Alinhamento/marcação/ limpeza	1	103.153,75
	Abertura de berços	1	58.945,00
	Mudas nativas	1	196.286,85
	Plantio (tubete ou saquinho)	1	38.314,25
	Fertilização de base (química)	1	58.945,00
	Mudas replantio (20% de perda)	1	39.257,37
	Replantio (20% de perda)	1	5.894,50
	Fertilização de cobertura (química)	3	109.048,25
	Manutenção de aceiros	2	0,00
<b>SUBTOTAL 2</b>			<b>988.979,21</b>
Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
2ª FASE DE MANUTENÇÃO	Combate de formigas	4	43.147,74
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	202.770,80
	Controle de gramíneas (controle químico)	2	124.963,40
	Fertilização de cobertura (química)	2	83.701,90
	Manutenção de aceiros	2	0,00
	<b>SUBTOTAL 3</b>		<b>454.583,84</b>

O custo estimado (implantação e manutenção) é de R\$ 2.753.674,62 (Dois milhões setecentos e cinquenta e três mil seiscentos e setenta e quatro reais e sessenta e dois centavos).

### 5.2.13. Área 11

- Área: 11,74 ha;
- Situação Ambiental: Pasto sem regeneração natural de espécies nativas;
- Método de Restauração Ecológica: Plantio Total Escalonado;
  - Grupo de Recobrimento (1.111 ind./ha);
  - Grupo de Diversidade (555 ind./ha);
  - Uso de adubação verde para controle de gramíneas exóticas;
- Localização da Área 11 na FLONA Bom Futuro (Figura 42).

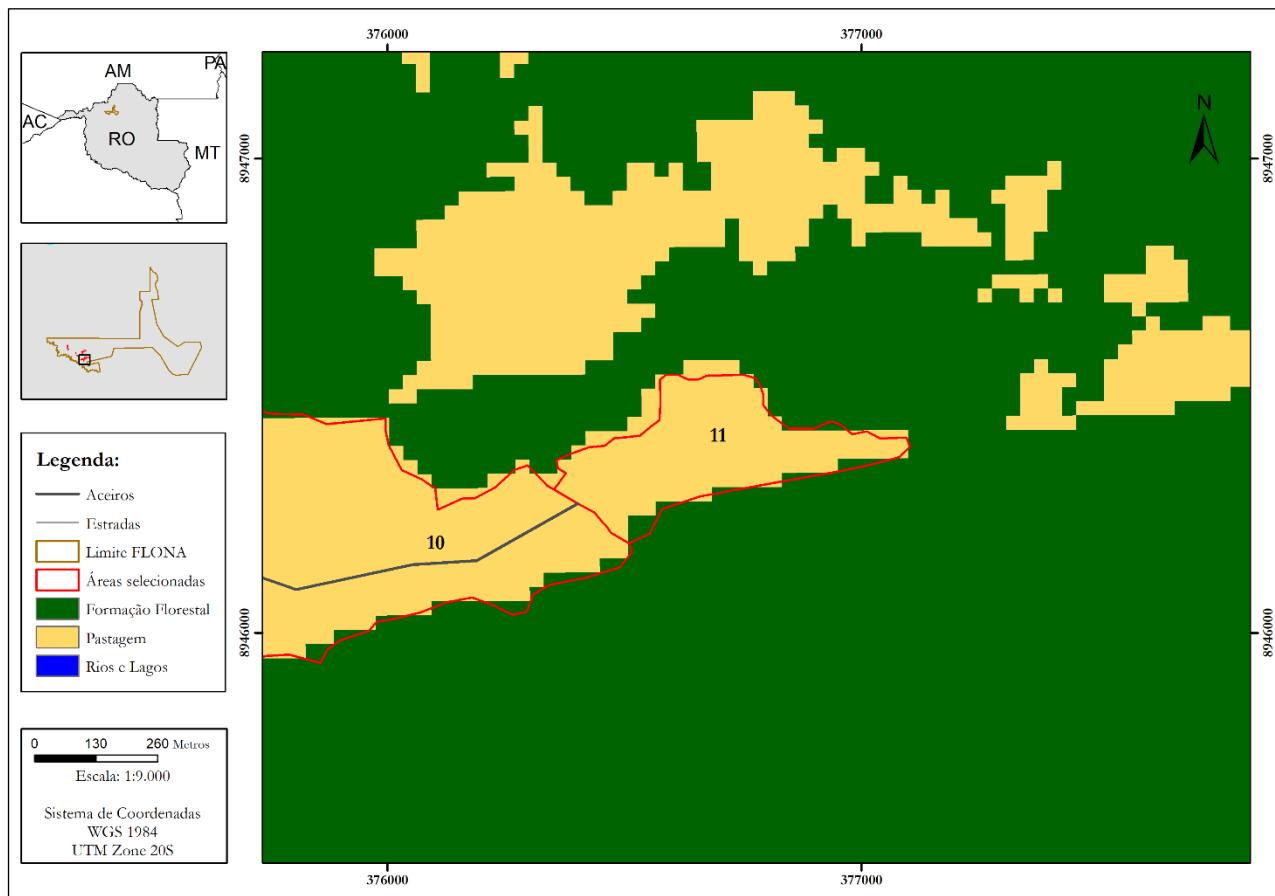


Figura 42. Situação ambiental na Área 11

A estimativa de custo para a restauração da Área 11 é apresentada na Tabela 29. O custo total, envolvendo a implantação e manutenção da área, pelo período de 2 anos foi estimado em **R\$ 274.222,92 (Duzentos e setenta e quatro mil duzentos e vinte dois reais e noventa e dois centavos).**

Tabela 29. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 11 (continua)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
Controle de gramíneas (roçada mecanizada)	2	7.983,20	FASE DE IMPLANTAÇÃO
Incorporação de resíduos (gradagem)	3	11.974,80	
Calagem	1	8.687,60	
Subsolagem da linha de plantio de recobrimento	1	3.991,60	
Combate de formigas	2	2.571,06	
Controle de gramíneas (controle químico mecanizado)	1	7.278,80	
Controle de gramíneas (controle químico semimecanizado)	1	4.167,70	
Semeadura de adubação verde	1	8.041,90	
Abertura de berços	1	2.935,00	
Mudas nativas	1	39.129,42	
Plantio (tubete ou saquinho)	1	7.337,50	
Fertilização de base (química)	1	11.740,00	
Mudas replantio (20% de perda)	1	7.818,84	
Replantio (20% de perda)	1	1.174,00	
Fertilização de cobertura (química)	1	5.635,20	
<b>SUBTOTAL 1</b>			<b>130.466,62</b>

Tabela 29. Estimativa de custo para a restauração ecológica da Área 11 (fim)

Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
1ª FASE DE MANUTENÇÃO E PLANTIO DE DIVERSIDADE	Combate de formigas	4	4.296,84
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	27.236,80
	Controle de gramíneas (controle químico)	1	6.222,20
	Alinhamento/marcação/ limpeza	1	10.272,50
	Abertura de berços	1	5.870,00
	Mudas nativas	1	19.547,10
	Plantio (tubete ou saquinho)	1	3.815,50
	Fertilização de base (química)	1	5.870,00
	Mudas replantio (20% de perda)	1	3.909,42
	Replantio (20% de perda)	1	587,00
	Fertilização de cobertura (química)	3	10.859,50
	Manutenção de aceiros	2	0,00
<b>SUBTOTAL 2</b>			<b>98.486,86</b>
Implantação de plantio total escalonado		Repetição	Custo total por atividade (R\$)
Atividades operacionais			
2ª FASE DE MANUTENÇÃO	Combate de formigas	4	4.296,84
	Coroamento das mudas (controle químico)	4	20.192,80
	Controle de gramíneas (controle químico)	2	12.444,40
	Fertilização de cobertura (química)	2	8.335,40
	Manutenção de aceiros	2	0,00
	<b>SUBTOTAL 3</b>		<b>45.269,44</b>

O custo estimado (implantação e manutenção) é de R\$ 274.222,92 (Duzentos e setenta e quatro mil duzentos e vinte e dois reais e noventa e dois centavos).

### 5.3. Custo Global

Na tabela 30 apresentamos a consolidação dos custos para a restauração de cada uma das 11 áreas degradadas. O custo estimado é de **R\$ 12.111.591,25 (Doze milhões cento e onze mil quinhentos e noventa e um reais e vinte cínto centavos)**.

Tabela 30. Custo estimado para a restauração ecológica de cada uma das 11 áreas degradadas selecionadas neste projeto

Áreas	Custo total por área (R\$)
Área 1	1.756.713,70
Área 2	554.944,60
Área 3	241.267,40
Área 4a	362.495,42
Área 4b	26.690,58
Área 5a	1.577.812,16
Área 5b	171.913,86
Área 6	2.354.019,24
Área 7	1.736.625,82
Área 8	72.790,43
Área 9	228.420,50
Área 10	2.753.674,62
Área 11	274.222,92
<b>Total</b>	<b>12.111.591,25</b>

### 5.4. Fornecedores Locais

Durante o diagnóstico de campo (Produto1) detectou-se a existência de diversos estabelecimentos agropecuárias no município de Porto Velho, os quais poderão fornecer boa parte dos insumos previstos nas atividades de restauração ecológica das áreas, visto que durante a tomada de preço, todos os insumos pesquisados foram encontrados.

Em relação a capacidade de fornecimento de mudas foram visitados dois viveiros de mudas de espécies nativas (Viveiro Amazonas e Viveiro Brasil), localizados no município de Porto Velho, RO, os quais possuem capacidade de produção de mudas nativas nas quantidades previstas para a restauração das áreas degradadas. Por outro lado, caso identifique-se alguma deficiência desses fornecedores, as mudas de espécies nativas, poderão ser adquiridas em outros viveiros de outras localidades.

## **6. Considerações finais**

A caracterização ambiental das áreas degradadas, a dinâmica do uso e ocupação regional do meio físico, e principalmente, o histórico de degradação das áreas, conduziu o racional sobre a estratégia mais adequada para a restauração ecológica das onze áreas selecionadas. Dentre as diversas metodologias de restauração ecológica, utilizaremos a restauração assistida e a restauração ativa, para reverter os processos de degradação ambiental das áreas selecionadas.

Nas áreas de restauração ativa, o Plantio Total Escalonado será o método utilizado. O custo estimado deste método será de **R\$ 24.038,00/ha** para o plantio de 1667 mudas de espécies nativas, com manutenção do plantio realizada até novembro de 2023. O custo estimado por muda será de **R\$ 14,42**. Por outro lado, a condução da regeneração natural será o método utilizado nas áreas de restauração assistida. O custo estimado deste método será de **R\$ 16.578,00**. Neste valor, assumindo um plantio de adensamento de 800 mudas por hectare somado a condução da regeneração (800-1.000 indivíduos por hectare), o custo planta de aproximadamente **R\$ 9,75**.

## 7. Referências Bibliográficas

Barancelli, A. A.; Moura, V.; Rossell, E. C. F.; Alves, W. W. A.; Araújo, P. A. 2017. Avaliação do desmatamento na Floresta Nacional do Bom Futuro, no período de 1988 a 2014. Anais do XVIII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto – SBSR 2017. Santos, São Paulo, Brasil. Anais... P.88-95.

Benini, R. M. & Adeodato, S. (org.). 2017. Economia da Restauração Florestal. The Nature Conservancy, São Paulo, SP, Brasil.

Brancalion, P. H. S.; Gandolfi, S.; Rodrigues, R. R. 2015. Restauração Florestal. 1 ed. Oficina de Texto, São Paulo, SP, Brasil.

Chaves, L.S.; Miranda, I.P.A.; Barbosa, E.M. 1997. Regeneração do babaçu (*Orbignya phalerata* Mart.) em função das práticas agrícolas. In: VI Jornada de iniciação científica do INPA. INPA, Manaus, AM.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). 2006. Mapa exploratório de solos do Estado de Rondônia. Disponível em:  
[https://geoftp.ibge.gov.br/informacoes\\_ambientais/pedologia/mapas/unidades\\_da\\_federacao/ro\\_pedologia.pdf](https://geoftp.ibge.gov.br/informacoes_ambientais/pedologia/mapas/unidades_da_federacao/ro_pedologia.pdf).

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). 2019. Plano de Manejo da Floresta Nacional do Bom Futuro (FLONA do Bom Futuro) – RO. MMA, Brasil.

Instituto Nacional de Meteorologia (INMET). 2021. Disponível em: <https://portal.inmet.gov.br/>. Acesso em 21/04/2021.

Rodrigues, R.R.; Lima, R.A.F.; Gandolfi, S.; Nave, A.G. 2009. On the restoration of high diversity forests: 30 years of experience in the Brazilian Atlantic Forest. Biological conservation, v. 142, p. 1242-1251.

**8. Anexo 1.** Lista de espécies nativas regionais do grupo de diversidade recomendadas para o plantio na FLONA Bom Futuro, onde usos: medicinal (med); ornamental (orn); madeireira (mad); frutífera (fru) e melífera (mel).

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Achariaceae	<i>Carpotroche</i>	<i>brasiliensis</i>	(Raddi) A Gray	Sapucainha	Med; Orn; Mad
Achariaceae	<i>Carpotroche</i>	<i>grandiflora</i>	Spruce ex Benth.		---
Achariaceae	<i>Carpotroche</i>	<i>longifolia</i>	(Poepp.) Benth.		---
Achariaceae	<i>Lindackeria</i>	<i>paludosa</i>	(Benth.) Gilg	Abiurana-amarela	---
Achariaceae	<i>Mayna</i>	<i>grandifolia</i>	(H.Karst.) Warb.	Carrapicho bravo	---
Achariaceae	<i>Mayna</i>	<i>odorata</i>	Aubl.	Daterimachá	---
Achariaceae	<i>Mayna</i>	<i>parvifolia</i>	(J.F.Macbr.) Sleumer	Cabeça de macaco	---
Anacardiaceae	<i>Anacardium</i>	<i>giganteum</i>	W.Hancock ex Engl.	Cajuí	Mad; Fru
Anacardiaceae	<i>Anacardium</i>	<i>parvifolium</i>	Ducke		---
Anacardiaceae	<i>Astronium</i>	<i>graveolens</i>	Jacq.	Aderne	Orn; Mad
Anacardiaceae	<i>Astronium</i>	<i>lecointei</i>	Ducke	Gonçalo-alves	Mad
Anacardiaceae	<i>Astronium</i>	<i>ulei</i>	Mattick	Arueira	---
Anacardiaceae	<i>Spondias</i>	<i>globosa</i>	J.D.Mitch. & Daly	Cajá	Med
Anacardiaceae	<i>Spondias</i>	<i>testudinis</i>	J.D.Mitch. & Daly	Cajarana	Fru
Anacardiaceae	<i>Tapirira</i>	<i>obtusa</i>	(Benth.) J.D.Mitch.	Peito-de-pomba	Orn; Mad; Mel
Anacardiaceae	<i>Tapirira</i>	<i>retusa</i>	Ducke		---
Anacardiaceae	<i>Thyrsodium</i>	<i>bolivianum</i>	J.D.Mitch. & Daly	Breu-de-leite	---
Anacardiaceae	<i>Thyrsodium</i>	<i>herrerense</i>	Encarn.	Breu-de-leite	Mad
Anacardiaceae	<i>Thyrsodium</i>	<i>rondonianum</i>	J.D.Mitch. & Daly	Amaparana	---
Annonaceae	<i>Anaxagorea</i>	<i>acuminata</i>	(Dunal) A.DC.		Med
Annonaceae	<i>Anaxagorea</i>	<i>brachycarpa</i>	R.E.Fr.		---
Annonaceae	<i>Anaxagorea</i>	<i>brevipes</i>	Benth.		---
Annonaceae	<i>Anaxagorea</i>	<i>dolichocarpa</i>	Sprague & Sandwith	Envira-de-porco	---
Annonaceae	<i>Anaxagorea</i>	<i>phaeocarpa</i>	Mart.	Envireira	---
Annonaceae	<i>Anaxagorea</i>	<i>rufa</i>	Timmerman		---
Annonaceae	<i>Annona</i>	<i>amazonica</i>	R.E.Fr.	Envireira	---
Annonaceae	<i>Annona</i>	<i>ambotay</i>	Aubl.	Envira-fedorenta	Mad
Annonaceae	<i>Annona</i>	<i>calcarata</i>	(R.E.Fr.) H.Rainer	Ata brava	---
Annonaceae	<i>Annona</i>	<i>densicoma</i>	Mart.	Araticum-açu	---
Annonaceae	<i>Annona</i>	<i>dolichophylla</i>	R.E.Fr.		---
Annonaceae	<i>Annona</i>	<i>edulis</i>	Triana & Planch.		---
Annonaceae	<i>Annona</i>	<i>exsucca</i>	DC.	Ata-brava	Fru
Annonaceae	<i>Annona</i>	<i>foetida</i>	Mart.		---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Annonaceae	<i>Annona</i>	<i>hispida</i>	(Maas & Westra) H.Rainer		---
Annonaceae	<i>Annona</i>	<i>insignis</i>	R.E.Fr.		---
Annonaceae	<i>Annona</i>	<i>jucunda</i>	Diels		---
Annonaceae	<i>Annona</i>	<i>montana</i>	Macfad.	Jaca de pobre	Fru
Annonaceae	<i>Annona</i>	<i>mucosa</i>	Jacq.	Araticum; Biribá	Fru
Annonaceae	<i>Annona</i>	<i>neoinsignis</i>	H.Rainer		---
Annonaceae	<i>Annona</i>	<i>nitida</i>	Mart.		---
Annonaceae	<i>Annona</i>	<i>paludosa</i>	Aubl.		---
Annonaceae	<i>Annona</i>	<i>papilionella</i>	(Diels) H. Rainer		---
Annonaceae	<i>Annona</i>	<i>schunkei</i>	(Maas & Westra) H.Rainer		---
Annonaceae	<i>Annona</i>	<i>sericea</i>	Dunal	Cortiça	Fru
Annonaceae	<i>Bocageopsis</i>	<i>canescens</i>	(Benth.) R.E.Fr.		---
Annonaceae	<i>Cremastosperma</i>	<i>cauliflorum</i>	R.E.Fr.		---
Annonaceae	<i>Cremastosperma</i>	<i>monospermum</i>	(Rusby) R.E.Fr.		---
Annonaceae	<i>Cremastosperma</i>	<i>oblongum</i>	R.E.Fr.		---
Annonaceae	<i>Cymbopetalum</i>	<i>brasiliense</i>	(Vell.) Benth. ex Baill.	Envira da mata; Pirayuara kiynha	Med
Annonaceae	<i>Diclinanona</i>	<i>calycina</i>	(Diels) R.E.Fr.	Huaman-samana; sombrerillo	---
Annonaceae	<i>Diclinanona</i>	<i>tessmannii</i>	Diels		---
Annonaceae	<i>Duguetia</i>	<i>cauliflora</i>	R.E.Fr.	Envireira; Envirira surucucu	---
Annonaceae	<i>Duguetia</i>	<i>echinophora</i>	R.E.Fr.	Ameijú; Envira preta;	---
Annonaceae	<i>Duguetia</i>	<i>flagellaris</i>	Huber	Ameju preto; Pina'y	---
Annonaceae	<i>Duguetia</i>	<i>hadrantha</i>	(Diels) R.E.Fr.	Ata	---
Annonaceae	<i>Duguetia</i>	<i>latifolia</i>	R.E.Fr.	Amtai; Ramomtaim	---
Annonaceae	<i>Duguetia</i>	<i>lucida</i>	Urb.	Ata miju	---
Annonaceae	<i>Duguetia</i>	<i>macrophylla</i>	R.E. Fr.	Envira-conduru	---
Annonaceae	<i>Duguetia</i>	<i>megalocarpa</i>	Maas	Envira caju; Envireira	---
Annonaceae	<i>Duguetia</i>	<i>odorata</i>	(Diels) J.F.Macbr.	Conduru-branco;	Mad
Annonaceae	<i>Duguetia</i>	<i>quitarensis</i>	Benth.		---
Annonaceae	<i>Duguetia</i>	<i>riparia</i>	Huber	Araticu da mata; Makahy-myra	---
Annonaceae	<i>Duguetia</i>	<i>spixiana</i>	Mart.	Envira conduru; Envira jaboti	---
Annonaceae	<i>Duguetia</i>	<i>surinamensis</i>	R.E.Fr.	Araticum; Ata braba; Biribarana	---
Annonaceae	<i>Duguetia</i>	<i>trunciflora</i>	Maas & A.H.Gentry		---
Annonaceae	<i>Ephedranthus</i>	<i>amazonicus</i>	R.E.Fr.	Envira; Envira dura	---
Annonaceae	<i>Ephedranthus</i>	<i>boliviensis</i>	Chatrou & Pirie		---
Annonaceae	<i>Froesiodendron</i>	<i>amazonicum</i>	R.E.Fr.		---
Annonaceae	<i>Fusaea</i>	<i>longifolia</i>	(Aubl.) Saff.	Biribá; Envira cheirosa; Pináyw-hu	---
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>alutacea</i>	Diels	Envira caju; Envira tambaqui	---
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>blepharophylla</i>	R. E. Fr.		---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>boliviiana</i>	H.J.P.Winkl.	Envireira	---
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>citriodora</i>	Ducke	Envira amarela;	Orn
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>decurrrens</i>	R.E.Fr.		---
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>discolor</i>	R.E.Fr.	Envira mole da folha grande	---
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>dolichophylla</i>	R.E.Fr.		---
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>duodecima</i>	Maas & Westra		---
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>glauca</i>	Ruiz & Pav.	Envira fofa; Envireira	---
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>guianensis</i>	(Aubl.) R.E.Fr.		---
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>hyposericea</i>	Diels		---
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>megalophylla</i>	Diels	Envira; Envira preta	---
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>meliodora</i>	R.E.Fr.	Envira	---
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>modesta</i>	Diels	Chaporoasca	---
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>olivacea</i>	R.E.Fr.	Envira cajú; manga de anta	---
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>pteropus</i>	Benth.		---
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>punctata</i>	(Aubl.) R.A.Howard		---
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>schomburgkiana</i>	Mart.		---
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>scytophylla</i>	Diels	Envira preta; Envireira	---
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>tomentosa</i>	Rusby	Envira-fofa-folha-peluda	---
Annonaceae	<i>Guatteria</i>	<i>ucayalina</i>	Huber		---
Annonaceae	<i>Klarobelia</i>	<i>pumila</i>	Chatrou		---
Annonaceae	<i>Malmea</i>	<i>dielsiana</i>	R.E.Fr.	Envireira	---
Annonaceae	<i>Mosannonia</i>	<i>pachiteae</i>	(D.R.Simpson) Chatrou		---
Annonaceae	<i>Mosannonia</i>	<i>raimondii</i>	(Diels) Chatrou	Envira preta	---
Annonaceae	<i>Onychopetalum</i>	<i>periquino</i>	(Rusby) D.M.Johnson & N.A.Murray	Envira-caju	Mad; Fru
Annonaceae	<i>Oxandra</i>	<i>euneura</i>	Diels		---
Annonaceae	<i>Oxandra</i>	<i>mediocris</i>	Diels		---
Annonaceae	<i>Oxandra</i>	<i>polyantha</i>	R.E.Fr.		---
Annonaceae	<i>Oxandra</i>	<i>riedeliana</i>	R.E.Fr.		---
Annonaceae	<i>Oxandra</i>	<i>sphaerocarpa</i>	R.E.Fr.		---
Annonaceae	<i>Oxandra</i>	<i>xylopioides</i>	Diels	Envira preta; Envira vassourinha	---
Annonaceae	<i>Porcelia</i>	<i>nitidifolia</i>	Ruiz & Pav.		---
Annonaceae	<i>Porcelia</i>	<i>ponderosa</i>	(Rusby) Rusby	Ata-amarela	---
Annonaceae	<i>Pseudomalmea</i>	<i>diclina</i>	(R.E.Fr.) Chatrou	Envira	---
Annonaceae	<i>Pseudoxandra</i>	<i>acreana</i>	Maas		---
Annonaceae	<i>Pseudoxandra</i>	<i>lucida</i>	R.E.Fr.	Envira amarela; Envira margosa	---
Annonaceae	<i>Pseudoxandra</i>	<i>polyphleba</i>	(Diels) R.E.Fr.	Envira branca; Envira amargosa	---
Annonaceae	<i>Ruizodendron</i>	<i>ovale</i>	(Ruiz & Pav.) R.E.Fr.	Piaçaba	---
Annonaceae	<i>Tetrameranthus</i>	<i>laomae</i>	D.R.Simpson		---
Annonaceae	<i>Trigynaea</i>	<i>duckei</i>	(R.E.Fr.) R.E.Fr.		---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Annonaceae	<i>Unonopsis</i>	<i>floribunda</i>	Diels	Envira preta; envira	---
Annonaceae	<i>Unonopsis</i>	<i>guatterioides</i>	(A.DC.) R.E.Fr.	Envira da várzea; Mutambi;	Orn
Annonaceae	<i>Unonopsis</i>	<i>spectabilis</i>	Diels	Envira cheirosa folha grande	---
Annonaceae	<i>Unonopsis</i>	<i>stipitata</i>	Diels	Envira cascuda; Pindaíba preta	---
Annonaceae	<i>Unonopsis</i>	<i>veneficiorum</i>	(Mart.) R.E.Fr.		---
Annonaceae	<i>Xylopia</i>	<i>amazonica</i>	R.E.Fr.		---
Annonaceae	<i>Xylopia</i>	<i>benthamii</i>	R.E.Fr.	Envira; Invira amarela	---
Annonaceae	<i>Xylopia</i>	<i>cayennensis</i>	Maas	Imbiriba; Pau santo	---
Annonaceae	<i>Xylopia</i>	<i>crinita</i>	R.E.Fr.		---
Annonaceae	<i>Xylopia</i>	<i>cuspidata</i>	Diels		---
Annonaceae	<i>Xylopia</i>	<i>discreta</i>	(L.f.) Sprague & Hutch.		---
Annonaceae	<i>Xylopia</i>	<i>ligustrifolia</i>	Humb. & Bonpl. ex Dunal		---
Annonaceae	<i>Xylopia</i>	<i>multiflora</i>	R.E.Fr.	Envira pimenta	---
Annonaceae	<i>Xylopia</i>	<i>neglecta</i>	(Kuntze) R.E.Fr.		---
Annonaceae	<i>Xylopia</i>	<i>nervosa</i>	(R.E.Fr.) Maas		---
Annonaceae	<i>Xylopia</i>	<i>nitida</i>	Dunal	Tupã-wyra	---
Annonaceae	<i>Xylopia</i>	<i>polyantha</i>	R.E.Fr.		---
Apocynaceae	<i>Aspidosperma</i>	<i>album</i>	(Vahl) Benoit ex Pichon	Cabeça-de-arara; piquiá-marfim	---
Apocynaceae	<i>Aspidosperma</i>	<i>desmanthum</i>	Benth. ex Müll.Arg.		Mad
Apocynaceae	<i>Aspidosperma</i>	<i>discolor</i>	A. DC.	Carapanaúba-preta	---
Apocynaceae	<i>Aspidosperma</i>	<i>macrocarpon</i>	Mart.	Pereiro	Orn; Mad
Apocynaceae	<i>Aspidosperma</i>	<i>myristicifolium</i>	(Markgr.) Woodson		---
Apocynaceae	<i>Aspidosperma</i>	<i>parvifolium</i>	A.DC.	Amarelão	Orn; Mad
Apocynaceae	<i>Aspidosperma</i>	<i>rigidum</i>	Rusby	Carapanaúba amarela	---
Apocynaceae	<i>Aspidosperma</i>	<i>schultesii</i>	Woodson		---
Apocynaceae	<i>Aspidosperma</i>	<i>spruceanum</i>	Benth. ex Müll.Arg.	Amargoso	Orn; Mad
Apocynaceae	<i>Aspidosperma</i>	<i>ulei</i>	Markgr.		---
Apocynaceae	<i>Couma</i>	<i>macrocarpa</i>	Barb.Rodr.	Sorva	Orn; Mad; Fru
Apocynaceae	<i>Couma</i>	<i>utilis</i>	(Mart.) Müll.Arg.	Sorva; sorvarana	Orn; Mad; Fru
Apocynaceae	<i>Geissospermum</i>	<i>reticulatum</i>	A.H.Gentry	Acariquara-branca; quina-amarela	Med
Apocynaceae	<i>Geissospermum</i>	<i>sericeum</i>	Miers	Quina-quina branca	---
Apocynaceae	<i>Geissospermum</i>	<i>vellosii</i>	Allemão		---
Apocynaceae	<i>Himatanthus</i>	<i>articulatus</i>	(Vahl) Woodson	Janaguba; Sucuuba	Med
Apocynaceae	<i>Himatanthus</i>	<i>phagedaenicus</i>	(Mart.) Woodson	Sucuuba	---
Apocynaceae	<i>Himatanthus</i>	<i>revolutus</i>	(Huber) Spina & Kin.-Gouv.		---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Apocynaceae	<i>Himatanthus</i>	<i>tarapotensis</i>	(Schum. ex Markgr.) Plumel	Sucuuba	---
Apocynaceae	<i>Lacmellea</i>	<i>gracilis</i>	(Müll.Arg.) Markgr.		---
Apocynaceae	<i>Lacmellea</i>	<i>lactescens</i>	(Kuhlm.) Markgr.	Chico preto	---
Apocynaceae	<i>Laxoplumeria</i>	<i>baehniana</i>	Monach.		---
Apocynaceae	<i>Laxoplumeria</i>	<i>tessmannii</i>	Markgr.		---
Apocynaceae	<i>Macoubea</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.		---
Apocynaceae	<i>Rauvolfia</i>	<i>paraensis</i>	Ducke	Gogó-de-guariba	---
Apocynaceae	<i>Rauvolfia</i>	<i>praecox</i>	K.Schum. ex Markgr.	Marfim fedorento; marfim de porco	---
Apocynaceae	<i>Rauvolfia</i>	<i>sprucei</i>	Müll.Arg.		---
Apocynaceae	<i>Rhigospira</i>	<i>quadrangularis</i>	(Müll.Arg.) Miers	Ariá; goiaba de anta	---
Apocynaceae	<i>Tabernaemontana</i>	<i>amygdalifolia</i>	Jacq.		---
Apocynaceae	<i>Tabernaemontana</i>	<i>coriacea</i>	Miers		---
Apocynaceae	<i>Tabernaemontana</i>	<i>cymosa</i>	Jacq.	Grão de galho	---
Apocynaceae	<i>Tabernaemontana</i>	<i>heterophylla</i>	Vahl		---
Apocynaceae	<i>Tabernaemontana</i>	<i>lagenaria</i>	Leeuwenb.	Grão de galho	---
Apocynaceae	<i>Tabernaemontana</i>	<i>linkii</i>	A.DC.	Janaguba	---
Apocynaceae	<i>Tabernaemontana</i>	<i>macrocalyx</i>	Müll. Arg.		---
Apocynaceae	<i>Tabernaemontana</i>	<i>markgrafiana</i>	J.F.Macbr.	Sanango	---
Apocynaceae	<i>Tabernaemontana</i>	<i>muricata</i>	Link ex Roem. & Schult.		---
Apocynaceae	<i>Tabernaemontana</i>	<i>sanango</i>	Ruiz & Pav.	Abiu bravo; sanango	---
Apocynaceae	<i>Tabernaemontana</i>	<i>siphilitica</i>	(L.f.) Leeuwenb.	Grão de galho	---
Apocynaceae	<i>Tabernaemontana</i>	<i>undulata</i>	Vahl		---
Apocynaceae	<i>Thevetia</i>	<i>peruviana</i>	(Pers.) K.Schum.		---
Aquifoliaceae	<i>Ilex</i>	<i>divaricata</i>	Mart. ex Reissek		---
Aquifoliaceae	<i>Ilex</i>	<i>inundata</i>	Poepp. ex Reissek		---
Aquifoliaceae	<i>Ilex</i>	<i>vismiifolia</i>	Reissek		---
Araliaceae	<i>Dendropanax</i>	<i>cuneatus</i>	(DC.) Decne. & Planch.		Orn; Mad; Mel
Araliaceae	<i>Dendropanax</i>	<i>macropodus</i>	(Harms) Marchal		---
Araliaceae	<i>Dendropanax</i>	<i>palustris</i>	(Ducke) Harms		---
Araliaceae	<i>Oreopanax</i>	<i>capitatus</i>	(Jacq.) Decne. & Planch.		---
Araliaceae	<i>Schefflera</i>	<i>confusa</i>	(Marchal) Harms		---
Araliaceae	<i>Schefflera</i>	<i>morototoni</i>	(Aubl.) Maguire et al.	Morototó	Orn; Mad
Araliaceae	<i>Schefflera</i>	<i>sprucei</i>	(Seem.) Harms		---
Asteraceae	<i>Tessaria</i>	<i>integrifolia</i>	Ruiz & Pav.		---
Asteraceae	<i>Vernonanthura</i>	<i>yurimaguasensis</i>	(Hieron.) H.Rob.		---
Bignoniaceae	<i>Handroanthus</i>	<i>barbatus</i>	(E. Mey.) Mattos		Orn
Bignoniaceae	<i>Handroanthus</i>	<i>capitatus</i>	(Bureau & K.Schum.) Mattos		Orn
Bignoniaceae	<i>Handroanthus</i>	<i>impetiginosus</i>	(Mart. ex DC.) Mattos	Pau-d'arco-roxo	Med; Orn; Mad
Bignoniaceae	<i>Handroanthus</i>	<i>obscurus</i>	(Bureau & K.Schum.) Mattos		Orn

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Bignoniaceae	<i>Handroanthus</i>	<i>serratifolius</i>	(Vahl) S.Grose	Pau-d'arco amarelo	Med; Orn; Mad
Bignoniaceae	<i>Jacaranda</i>	<i>copaia</i>	(Aubl.) D.Don	Caroba; caxeta; marupá	Orn; Mad
Bignoniaceae	<i>Jacaranda</i>	<i>glabra</i>	(DC.) Bureau & K.Schum.		Orn
Bignoniaceae	<i>Jacaranda</i>	<i>hirsuta</i>	Vattimo		Orn
Bignoniaceae	<i>Jacaranda</i>	<i>obtusifolia</i>	Bonpl.		Orn
Bignoniaceae	<i>Tabebuia</i>	<i>capitata</i>	(Bureau & K. Schum.) Sandwith		Orn
Bignoniaceae	<i>Tabebuia</i>	<i>insignis</i>	(Miq.) Sandwith	Ipê-branco-do-brejo	Orn
Bixaceae	<i>Bixa</i>	<i>excelsa</i>	Gleason & Krukoff	Urucurana	---
Bixaceae	<i>Bixa</i>	<i>orellana</i>	L.	Urucum	Med
Bixaceae	<i>Cochlospermum</i>	<i>orinocense</i>	(Kunth) Steud.	Pacotê	Orn
Boraginaceae	<i>Cordia</i>	<i>bicolor</i>	A.DC.		---
Boraginaceae	<i>Cordia</i>	<i>decipiens</i>	I.M.Johnst.		---
Boraginaceae	<i>Cordia</i>	<i>exaltata</i>	Lam.	Grão de galho	---
Boraginaceae	<i>Cordia</i>	<i>fallax</i>	I.M.Johnst.		---
Boraginaceae	<i>Cordia</i>	<i>goeldiana</i>	Huber	Freijó-preto	Mad
Boraginaceae	<i>Cordia</i>	<i>kingstoniana</i>	J.S.Mill.		---
Boraginaceae	<i>Cordia</i>	<i>lomatoloba</i>	I.M.Johnst.		---
Boraginaceae	<i>Cordia</i>	<i>panicularis</i>	Rudge		---
Boraginaceae	<i>Cordia</i>	<i>ripicola</i>	I.M.Johnst.		---
Boraginaceae	<i>Cordia</i>	<i>sagotii</i>	I.M.Johnst.		---
Boraginaceae	<i>Cordia</i>	<i>scabrifolia</i>	A.DC.		---
Boraginaceae	<i>Cordia</i>	<i>sericicalyx</i>	A.DC.		---
Boraginaceae	<i>Cordia</i>	<i>tetrandra</i>	Aubl.		---
Boraginaceae	<i>Cordia</i>	<i>toqueve</i>	Aubl.		---
Boraginaceae	<i>Cordia</i>	<i>ucayaliensis</i>	I.M.Johnst.		---
Boraginaceae	<i>Cordia</i>	<i>ulei</i>	I.M.Johnst.		---
Boraginaceae	<i>Tournefortia</i>	<i>bicolor</i>	Sw.		---
Burseraceae	<i>Crepidospermum</i>	<i>goudotianum</i>	(Tul.)Triana & Planch.	Breu de campina	---
Burseraceae	<i>Crepidospermum</i>	<i>rhoifolium</i>	(Benth.) Triana & Planch.		---
Burseraceae	<i>Dacryodes</i>	<i>belemensis</i>	Cuatrec.		---
Burseraceae	<i>Dacryodes</i>	<i>edilsonii</i>	Daly	Breu; breu mescla	---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>altsonii</i>	Sandwith	Breu-da-folha-miúda	---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>amazonicum</i>	(Cuatrec.) Daly	Breu	---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>apiculatum</i>	Swart	Breu andirobinha	---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>aracouchini</i>	(Aubl.) Marchand		---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>calanense</i>	Cuatrec.		---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>carnosum</i>	A.C.Sm.		---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>crassipetalum</i>	Cuatrec.		---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>divaricatum</i>	Engl.		---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>ferrugineum</i>	(Engl.) Engl.		---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>gallosum</i>	Daly	Breu de leite	---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>glabrescens</i>	Swart		---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>grandifolium</i>	Engl.		---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>hebetatum</i>	Daly	Breu-branco	---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>heptaphyllum</i>	(Aubl.) Marchand	Breu de campina	Med; Mad
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>klugii</i>	J.F.Macbr.		---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>laxiflorum</i>	Engl.		---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>leptostachyum</i>	Cuatrec.		Med
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>meridionale</i>	Swart		---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>nitidifolium</i>	(Cuatrec.) Daly		---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>nodulosum</i>	Swart		---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>opacum</i>	Swart		---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>paniculatum</i>	Engl.	Breu-de-resina	---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>peruvianum</i>	Swart	Breu	---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>polybotryum</i>	(Turcz.) Engl.		---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>puncticulatum</i>	J.F.Macbr.	Breu; breu de tucano	---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>rhynchophyllum</i>	(Rusby)	Breu manga; breu maxixe; breu mescla	---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>robustum</i>	(Swart) D.M.Porter		---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>sagotianum</i>	Marchand	Breu	---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>spruceanum</i>	(Benth.) Engl.	Breu	Orn; Mad; Mel
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>strumosum</i>	Daly		---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>subserratum</i>	(Engl.) Engl.		---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>trifoliolatum</i>	Engl.		---
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>unifoliolatum</i>	Engl.	Breu-verde	Med
Burseraceae	<i>Protium</i>	<i>urophyllum</i>	Daly		---
Burseraceae	<i>Tetragastris</i>	<i>altissima</i>	(Aubl.) Swart	Breu-sucuruba; breu-vermelho	Med; Mad; Mel
Burseraceae	<i>Tetragastris</i>	<i>panamensis</i>	(Engl.) Kuntze	Breu de leite; breu mescla	---
Burseraceae	<i>Trattinnickia</i>	<i>boliviiana</i>	(Swart) Daly	Breu branco; breu de leite; breu sucuúba	---
Burseraceae	<i>Trattinnickia</i>	<i>burserifolia</i>	Mart.		---
Burseraceae	<i>Trattinnickia</i>	<i>glaziovii</i>	Swart	Breu-de-leite	---
Burseraceae	<i>Trattinnickia</i>	<i>lancifolia</i>	(Cuatrec.) Daly		---
Burseraceae	<i>Trattinnickia</i>	<i>peruviana</i>	Loes.		---
Burseraceae	<i>Trattinnickia</i>	<i>rhoifolia</i>	Willd.	Almecegueira	Mad; Mel
Calophyllaceae	<i>Calophyllum</i>	<i>brasiliense</i>	Cambess.	Guanandi; jacareúba; Jacareúba	Med; Orn; Mad; Fru
Calophyllaceae	<i>Caripa</i>	<i>densifolia</i>	Mart.	Camaçari	Orn; Mad
Calophyllaceae	<i>Clusiella</i>	<i>axillaris</i>	(Engl.) Cuatrec.		---
Calophyllaceae	<i>Haploclathra</i>	<i>paniculata</i>	(Mart.) Benth.	Mura-Piranga; Pau Vermelho	---
Calophyllaceae	<i>Marila</i>	<i>tomentosa</i>	Poepp.		---
Cannabaceae	<i>Celtis</i>	<i>iguanaea</i>	(Jacq.) Sarg.	Grão de galo	Mad; Fru
Capparaceae	<i>Capparidastrum</i>	<i>solum</i>	(J.F.Macbr.) Cornejo & Iltis	Escama de peixe	---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Capparaceae	<i>Morisonia</i>	<i>oblongifolia</i>	Britton		---
Capparaceae	<i>Preslianthus</i>	<i>detonsus</i>	(Triana & Planch.) Iltis & Cornejo		---
Capparaceae	<i>Preslianthus</i>	<i>pittieri</i>	(Standl.) Iltis & Cornejo		---
Cardiopteridaceae	<i>Citronella</i>	<i>melliodora</i>	(Sleumer) R.A. Howard	Pitombarana; quariquara branca	---
Caricaceae	<i>Jacaratia</i>	<i>digitata</i>	(Poepp. & Endl.) Solms	Jaracatiá; jaracatiara; mamuí	Med
Caricaceae	<i>Jacaratia</i>	<i>spinosa</i>	(Aubl.) A.DC.	Jaracatiá	Med; Fru
Caricaceae	<i>Vasconcellea</i>	<i>glandulosa</i>	A.DC.		---
Caricaceae	<i>Vasconcellea</i>	<i>microcarpa</i>	(Jacq.) A.DC.		---
Caryocaraceae	<i>Anthodiscus</i>	<i>peruanus</i>	Baill.		---
Caryocaraceae	<i>Caryocar</i>	<i>glabrum</i>	(Aubl.) Pers.	Pequiariana	Mad; Fru
Caryocaraceae	<i>Caryocar</i>	<i>pallidum</i>	A.C.Sm.	Pequi	Mad; Fru
Celastraceae	<i>Cheiloclinium</i>	<i>cognatum</i>	(Miers) A.C.Sm.	Siputá	Fru
Celastraceae	<i>Haydenoxylon</i>	<i>urbanianum</i>	(Loes.) M.P. Simmons		---
Celastraceae	<i>Maytenus</i>	<i>floribunda</i>	Reissek		---
Celastraceae	<i>Maytenus</i>	<i>guyanensis</i>	Klotzsch ex Reissek		---
Celastraceae	<i>Peritassa</i>	<i>dulcis</i>	(Benth.) Miers		---
Celastraceae	<i>Peritassa</i>	<i>laevigata</i>	(Hoffmanns. ex Link) A.C.Sm.		---
Celastraceae	<i>Salacia</i>	<i>gigantea</i>	Loes.		---
Celastraceae	<i>Salacia</i>	<i>macrantha</i>	A.C.Sm.		---
Celastraceae	<i>Salacia</i>	<i>opacifolia</i>	(J.F.Macbr.) A.C.Sm.		---
Celastraceae	<i>Salacia</i>	<i>solimoesensis</i>	A.C.Sm.		---
Celastraceae	<i>Tontelea</i>	<i>attenuata</i>	Miers		---
Celastraceae	<i>Tontelea</i>	<i>congestiflora</i>	(A.C.Sm.) A.C.Sm.		---
Celastraceae	<i>Tontelea</i>	<i>passiflora</i>	(Vell.) Lombardi	Abacate-do-mato, Castanha-mineira	---
Chrysobalanaceae	<i>Acioa</i>	<i>edulis</i>	Prance	Castanha-de-cotia	Fru
Chrysobalanaceae	<i>Couepia</i>	<i>bracteosa</i>	Benth.	Pajurá-verdadeiro	---
Chrysobalanaceae	<i>Couepia</i>	<i>chrysocalyx</i>	(Poepp. & Endl.) Benth. ex Hook. f.		Fru
Chrysobalanaceae	<i>Couepia</i>	<i>elata</i>	Ducke	Macucu	---
Chrysobalanaceae	<i>Couepia</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.		---
Chrysobalanaceae	<i>Couepia</i>	<i>macrophylla</i>	Spruce ex Hook.f.	Macucu sangue; pajura; pajura pedra	---
Chrysobalanaceae	<i>Couepia</i>	<i>paraensis</i>	(Mart. & Zucc.) Benth.	Caripé	---
Chrysobalanaceae	<i>Couepia</i>	<i>ulei</i>	Pilg.	Pajurazinho, pajura	---
Chrysobalanaceae	<i>Couepia</i>	<i>williamsii</i>	J.F.Macbr.		---
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella</i>	<i>bullata</i>	Benth.		---
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella</i>	<i>excelsa</i>	Standl. ex Prance	Caripé; cariperana	---
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella</i>	<i>guainiae</i>	Spruce ex Hook.f.		---
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella</i>	<i>hispida</i>	Miq.		---
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella</i>	<i>physophora</i>	Mart. & Zucc.		---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella</i>	<i>pilosissima</i>	Mart. & Zucc.		---
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella</i>	<i>piresii</i>	Prance		---
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella</i>	<i>racemosa</i>	Lam.	Macucu peludo	Mad
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella</i>	<i>rasa</i>	Standl.		---
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella</i>	<i>rodriguesii</i>	Prance		---
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella</i>	<i>subglanduligera</i>	Pilg.		---
Chrysobalanaceae	<i>Hirtella</i>	<i>tocantina</i>	Ducke		---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>apetala</i>	(E.Mey.) Fritsch	Caripé vermelho	Mad
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>arborea</i>	Seem.	Caripé-roxo	Mad
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>brittoniana</i>	Fritsch		---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>canescens</i>	Benoist	Macucu chiador	---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>caudata</i>	Prance		---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>harlingii</i>	Prance		---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>heteromorpha</i>	Benth.	Cariperana	---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>hypoleuca</i>	Benth.		---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>kunthiana</i>	Hook.f.	Ascindiúva	Mad
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>laevigata</i>	Prance	Macucu sangue	---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>lata</i>	J.F.Macbr.		---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>latifolia</i>	Benth. ex Hook.f.	Macucu-sangue	---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>licaniiflora</i>	(Sagot) Blake		---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>longipetala</i>	Prance	Caquinho; copinho	---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>longistyla</i>	(Hook.f.) Fritsch	Caripé-preto; caripé; uchi-de-cotia	---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>micrantha</i>	Miq.	Pintadinha; macucú-farinha-seca	---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>miltonii</i>	Prance		---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>minutiflora</i>	(Sagot) Fritsch		---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>octandra</i>	(Hoffmanns. ex Roem. & Schult.) Kuntze	Caripé; caripé vermelho	---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>parviflora</i>	Benth.		---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>polita</i>	Spruce ex Hook.f.		---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>sclerophylla</i>	(Hook.f.) Fritsch	Caripé vermelho	---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>triandra</i>	Mart. ex Hook.f.		---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>unguiculata</i>	Prance		---
Chrysobalanaceae	<i>Licania</i>	<i>urceolaris</i>	Hook.f.		---
Chrysobalanaceae	<i>Parinari</i>	<i>klugii</i>	Prance		---
Chrysobalanaceae	<i>Parinari</i>	<i>montana</i>	Aubl.	Pajurazinho	Mad
Chrysobalanaceae	<i>Parinari</i>	<i>occidentalis</i>	Prance		---
Clusiaceae	<i>Chrysochlamys</i>	<i>membranacea</i>	Planch. & Triana		---
Clusiaceae	<i>Chrysochlamys</i>	<i>ulei</i>	Engl.		---
Clusiaceae	<i>Chrysochlamys</i>	<i>weberbaueri</i>	Engl.		Med
Clusiaceae	<i>Clusia</i>	<i>amazonica</i>	Planch. & Triana		---
Clusiaceae	<i>Clusia</i>	<i>flavida</i>	(Benth.) Pipoly		---
Clusiaceae	<i>Clusia</i>	<i>hammelihana</i>	Pipoly		---
Clusiaceae	<i>Clusia</i>	<i>loretensis</i>	Engl.		---
Clusiaceae	<i>Clusia</i>	<i>nemorosa</i>	G.Mey	Camaçari	Orn
Clusiaceae	<i>Clusia</i>	<i>nigrolineata</i>	P.F.Stevens		---
Clusiaceae	<i>Clusia</i>	<i>renggerioides</i>	Planch. & Triana		---
Clusiaceae	<i>Clusia</i>	<i>weddelliana</i>	Planch. & Triana		---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Clusiaceae	<i>Garcinia</i>	<i>gardneriana</i>	(Planch. & Triana) Zappi	Bacupari	Orn; Mad; Fru
Clusiaceae	<i>Garcinia</i>	<i>leptophylla</i>	Bittrich		---
Clusiaceae	<i>Garcinia</i>	<i>macrophylla</i>	Mart.	Bacuri caraquento; bacuri liso	Mad; Fru
Clusiaceae	<i>Garcinia</i>	<i>madruno</i>	(Kunth) Hammel	Bacuri-azedo; bacuri-de-espinho	Fru
Clusiaceae	<i>Moronoea</i>	<i>pulchra</i>	Ducke		---
Clusiaceae	<i>Platonia</i>	<i>insignis</i>	Mart.	Bacuri-de-anta	Mad; Fru
Clusiaceae	<i>Sympmania</i>	<i>globulifera</i>	L.f.	Anani-terra-firme	Med; Orn; Mad;
Clusiaceae	<i>Tovomita</i>	<i>brevistaminea</i>	Engl.		---
Clusiaceae	<i>Tovomita</i>	<i>fructipendula</i>	(Mart.) Walp.		---
Clusiaceae	<i>Tovomita</i>	<i>stigmatosa</i>	Planch. & Triana		---
Clusiaceae	<i>Tovomita</i>	<i>umbellata</i>			---
Combretaceae	<i>Buchenavia</i>	<i>congesta</i>	Ducke	Tanimbuca	---
Combretaceae	<i>Buchenavia</i>	<i>grandis</i>	Ducke	Tanimbuca; Mirindiba; cuia-rana	---
Combretaceae	<i>Buchenavia</i>	<i>macrophylla</i>	Eichler		---
Combretaceae	<i>Buchenavia</i>	<i>oxycarpa</i>	(Mart.) Eichler		---
Combretaceae	<i>Buchenavia</i>	<i>pallidovirens</i>	Cuatrec.		---
Combretaceae	<i>Buchenavia</i>	<i>sericocarpa</i>	Ducke	Imbu; periquiteira	---
Combretaceae	<i>Buchenavia</i>	<i>tomentosa</i>	Eichler	Tanebuco; cuiarana; pebanheira	Mad; Fru; Mel
Combretaceae	<i>Buchenavia</i>	<i>viridiflora</i>	Ducke	Cuia-rana; periquiteira	---
Combretaceae	<i>Combretum</i>	<i>laxum</i>	Jacq.	Mofumbo; bugio; cipó-de-bugio	---
Combretaceae	<i>Combretum</i>	<i>mellifluum</i>	Eichler	Cipó vermelho; sipaúba; mofumbo	---
Combretaceae	<i>Combretum</i>	<i>pyramidalatum</i>	Ham.	Tototo; cipó-pombo	---
Combretaceae	<i>Terminalia</i>	<i>amazonia</i>	(J.F.Gmel.) Exell	Meringiba-de-mata	---
Combretaceae	<i>Terminalia</i>	<i>dichotoma</i>	G.Mey.	Cuiarana	Orn; Mad
Combretaceae	<i>Terminalia</i>	<i>oblonga</i>	(Ruiz & Pav.) Steud.	Imbiridiba amarela; andiroba-rana	---
Connaraceae	<i>Connarus</i>	<i>erianthus</i>	Benth. ex Baker		---
Connaraceae	<i>Rourea</i>	<i>amazonica</i>	(Baker) Radlk.		---
Connaraceae	<i>Rourea</i>	<i>puberula</i>	Baker		---
Dichapetalaceae	<i>Tapura</i>	<i>amazonica</i>	Poepp. & Endl.		---
Dichapetalaceae	<i>Tapura</i>	<i>coriacea</i>	J.F.Macbr.		---
Dichapetalaceae	<i>Tapura</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.		---
Ebenaceae	<i>Diospyros</i>	<i>artanthifolia</i>	Mart.	Caqui; louro	---
Ebenaceae	<i>Diospyros</i>	<i>capreifolia</i>	Mart. ex Hiern	Altinha; Jaquaré	---
Ebenaceae	<i>Diospyros</i>	<i>carbonaria</i>	Benoist		---
Ebenaceae	<i>Diospyros</i>	<i>dalyom</i>	B. Walln.		---
Ebenaceae	<i>Diospyros</i>	<i>guatterioides</i>	A.C.Sm.		---
Ebenaceae	<i>Diospyros</i>	<i>landii</i>	Cavalcante		---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Ebenaceae	<i>Diospyros</i>	<i>longifolia</i>	(Spruce ex Engl.) Sleumer & F.White		---
Ebenaceae	<i>Diospyros</i>	<i>manausensis</i>	Cavalcante		---
Ebenaceae	<i>Diospyros</i>	<i>myrmecocarpa</i>	Mart.		---
Ebenaceae	<i>Diospyros</i>	<i>piresii</i>	Cavalcante		---
Ebenaceae	<i>Diospyros</i>	<i>uaupensis</i>	Cavalcante		---
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>brevipes</i>	Benth.	Urucurana	---
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>eichleri</i>	K.Schum.	Urucurana	---
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>fragrans</i>	Rusby		---
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>garckeana</i>	K.Schum.	Urucurana brava	---
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>gracilis</i>	Uittien		---
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>grandis</i>	Ducke	Urucurana	---
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>guianensis</i>	(Aubl.) Benth.	Urucurana	---
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>kuhlmannii</i>	Ducke		---
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>laurifolia</i>	(Benth.) Benth.		---
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>nitida</i>	G. Don		Mad
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>obtusa</i>	(Splitg.) Schum.		---
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>parviflora</i>	Planch. ex Benth.		---
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>porphyrocarpa</i>	Ducke	Urucurana	---
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>pubescens</i>	Benth.		---
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>robusta</i>	Uittien		---
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>rufa</i>	Planch. ex Benth.		---
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>schomburgkii</i>	Benth.	Murici	---
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>sinemariensis</i>	Aubl.		---
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>spathulata</i>	Earle Sm.		---
Elaeocarpaceae	<i>Sloanea</i>	<i>terniflora</i>	(DC.) Standl.		---
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum</i>	<i>acuminatum</i>	Ruiz & Pav.		---
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum</i>	<i>amazonicum</i>	Peyr.		---
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum</i>	<i>citrifolium</i>	A.St.-Hil.		---
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum</i>	<i>gracilipes</i>	Peyr.		---
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum</i>	<i>macrophyllum</i>	Cav.		---
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum</i>	<i>mucronatum</i>	Benth.	Atracador; cuminxá; pimentinha	---
Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum</i>	<i>squamatum</i>	Sw.	Café-bravo	---
Euphorbiaceae	<i>Acalypha</i>	<i>cuneata</i>	Poepp.		---
Euphorbiaceae	<i>Acalypha</i>	<i>diversifolia</i>	Jacq.	Maria preta	---
Euphorbiaceae	<i>Acalypha</i>	<i>juruana</i>	Ule		---
Euphorbiaceae	<i>Acalypha</i>	<i>macrostachya</i>	Jacq.		---
Euphorbiaceae	<i>Acidoton</i>	<i>nicaraguensis</i>	(Hemsl.) G.L.Webster		---
Euphorbiaceae	<i>Actinostemon</i>	<i>concolor</i>	(Spreng.) Müll.Arg.	Laranjeira-do-mato; Canela-de-veado	---
Euphorbiaceae	<i>Actinostemon</i>	<i>schomburgkii</i>	(Klotzsch) Hochr.		---
Euphorbiaceae	<i>Adenophaedra</i>	<i>grandifolia</i>	(Klotzsch) Müll.Arg.		---
Euphorbiaceae	<i>Alchornea</i>	<i>discolor</i>	Poepp.	Supiarana; taquari	Orn
Euphorbiaceae	<i>Alchornea</i>	<i>glandulosa</i>	Poepp. & Endl.		---
Euphorbiaceae	<i>Alchorneopsis</i>	<i>floribunda</i>	(Benth.) Müll.Arg.		---
Euphorbiaceae	<i>Anomalocalyx</i>	<i>uleanus</i>	(Pax & K. Hoffm.) Ducke		---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Euphorbiaceae	<i>Caryodendron</i>	<i>amazonicum</i>	Ducke	Castanha de porco; castanhola	---
Euphorbiaceae	<i>Conceveiba</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Marmeiro-da-mata	---
Euphorbiaceae	<i>Conceveiba</i>	<i>rhytidocarpa</i>	Müll. Arg.		---
Euphorbiaceae	<i>Croton</i>	<i>cuneatus</i>	Klotzsch		---
Euphorbiaceae	<i>Croton</i>	<i>maasii</i>	Riina & P.E. Berry		---
Euphorbiaceae	<i>Croton</i>	<i>palanostigma</i>	Klotzsch	Balsa-rana	---
Euphorbiaceae	<i>Croton</i>	<i>sampatik</i>	Müll.Arg.		---
Euphorbiaceae	<i>Croton</i>	<i>spruceanus</i>	Benth.		---
Euphorbiaceae	<i>Croton</i>	<i>tessmannii</i>	Mansf.	Seringari	---
Euphorbiaceae	<i>Croton</i>	<i>trombetensis</i>	Secco et al.	Pau-de-índio	---
Euphorbiaceae	<i>Dodecastigma</i>	<i>amazonicum</i>	Ducke		---
Euphorbiaceae	<i>Glycydendron</i>	<i>amazonicum</i>	Ducke	Castanha de porco	---
Euphorbiaceae	<i>Hevea</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Seringa-itaúba; seringa-vermelha	---
Euphorbiaceae	<i>Mabea</i>	<i>anadena</i>	Pax & K.Hoffm.	Seringaí; seringuinha	---
Euphorbiaceae	<i>Mabea</i>	<i>angularis</i>	Hollander		---
Euphorbiaceae	<i>Mabea</i>	<i>angustifolia</i>	Spruce ex Benth.	Taquari	---
Euphorbiaceae	<i>Mabea</i>	<i>klugii</i>	Steyerl.		---
Euphorbiaceae	<i>Mabea</i>	<i>nitida</i>	Spruce ex Benth.	Seringaí; seringuillo	---
Euphorbiaceae	<i>Mabea</i>	<i>piriri</i>	Aubl.	Taquarirana	---
Euphorbiaceae	<i>Mabea</i>	<i>speciosa</i>	Müll.Arg.	Seringaí	---
Euphorbiaceae	<i>Mabea</i>	<i>standleyi</i>	Steyerl.		---
Euphorbiaceae	<i>Mabea</i>	<i>subsessilis</i>	Pax & K.Hoffm.		---
Euphorbiaceae	<i>Micrandra</i>	<i>spruceana</i>	(Baill.) R.E.Schult.		---
Euphorbiaceae	<i>Nealchornea</i>	<i>stipitata</i>	B.Walln.	Fariña seca	---
Euphorbiaceae	<i>Nealchornea</i>	<i>yapurensis</i>	Huber	Cernambi-branco	---
Euphorbiaceae	<i>Pausandra</i>	<i>trianae</i>	(Müll.Arg.) Baill.	Orelha-de-burro	Mad
Euphorbiaceae	<i>Pseudosenefflera</i>	<i>inclinata</i>	(Müll.Arg.) Esser		---
Euphorbiaceae	<i>Rhodothrysus</i>	<i>macrophyllus</i>	(Ducke) Esser		---
Euphorbiaceae	<i>Sagotia</i>	<i>brachysepala</i>	(Müll.Arg.) Secco	Casca seca; rimo	---
Euphorbiaceae	<i>Sagotia</i>	<i>racemosa</i>	Baill.	Arataciú	---
Euphorbiaceae	<i>Sandwithia</i>	<i>guyanensis</i>	Lanj.	Urucurana-branca	---
Euphorbiaceae	<i>Sapium</i>	<i>glandulosum</i>	(L.) Morong	Janaguba	---
Euphorbiaceae	<i>Sapium</i>	<i>laurifolium</i>	(A.Rich.) Griseb.		---
Euphorbiaceae	<i>Sapium</i>	<i>marmieri</i>	Huber	Burra leiteira	---
Euphorbiaceae	<i>Senefflera</i>	<i>triandra</i>	Pax & K.Hoffm.	Hurú hiná yapá	---
Euphorbiaceae	<i>Tetrorchidium</i>	<i>dusenii</i>	Pax & K.Hoffm.		---
Euphorbiaceae	<i>Tetrorchidium</i>	<i>rubrivenium</i>	Poepp.	Canemuçu	---
Fabaceae	<i>Abarema</i>	<i>auriculata</i>	(Benth.) Barneby & J.W.Grimes		---
Fabaceae	<i>Abarema</i>	<i>barbouriana</i>	(Ducke) Barneby & J.W.Grimes		---
Fabaceae	<i>Abarema</i>	<i>floribunda</i>	(Spruce ex Benth.) Barneby & J.W.Grimes		---
Fabaceae	<i>Abarema</i>	<i>jupunba</i>	(Willd.) Britton & Killip	Ingarana	Orn; Mad
Fabaceae	<i>Abarema</i>	<i>laeta</i>	(Benth.) Barneby & J.W.Grimes		---
Fabaceae	<i>Albizia</i>	<i>duckeana</i>	L.Rico		---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Fabaceae	<i>Albizia</i>	<i>inundata</i>	(Mart.) Barneby & J.W.Grimes	Bigueiro	Mad
Fabaceae	<i>Albizia</i>	<i>niopoides</i>	(Spruce ex Benth.) Burkart	Farinha-seca	Orn
Fabaceae	<i>Albizia</i>	<i>pedicellaris</i>	(DC.) L.Rico	Faveira	---
Fabaceae	<i>Amburana</i>	<i>acreana</i>	(Ducke) A.C.Sm.	Cerejeira; cumaru de cheiro	Med; Mad
Fabaceae	<i>Amphiodon</i>	<i>effusus</i>	Huber		---
Fabaceae	<i>Andira</i>	<i>inermis</i>	(W.Wright) DC.	Angelim	Med; Orn; Mad
Fabaceae	<i>Andira</i>	<i>macrothyrsa</i>	Ducke		---
Fabaceae	<i>Andira</i>	<i>multistipula</i>	Ducke		---
Fabaceae	<i>Andira</i>	<i>surinamensis</i>	(Bondt) Splitg. ex Amshoff	Acapurana	Mad
Fabaceae	<i>Andira</i>	<i>vermifuga</i>	(Mart.) Benth.		---
Fabaceae	<i>Apuleia</i>	<i>leiocarpa</i>	(Vogel) J.F.Macbr.	Cumaru cetim; mitaroá; pau-garapa	Orn; Mad
Fabaceae	<i>Barnebydendron</i>	<i>riedelii</i>	(Tul.) J.H.Kirkbr.	Copaíbarana; guaribeiro	Orn; Mad
Fabaceae	<i>Batesia</i>	<i>floribunda</i>	Benth.		---
Fabaceae	<i>Bauhinia</i>	<i>acreana</i>	Harms	Mororó branco	---
Fabaceae	<i>Bauhinia</i>	<i>aureopunctata</i>	Ducke		---
Fabaceae	<i>Bauhinia</i>	<i>longicuspis</i>	Benth.	Maniva do veado	---
Fabaceae	<i>Bauhinia</i>	<i>tumupasensis</i>	Rusby		---
Fabaceae	<i>Bowdichia</i>	<i>nitida</i>	Spruce ex Benth.		---
Fabaceae	<i>Browneopsis</i>	<i>peruviana</i>	(J.F.Macbr.) Klitg.	Muricí	---
Fabaceae	<i>Campsiandra</i>	<i>angustifolia</i>	Spruce ex Benth.		---
Fabaceae	<i>Campsiandra</i>	<i>laurifolia</i>	Benth.		---
Fabaceae	<i>Cassia</i>	<i>grandis</i>	L.f.	Geneúna	Orn; Mad
Fabaceae	<i>Cassia</i>	<i>midas</i>	H.S.Irwin & Barneby		---
Fabaceae	<i>Cassia</i>	<i>spruceana</i>	Benth.		---
Fabaceae	<i>Cedrelinga</i>	<i>cateniformis</i>	(Ducke) Ducke	Cedrorana	---
Fabaceae	<i>Centrolobium</i>	<i>ochroxylum</i>	Rose ex Rudd		---
Fabaceae	<i>Chloroleucon</i>	<i>mangense</i>	(Jacq.) Britton & Rose	Jurema	---
Fabaceae	<i>Chloroleucon</i>	<i>tenuiflorum</i>	(Benth.) Barneby & J.W.Grimes	Tataré	Orn; Mad
Fabaceae	<i>Clitoria</i>	<i>amazonum</i>	Mart. ex Benth.	Feijão bravo	---
Fabaceae	<i>Clitoria</i>	<i>arborea</i>	Benth.		---
Fabaceae	<i>Clitoria</i>	<i>nervosa</i>	Herzog		---
Fabaceae	<i>Cojoba</i>	<i>chazutense</i>	(Standl.) L.Rico		---
Fabaceae	<i>Copaifera</i>	<i>multijuga</i>	Hayne	Copaíba; copaíba-preta	Med; Mad
Fabaceae	<i>Copaifera</i>	<i>paupera</i>	(Herzog) Dwyer	Copaíba-amarela; Copaíba-branca	---
Fabaceae	<i>Copaifera</i>	<i>reticulata</i>	Benth.		---
Fabaceae	<i>Crudia</i>	<i>amazonica</i>	Spruce ex Benth.		Med
Fabaceae	<i>Crudia</i>	<i>glaberrima</i>	(Steud.) J.F.Macbr.		---
Fabaceae	<i>Crudia</i>	<i>tomentosa</i>	(Aubl.) J.F.Macbr.	Jutairana	Orn

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Fabaceae	<i>Dalbergia</i>	<i>spruceana</i>	Benth.		---
Fabaceae	<i>Dialium</i>	<i>guianense</i>	(Aubl.) Sandwith	Jutaí-cica; tamarina	Mad; Fru
Fabaceae	<i>Dinizia</i>	<i>excelsa</i>	Ducke	Angelim-vermelho	Orn; Mad
Fabaceae	<i>Diplostropis</i>	<i>peruviana</i>	J.F.Macbr.	Sucupira preta	---
Fabaceae	<i>Diplostropis</i>	<i>purpurea</i>	(Rich.) Amshoff	Sucupira preta	Med; Mad
Fabaceae	<i>Dipteryx</i>	<i>ferrea</i>	(Ducke) Ducke	Cumaru ferro	---
Fabaceae	<i>Dipteryx</i>	<i>micrantha</i>	Harms		---
Fabaceae	<i>Dipteryx</i>	<i>odorata</i>	(Aubl.) Willd.	Cumaru ferro	Med; Mad; Fru
Fabaceae	<i>Dipteryx</i>	<i>polyphylla</i>	(Huber) Ducke	Cumaru-roxo; cumarurana	Mad
Fabaceae	<i>Dussia</i>	<i>tessmannii</i>	Harms	Feijão bravo	---
Fabaceae	<i>Enterolobium</i>	<i>barnebianum</i>	Mesquita & M.F.Silva		---
Fabaceae	<i>Enterolobium</i>	<i>maximum</i>	Ducke	Timbaúba	Mad
Fabaceae	<i>Enterolobium</i>	<i>schomburgkii</i>	(Benth.) Benth.	Fava-orelha-de-macaco	Mad
Fabaceae	<i>Erythrina</i>	<i>poeppigiana</i>	(Walp.) O.F.Cook	Erythrina-do-alto	Med; Orn
Fabaceae	<i>Erythrina</i>	<i>ulei</i>	Harms	Assacúrana	---
Fabaceae	<i>Erythrina</i>	<i>verna</i>	Vell.	Mulungu	Med; Orn
Fabaceae	<i>Hymenaea</i>	<i>courbaril</i>	L.	Jatobá	Med; Orn; Mad; Fru
Fabaceae	<i>Hymenaea</i>	<i>intermedia</i>	Ducke		---
Fabaceae	<i>Hymenaea</i>	<i>oblongifolia</i>	Huber	Jutaí	Med; Mad; Fru
Fabaceae	<i>Hymenaea</i>	<i>parvifolia</i>	Huber	Jutaí	---
Fabaceae	<i>Hymenolobium</i>	<i>excelsum</i>	Ducke	Angelim-da-mata; favela-preta	Mad
Fabaceae	<i>Hymenolobium</i>	<i>nitudum</i>	Benth.		---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>acreana</i>	Harms		---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>alba</i>	(Sw.) Willd.	Ingá-xixi	Fru
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>bourgonii</i>	(Aubl.) DC.	Ingá	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>brachyrhachis</i>	Harms	Ingá	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>bullatorugosa</i>	Ducke		---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>calantha</i>	Ducke	Ingá vermelho	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>capitata</i>	Desv.	Ingá branca; ingá de veado; kwaracua	Fru
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>cayennensis</i>	Sagot ex Benth.	Ingá de macaco, ingá vermelho	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>chartacea</i>	Poepp. & Endl.	Ingá seca	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>chrysantha</i>	Ducke	Ingaí	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>ciliata</i>	C.Presl		---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>cinnamomea</i>	Spruce ex Benth.	Ingá açu; pracuuba	Fru
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>cordatoalata</i>	Ducke		---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>coruscans</i>	Humb. & Bonpl. ex Willd.	Ingá da várzea	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>flagelliformis</i>	(Vell.) Mart.	Ingá pau	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>graciliflora</i>	Benth.		---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>gracilifolia</i>	Ducke	Ingá chichica	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>gracilior</i>	Sprague	Ingá	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>grandiflora</i>	Ducke	Ingá, ingá peluda	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>grandis</i>	T.D.Penn.	Ingá; ingá peluda	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>heterophylla</i>	Willd.	Ingazinho, ingá xixica; ingá pacu	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>leiocalycina</i>	Benth.	Ingaí	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>leptocarpa</i>	T.D.Penn.		---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>longipes</i>	Benth.	Ingá	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>microcoma</i>	Harms	Ingá branca	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>obidensis</i>	Ducke		---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>panurensis</i>	Spruce ex Benth.		---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>paraensis</i>	Ducke	Ingarana, ingá chichica	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>pezizifera</i>	Benth.		---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>punctata</i>	Willd.	Ingá canela, ingá de leite	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>splendens</i>	Willd.	Ingá duro; ingá facão	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>stipulacea</i>	G.Don	Ingá, ingá de espinho	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>stipularis</i>	DC.	Ingá de orelha	Fru
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>striata</i>	Benth.	Ingá banana, Ingá caixão	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>suaveolens</i>	Ducke	Ingá	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>tenuistipula</i>	Ducke	Ingá fina	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>tessmannii</i>	Harms	Ingá	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>thibaudiana</i>	DC.	Ingá-de-macaco	Fru
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>umbellifera</i>	(Vahl) DC.	Ingá branca; ingá pacova	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>umbratica</i>	Poepp. & Endl.	Ingá	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>velutina</i>	Willd.	Ingá-folha-peluda	---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>vera</i>	Willd.	Ingá banana	Orn; Fru; Mel
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>vismiifolia</i>	Poepp. & Endl.		---
Fabaceae	<i>Inga</i>	<i>yasuniana</i>	T.D.Penn.	Ingá mirim, ingá titica	---
Fabaceae	<i>Lecointea</i>	<i>amazonica</i>	Ducke		---
Fabaceae	<i>Lecointea</i>	<i>peruviana</i>	J.F.Macbr.		---
Fabaceae	<i>Leptolobium</i>	<i>nitens</i>	Vogel	Itauba-rana; tentinho	---
Fabaceae	<i>Lonchocarpus</i>	<i>cultratus</i>	(Vell.) A.M.G.Azevedo & H.C.Lima	Embira-de-sapo; envira piaca	---
Fabaceae	<i>Lonchocarpus</i>	<i>seorsus</i>	(J.F.Macbr.) M.Sousa		---
Fabaceae	<i>Lonchocarpus</i>	<i>sericeus</i>	(Poir.) Kunth ex DC.	Imburana	Orn; Mad
Fabaceae	<i>Lonchocarpus</i>	<i>spiciflorus</i>	Mart. ex Benth.	Charapilla; Tangarana-masha	---
Fabaceae	<i>Machaerium</i>	<i>biovulatum</i>	Micheli		---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Fabaceae	<i>Machaerium</i>	<i>hirtum</i>	(Vell.) Stellfeld	Jacarandá-bico-de-pato	Med; Orn; Mel
Fabaceae	<i>Machaerium</i>	<i>inundatum</i>	(Mart. ex Benth.) Ducke		---
Fabaceae	<i>Machaerium</i>	<i>mutisii</i>	Killip ex Rudd		---
Fabaceae	<i>Machaerium</i>	<i>quinata</i>	(Aubl.) Sandwith		---
Fabaceae	<i>Machaerium</i>	<i>tortipes</i>	Hoehne	Pau cipó	---
Fabaceae	<i>Macrolobium</i>	<i>angustifolium</i>	(Benth.) R.S. Cowan		---
Fabaceae	<i>Macrolobium</i>	<i>bifolium</i>	(Aubl.) Pers.	Araparirana	Med; Mad
Fabaceae	<i>Macrolobium</i>	<i>limbatum</i>	Spruce ex Benth.	Faveira	---
Fabaceae	<i>Macrolobium</i>	<i>multijugum</i>	(DC.) Benth.		---
Fabaceae	<i>Macrosamanea</i>	<i>pubiramea</i>	(Steud.) Barneby & J.W.Grimes		---
Fabaceae	<i>Ormosia</i>	<i>coccinea</i>	Jacks.	Muirapiranga	---
Fabaceae	<i>Ormosia</i>	<i>elata</i>	Rudd		---
Fabaceae	<i>Ormosia</i>	<i>flava</i>	(Ducke) Rudd		---
Fabaceae	<i>Ormosia</i>	<i>grandiflora</i>	(Tul.) Rudd		---
Fabaceae	<i>Ormosia</i>	<i>paraensis</i>	Ducke		---
Fabaceae	<i>Ormosia</i>	<i>smithii</i>	Rudd		---
Fabaceae	<i>Parkia</i>	<i>discolor</i>	Spruce ex Benth.	Arapari	---
Fabaceae	<i>Parkia</i>	<i>multijuga</i>	Benth.	Faveira-branca	Orn
Fabaceae	<i>Parkia</i>	<i>nitida</i>	Miq.	Angico; fava pé de arara	Med; Mad
Fabaceae	<i>Parkia</i>	<i>panurensis</i>	Benth. ex H.C.Hopkins	Faveira; Visgueiro	---
Fabaceae	<i>Parkia</i>	<i>pendula</i>	(Willd.) Benth. ex Walp.	Angelim-saia; visgueiro	Orn; Mad
Fabaceae	<i>Parkia</i>	<i>reticulata</i>	Ducke	Fava-pé-de-arara; Visgueiro	---
Fabaceae	<i>Parkia</i>	<i>ulei</i>	(Harms) Kuhlm.		---
Fabaceae	<i>Pentaclethra</i>	<i>macroloba</i>	(Willd.) Kuntze	Pracaxi	Med; Mad; Mel
Fabaceae	<i>Piptadenia</i>	<i>anolidurus</i>	Barneby		---
Fabaceae	<i>Piptadenia</i>	<i>minutiflora</i>	Ducke		---
Fabaceae	<i>Piptadenia</i>	<i>peruviana</i>	(J.F.Macbr.) Barneby		---
Fabaceae	<i>Platycyamus</i>	<i>ulei</i>	Harms	Pau-sangue-da-casca-grossa	---
Fabaceae	<i>Platymiscium</i>	<i>pinnatum</i>	(Jacq.) Dugand	Pau sangue	---
Fabaceae	<i>Platymiscium</i>	<i>pubescens</i>	Micheli	Pau sangue da casca grossa	Orn; Mad
Fabaceae	<i>Platymiscium</i>	<i>stipulare</i>	Benth.		---
Fabaceae	<i>Platymiscium</i>	<i>trinitatis</i>	Benth.	Macacaúba; violeta	---
Fabaceae	<i>Platypodium</i>	<i>elegans</i>	Vogel	Amendoim-do-campo	Orn; Mad
Fabaceae	<i>Pseudopiptadenia</i>	<i>psilostachya</i>	(DC.) G.P.Lewis & M.P.Lima		---
Fabaceae	<i>Pseudopiptadenia</i>	<i>suaveolens</i>	(Miq.) J.W.Grimes	Angico-amarelo; angico-branco	Mad

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Fabaceae	<i>Pterocarpus</i>	<i>amazonum</i>	(Benth.) Amshoff		---
Fabaceae	<i>Pterocarpus</i>	<i>officinalis</i>	Jacq.		---
Fabaceae	<i>Pterocarpus</i>	<i>rohrii</i>	Vahl	Pau-sangue-casca-fina	Orn; Mad
Fabaceae	<i>Pterocarpus</i>	<i>santaloides</i>	L'Hér. ex DC.		---
Fabaceae	<i>Schizolobium</i>	<i>parahyba</i>	(Vell.) S.F.Blake	Canafistula; fava-canafistula	Orn; Mad
Fabaceae	<i>Senegalia</i>	<i>polyphylla</i>	(DC.) Britton & Rose	Espinheiro-preto	Orn; Mad
Fabaceae	<i>Senegalia</i>	<i>rhytidocarpa</i>	(L.Rico) Seigler & Ebinger		---
Fabaceae	<i>Senna</i>	<i>bacillaris</i>	(L.f.) H.S.Irwin & Barneby		---
Fabaceae	<i>Senna</i>	<i>spectabilis</i>	(DC.) H.S.Irwin & Barneby	São-joão	Med; Orn
Fabaceae	<i>Stryphnodendron</i>	<i>microstachyum</i>	Poepp. & Endl.		---
Fabaceae	<i>Stryphnodendron</i>	<i>pulcherrimum</i>	(Willd.) Hochr.	Baginha-de-São-João, Fava	Orn; Mad
Fabaceae	<i>Swartzia</i>	<i>acreana</i>	R.S.Cowan		---
Fabaceae	<i>Swartzia</i>	<i>arborescens</i>	(Aubl.) Pittier	Moirá; jibóia preta	---
Fabaceae	<i>Swartzia</i>	<i>brachyrachis</i>	Harms		---
Fabaceae	<i>Swartzia</i>	<i>calva</i>	R.S.Cowan	Saboneteira	---
Fabaceae	<i>Swartzia</i>	<i>gracilis</i>	Pipoly & Rudas		---
Fabaceae	<i>Swartzia</i>	<i>jorori</i>	Harms	Pau sangue da casca grossa	---
Fabaceae	<i>Swartzia</i>	<i>juruana</i>	Torke		---
Fabaceae	<i>Swartzia</i>	<i>leptopetala</i>	Benth.		---
Fabaceae	<i>Swartzia</i>	<i>obscura</i>	Huber		---
Fabaceae	<i>Swartzia</i>	<i>oraria</i>	R.S.Cowan		---
Fabaceae	<i>Swartzia</i>	<i>pendula</i>	Spruce ex Benth.		---
Fabaceae	<i>Swartzia</i>	<i>polyphylla</i>	DC.	Arabá; pitaíca	---
Fabaceae	<i>Swartzia</i>	<i>reticulata</i>	Ducke	Arabá-preto; arabá-roxo	---
Fabaceae	<i>Swartzia</i>	<i>rosea</i>	Mart. ex Benth.		---
Fabaceae	<i>Swartzia</i>	<i>ulei</i>	Harms	Muirajiboia-amarela	Mad
Fabaceae	<i>Tachigali</i>	<i>acrensis</i>	van de Werff		---
Fabaceae	<i>Tachigali</i>	<i>alba</i>	Ducke		---
Fabaceae	<i>Tachigali</i>	<i>amplifolia</i>	(Ducke) Barneby		---
Fabaceae	<i>Tachigali</i>	<i>bicornuta</i>	van der Werff		---
Fabaceae	<i>Tachigali</i>	<i>chrysaloides</i>	van der Werff		---
Fabaceae	<i>Tachigali</i>	<i>chrysophylla</i>	(Poepp.) Zarucchi & Herend.		---
Fabaceae	<i>Tachigali</i>	<i>formicarum</i>	Harms		---
Fabaceae	<i>Tachigali</i>	<i>fusca</i>	van der Werff		---
Fabaceae	<i>Tachigali</i>	<i>glauca</i>	Tul.		---
Fabaceae	<i>Tachigali</i>	<i>guianensis</i>	(Benth.) Zarucchi & Herend.		---
Fabaceae	<i>Tachigali</i>	<i>macbridei</i>	Zarucchi & Herend.		---
Fabaceae	<i>Tachigali</i>	<i>paniculata</i>	Aubl.	Taxi-preto	Mad
Fabaceae	<i>Tachigali</i>	<i>schultesiana</i>	Dwyer		---
Fabaceae	<i>Tachigali</i>	<i>setifera</i>	(Ducke) Zarucchi & Herend.		---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Fabaceae	<i>Taralea</i>	<i>oppositifolia</i>	Aubl.		---
Fabaceae	<i>Trischidium</i>	<i>alternum</i>	(Benth.) H.E.Ireland		---
Fabaceae	<i>Vataarea</i>	<i>fusca</i>	(Ducke) Ducke	Andiroba-amargosa; Angelim-amargoso	---
Fabaceae	<i>Vataarea</i>	<i>sericea</i>	(Ducke) Ducke	Sucupira-amarela	Med; Mad
Fabaceae	<i>Zygia</i>	<i>basijuga</i>			---
Fabaceae	<i>Zygia</i>	<i>cataractae</i>	(Kunth) L.Rico		---
Fabaceae	<i>Zygia</i>	<i>claviflora</i>	(Benth.) Barneby & J.W.Grimes		---
Fabaceae	<i>Zygia</i>	<i>coccinea</i>	(G.Don) L.Rico	Ingá ferro	---
Fabaceae	<i>Zygia</i>	<i>inaequalis</i>	(Willd.) Pittier	Jarandeuá	---
Fabaceae	<i>Zygia</i>	<i>juruana</i>	(Harms) L.Rico	Igarana	---
Fabaceae	<i>Zygia</i>	<i>latifolia</i>	(L.) Fawc. & Rendle	Ingá do baixo; ingá dura	Orn
Fabaceae	<i>Zygia</i>	<i>macbridei</i>	(C.Barbosa) L.Rico		---
Fabaceae	<i>Zygia</i>	<i>ramiflora</i>	(Benth.) Barneby & J.W.Grimes		---
Fabaceae	<i>Zygia</i>	<i>stipularis</i>	(Benth.) L. Rico		---
Gentianaceae	<i>Potalia</i>	<i>resinifera</i>	Mart.	Chá-de-bougri; curarina	Med
Gentianaceae	<i>Tachia</i>	<i>occidentalis</i>	Maguire & Weaver		---
Goupiaceae	<i>Goupia</i>	<i>glabra</i>	Aubl.	Cupiuba; cupiúba	Med; Orn; Mad
Hernandiaceae	<i>Sparattanthelium</i>	<i>botocudorum</i>	Mart.	Ninho-de-bem-te-vi	Mel
Humiriaceae	<i>Endopleura</i>	<i>uchi</i>	(Huber) Cuatrec.	Uxi	Med; Orn; Mad; Fru
Humiriaceae	<i>Humiriastrum</i>	<i>cuspidatum</i>	(Benth.) Cuatrec.		---
Humiriaceae	<i>Sacoglottis</i>	<i>ceratocarpa</i>	Ducke		---
Humiriaceae	<i>Sacoglottis</i>	<i>cydonoides</i>	Cuatrec.		---
Humiriaceae	<i>Schistostemon</i>	<i>reticulatum</i>	(Ducke) Cuatrec.		---
Humiriaceae	<i>Vantanea</i>	<i>parviflora</i>	Lam.	Uchirana	Orn; Mad
Hypericaceae	<i>Vismia</i>	<i>bemerguii</i>	M.E.Berg	Lacre	---
Hypericaceae	<i>Vismia</i>	<i>cavalcantei</i>	M.E.Berg		---
Hypericaceae	<i>Vismia</i>	<i>floribunda</i>	Sprague	Lacre	---
Hypericaceae	<i>Vismia</i>	<i>glabra</i>	Ruiz & Pav.		---
Hypericaceae	<i>Vismia</i>	<i>gracilis</i>	Hieron.		---
Hypericaceae	<i>Vismia</i>	<i>lateriflora</i>	Ducke		---
Hypericaceae	<i>Vismia</i>	<i>macrophylla</i>	Kunth	Lacre; ucuúba	---
Hypericaceae	<i>Vismia</i>	<i>minutiflora</i>	Ewan	Lacrezinho	---
Hypericaceae	<i>Vismia</i>	<i>pozuzoensis</i>	Engl.	Lacre	---
Hypericaceae	<i>Vismia</i>	<i>sandwithii</i>	Ewan		---
Hypericaceae	<i>Vismia</i>	<i>schultesii</i>	N.Robson		---
Hypericaceae	<i>Vismia</i>	<i>sprucei</i>	Sprague		---
Icacinaceae	<i>Calatola</i>	<i>costaricensis</i>	Standl.	Genipaparana	---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Icacinaceae	<i>Calatola</i>	<i>microcarpa</i>	Gentry ex Duno & J. Janovec		---
Icacinaceae	<i>Emmotum</i>	<i>acuminatum</i>	(Benth.) Miers		---
Icacinaceae	<i>Emmotum</i>	<i>fagifolium</i>	Desv. ex Ham.		---
Icacinaceae	<i>Emmotum</i>	<i>floribundum</i>	R.A. Howard		---
Icacinaceae	<i>Leretia</i>	<i>cordata</i>	Vell.	Surucuína	---
Icacinaceae	<i>Poraqueiba</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Umari Bravo; Umari sauvage	---
Icacinaceae	<i>Poraqueiba</i>	<i>paraensis</i>	Ducke	Umary; Umary Gordo	---
Icacinaceae	<i>Poraqueiba</i>	<i>sericea</i>	Tul.	Umari	Mad; Fru
Lacistemataceae	<i>Lacistema</i>	<i>aggregatum</i>	(P.J.Bergius) Rusby		---
Lacistemataceae	<i>Lacistema</i>	<i>grandifolium</i>	Schnizl.		---
Lacistemataceae	<i>Lacistema</i>	<i>nena</i>	J.F.Macbr.		---
Lacistemataceae	<i>Lacistema</i>	<i>polystachyum</i>	Schnizl.		---
Lamiaceae	<i>Aegiphila</i>	<i>martinicensis</i>	Jacq.		---
Lamiaceae	<i>Aegiphila</i>	<i>membranacea</i>	Turcz.		---
Lamiaceae	<i>Aegiphila</i>	<i>vitelliniflora</i>	Walp.		---
Lamiaceae	<i>Clerodendrum</i>	<i>ulei</i>	Hayek		---
Lamiaceae	<i>Vitex</i>	<i>krukovii</i>	Moldenke		---
Lamiaceae	<i>Vitex</i>	<i>orinocensis</i>	Kunth		---
Lamiaceae	<i>Vitex</i>	<i>panshiniana</i>	Moldenke		---
Lamiaceae	<i>Vitex</i>	<i>pseudolea</i>	Rusby		---
Lamiaceae	<i>Vitex</i>	<i>triflora</i>	Vahl	Tarumã	Mad
Lauraceae	<i>Aiouea</i>	<i>benthamiana</i>	Mez	Louro rosa	---
Lauraceae	<i>Aiouea</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.		---
Lauraceae	<i>Aiouea</i>	<i>laevis</i>	(Mart.) Kosterm.		---
Lauraceae	<i>Aiouea</i>	<i>lehmannii</i>	(O.C.Schmidt) S.S.Renner		---
Lauraceae	<i>Aiouea</i>	<i>myristicoides</i>	Mez		---
Lauraceae	<i>Aniba</i>	<i>affinis</i>	(Meisn.) Mez		---
Lauraceae	<i>Aniba</i>	<i>burchellii</i>	Kosterm.	Louro chumbo	---
Lauraceae	<i>Aniba</i>	<i>canelilla</i>	(Kunth) Mez	Canela; canelão; canela-preciosa	Med; Mad
Lauraceae	<i>Aniba</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.		---
Lauraceae	<i>Aniba</i>	<i>hostmanniana</i>	(Nees) Mez		---
Lauraceae	<i>Aniba</i>	<i>panurensis</i>	(Meisn.) Mez		---
Lauraceae	<i>Aniba</i>	<i>parviflora</i>	(Meisn.) Mez		---
Lauraceae	<i>Aniba</i>	<i>puchury-minor</i>	(Mart.) Mez		---
Lauraceae	<i>Aniba</i>	<i>riparia</i>	(Nees) Mez		---
Lauraceae	<i>Aniba</i>	<i>taubertiana</i>	Mez		---
Lauraceae	<i>Aniba</i>	<i>williamsii</i>	O. C. Schmidt	Louro abacate	---
Lauraceae	<i>Clinostemon</i>	<i>mahuba</i>	(A. Samp.) Kuhlm. & A. Samp.		Mad
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>acuminata</i>	Kosterm.	Louro do igapó	---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>anomala</i>	(Nees) Mez		---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>arunciflora</i>	(Meisn.) Mez		---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>bracteata</i>	Mez	Louro peludo	---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>bracteolata</i>	(Meisn.) C.K.Allen	Louro cedrinha	---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>chalisea</i>	Chanderb.		---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>directonervia</i>	C.K.Allen	Louro cururu	---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>dysodantha</i>	(Ruiz & Pav.) Mez		---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>formosa</i>	A.C.Sm.	Louro abacate	---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>gracilis</i>	Kosterm.	Mahamira	---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>klugii</i>	O.C.Schmidt		---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>krukovii</i>	(A.C.Sm.) Kosterm.	Louro preto do igapó	---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>lorastemon</i>	Chanderb.		---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>metallica</i>	Kosterm.		---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>mishuyacensis</i>	A.C.Sm.		---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>paniculata</i>	(Spreng.) J.F.Macbr.	Canela-frade	Mad
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>robusta</i>	(A.C.Sm.) Kosterm.		---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>rubra</i>	Chanderb.		---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>ruforamula</i>	Chanderb.	Louro branco; louro seda	---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>sericea</i>	Nees		---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>sprucei</i>	(Meisn.) Mez		---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>szyszlowiczii</i>	Mez		---
Lauraceae	<i>Endlicheria</i>	<i>verticillata</i>	Mez	Louro abacate	---
Lauraceae	<i>Licaria</i>	<i>armeniaca</i>	(Nees) Kosterm.	Louro-de-flor- amarela	---
Lauraceae	<i>Licaria</i>	<i>aurea</i>	(Huber) Kosterm.	Folha de ouro; folha dourada	---
Lauraceae	<i>Licaria</i>	<i>crassifolia</i>	(Poir.) P.L.R. Moraes		---
Lauraceae	<i>Licaria</i>	<i>deltoidea</i>	van der Werff		---
Lauraceae	<i>Licaria</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Louro-aritu	---
Lauraceae	<i>Licaria</i>	<i>multiflora</i>	(Kosterm.) Kosterm.		---
Lauraceae	<i>Mezilaurus</i>	<i>itauba</i>	(Meisn.) Taub. ex Mez	Itaúba; itaúba- amarela	Mad
Lauraceae	<i>Mezilaurus</i>	<i>sprucei</i>	(Meisn.) Taub. ex Mez	Itauba	---
Lauraceae	<i>Mezilaurus</i>	<i>subcordata</i>	(Ducke) Kosterm.	Itaúba-abacate	---
Lauraceae	<i>Nectandra</i>	<i>acuminata</i>	(Nees) J.F.Macbr.	Moena branca	---
Lauraceae	<i>Nectandra</i>	<i>amazonum</i>	Nees	Louro do igapó	---
Lauraceae	<i>Nectandra</i>	<i>cissiflora</i>	Nees	Canela fedida	Mad
Lauraceae	<i>Nectandra</i>	<i>cuneatocordata</i>	Mez		---
Lauraceae	<i>Nectandra</i>	<i>cuspidata</i>	Nees	Canelão seboso	---
Lauraceae	<i>Nectandra</i>	<i>grisea</i>	Rohwer	Louro preto	---
Lauraceae	<i>Nectandra</i>	<i>hihuia</i>	(Ruiz & Pav.) Rohwer		---
Lauraceae	<i>Nectandra</i>	<i>longifolia</i>	(Ruiz & Pav.) Nees	Louro; louro preto	---
Lauraceae	<i>Nectandra</i>	<i>maynensis</i>	Mez	Louro chumbo	---
Lauraceae	<i>Nectandra</i>	<i>membranacea</i>	(Sw.) Griseb.	Canela branca	Orn; Mad
Lauraceae	<i>Nectandra</i>	<i>microcarpa</i>	Meisn.		---
Lauraceae	<i>Nectandra</i>	<i>paucinervia</i>	Coe-Teix.	Louro abacate	---
Lauraceae	<i>Nectandra</i>	<i>pearcei</i>	Mez		---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Lauraceae	<i>Nectandra</i>	<i>pulverulenta</i>	Nees	Louro abacate	---
Lauraceae	<i>Nectandra</i>	<i>purpurea</i>	(Ruiz & Pav.) Mez	Louro	---
Lauraceae	<i>Nectandra</i>	<i>riparia</i>	Rohwer		---
Lauraceae	<i>Nectandra</i>	<i>turbacensis</i>	(Kunth) Nees		---
Lauraceae	<i>Nectandra</i>	<i>viburnoides</i>	Meisn.	Louro	---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>aciphylla</i>	(Nees) Mez		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>adenotrichelium</i>	(Nees) Mez		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>albopunctulata</i>	Mez		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>amazonica</i>	(Meisn.) Mez		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>argyrophylla</i>	Ducke		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>bofo</i>	Kunth		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>camphoromoea</i>	Rohwer		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>canaliculata</i>	(Rich.) Mez		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>cernua</i>	(Nees) Mez	Louro-chumbo-folha-grande	---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>cujumary</i>	Mart.		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>floribunda</i>	(Sw.) Mez		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>glomerata</i>	(Nees) Mez		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>gracilis</i>	(Meisn.) Mez	Louro	---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Louro seda; puchuri; puxuri	---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>javitensis</i>	(Kunth) Pittier		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>leucoxylon</i>	(Sw.) Laness.		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>longifolia</i>	Kunth		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>marmellensis</i>	Mez		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>myriantha</i>	(Meisn.) Mez	Louro-abacate	Med; Mad
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>neesiana</i>	(Miq.) Kosterm.		Mad
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>oblonga</i>	(Meisn.) Mez		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>olivacea</i>	A.C.Sm.		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>pauciflora</i>	(Nees) Mez		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>puberula</i>	(Rich.) Nees	Louro; louro-abacate	Orn; Mad
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>rubrinervis</i>	Mez		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>scabrella</i>	van der Werff		---
Lauraceae	<i>Ocotea</i>	<i>tenella</i>	A.C.Sm.		---
Lauraceae	<i>Persea</i>	<i>pseudofasciculata</i>	L.E.Kopp		---
Lauraceae	<i>Pleurothyrium</i>	<i>cuneifolium</i>	Nees	Louro; louro itaúba	---
Lauraceae	<i>Pleurothyrium</i>	<i>intermedium</i>	(Mez) Rohwer		---
Lauraceae	<i>Pleurothyrium</i>	<i>panurense</i>	(Meisn.) Mez		---
Lauraceae	<i>Pleurothyrium</i>	<i>parviflorum</i>	Ducke		---
Lauraceae	<i>Pleurothyrium</i>	<i>poeppigii</i>	Nees		---
Lauraceae	<i>Pleurothyrium</i>	<i>prancei</i>	van der Werff		---
Lauraceae	<i>Pleurothyrium</i>	<i>vasquezii</i>	van der Werff		---
Lauraceae	<i>Rhodostemonodaphne</i>	<i>crenaticupula</i>	Madriñán	Louro branco	---
Lauraceae	<i>Rhodostemonodaphne</i>	<i>dioica</i>	(Mez) Rohwer		---
Lauraceae	<i>Rhodostemonodaphne</i>	<i>grandis</i>	(Mez) Rohwer		---
Lauraceae	<i>Rhodostemonodaphne</i>	<i>kunthiana</i>	(Nees) Rohwer	Louro; louro fofo	---
Lauraceae	<i>Rhodostemonodaphne</i>	<i>napoensis</i>	Madriñán		---
Lauraceae	<i>Sextonia</i>	<i>rubra</i>	(Mez) van der Werff	Louro-gamela; louro-itaúba	---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Lecythidaceae	<i>Allantoma</i>	<i>decandra</i>	(Ducke) S.A.Mori et al.	Churú; tauarí	---
Lecythidaceae	<i>Bertholletia</i>	<i>excelsa</i>	Bonpl.	Castanha-do-pará	Med; Mad; Fru
Lecythidaceae	<i>Cariniana</i>	<i>domestica</i>	(Mart.) Miers	Corrimboque-duro	Orn; Mad
Lecythidaceae	<i>Cariniana</i>	<i>estrellensis</i>	(Raddi) Kuntze	Bingueiro; jequitibá; cachimbeiro	Orn; Mad
Lecythidaceae	<i>Cariniana</i>	<i>micrantha</i>	Ducke	Tauarí; castanha de macaco	---
Lecythidaceae	<i>Couratari</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Tauari	---
Lecythidaceae	<i>Couratari</i>	<i>macrosperma</i>	A.C.Sm.	Tauari; tauari-vermelho	Mad
Lecythidaceae	<i>Couratari</i>	<i>prancei</i>	W.A.Rodrigues		---
Lecythidaceae	<i>Couroupita</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Coité-de-macaco; cuieira-brava	Orn; Mad
Lecythidaceae	<i>Eschweilera</i>	<i>albiflora</i>	(DC.) Miers	Espinho da várzea	---
Lecythidaceae	<i>Eschweilera</i>	<i>andina</i>	(Rusby) J.F.Macbr.	Mata-matá	---
Lecythidaceae	<i>Eschweilera</i>	<i>chartaceifolia</i>	S.A.Mori		---
Lecythidaceae	<i>Eschweilera</i>	<i>coriacea</i>	(DC.) S.A.Mori	Matamatá-branco	Mad
Lecythidaceae	<i>Eschweilera</i>	<i>juruensis</i>	R.Knuth	Castanharana; mata-matá	---
Lecythidaceae	<i>Eschweilera</i>	<i>pedicellata</i>	(Rich.) S.A.Mori	Matamatá branco; matamatá roxa; wana	---
Lecythidaceae	<i>Eschweilera</i>	<i>punctata</i>	S.A.Mori		---
Lecythidaceae	<i>Eschweilera</i>	<i>rufifolia</i>	S.A.Mori		---
Lecythidaceae	<i>Eschweilera</i>	<i>tessmannii</i>	R.Knuth	Ripeiro; ripeiro vermelho	---
Lecythidaceae	<i>Eschweilera</i>	<i>truncata</i>	A.C.Sm.	Corroupião	---
Lecythidaceae	<i>Gustavia</i>	<i>augusta</i>	L.	Castanha fedorenta	Orn; Mad
Lecythidaceae	<i>Gustavia</i>	<i>hexapetala</i>	(Aubl.) Sm.	Castanha-fedorenta-folha-miúda	---
Lecythidaceae	<i>Gustavia</i>	<i>longifolia</i>	Poepp. ex O. Berg	Castanha-fedorenta	---
Lecythidaceae	<i>Gustavia</i>	<i>poeppigiana</i>	O.Berg	Geniparana	---
Lecythidaceae	<i>Lecythis</i>	<i>corrugata</i>	Poit.		---
Lecythidaceae	<i>Lecythis</i>	<i>pisonis</i>	Cambess.	Castanha-sapucaia; sapucaia	Orn; Mad; Fru
Lecythidaceae	<i>Lecythis</i>	<i>zabucajo</i>	Aubl.	Castanha sapucaia; sapucaia	---
Linaceae	<i>Roucheria</i>	<i>columbiana</i>	Hallier	Pau da serra	---
Linaceae	<i>Roucheria</i>	<i>schomburgkii</i>	G.Planck.		---
Loganiaceae	<i>Antonia</i>	<i>ovata</i>	Pohl		---
Lythraceae	<i>Lafoensia</i>	<i>vandelliana</i>	Cham. & Schtdl.	Dedaleira-amarela	---
Magnoliaceae	<i>Magnolia</i>	<i>amazonica</i>	(Ducke) Govaerts		Orn
Malpighiaceae	<i>Bunchosia</i>	<i>glandulifera</i>	(Jacq.) Kunth	Almeixa	---
Malpighiaceae	<i>Byrsonima</i>	<i>chrysophylla</i>	Kunth	Murici-amarelo	Mad
Malpighiaceae	<i>Byrsonima</i>	<i>crassifolia</i>	(L.) Kunth	Murici	Fru
Malpighiaceae	<i>Byrsonima</i>	<i>crispa</i>	A.Juss.	Murici	---
Malpighiaceae	<i>Byrsonima</i>	<i>japurensis</i>	A.Juss.	Murici da mata	---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Malpighiaceae	<i>Byrsonima</i>	<i>krukoffii</i>	W.R.Anderson		---
Malpighiaceae	<i>Byrsonima</i>	<i>laevis</i>	Nied.		---
Malpighiaceae	<i>Byrsonima</i>	<i>linguifera</i>	Cuatrec.		---
Malpighiaceae	<i>Byrsonima</i>	<i>schomburgkiana</i>	Benth.	Murici galego	---
Malpighiaceae	<i>Byrsonima</i>	<i>schunkei</i>	W.R.Anderson	Murici peludo	---
Malpighiaceae	<i>Byrsonima</i>	<i>stipulacea</i>	A.Juss.	Murici-da-mata	Mad; Fru
Malpighiaceae	<i>Lophanthera</i>	<i>lactescens</i>	Ducke	Chuva de ouro	Orn; Mad
Malvaceae	<i>Apeiba</i>	<i>echinata</i>	Gaertn.	Pente-de-macaco	---
Malvaceae	<i>Apeiba</i>	<i>membranacea</i>	Spruce ex Benth.	Pente de macaco	---
Malvaceae	<i>Cavanillesia</i>	<i>hylogeiton</i>	Ulbr.		---
Malvaceae	<i>Ceiba</i>	<i>lupuna</i>	P.E.Gibbs & Semir		---
Malvaceae	<i>Eriotheca</i>	<i>globosa</i>	(Aubl.) A.Robyns	Samaúma-de-terra-firme	Orn; Mad
Malvaceae	<i>Eriotheca</i>	<i>surinamensis</i>	(Uittien) A.Robyns		---
Malvaceae	<i>Guazuma</i>	<i>crinita</i>	Mart.	Mutamba	Orn; Mad
Malvaceae	<i>Helicocarpus</i>	<i>americanus</i>	L.		Orn
Malvaceae	<i>Herrania</i>	<i>mariae</i>	(Mart.) Decne. ex Goudot	Cacau jacaré	---
Malvaceae	<i>Herrania</i>	<i>nitida</i>	(Poepp.) R.E.Schult.	Cacau jacaré	---
Malvaceae	<i>Huberodendron</i>	<i>swietenioides</i>	(Gleason) Ducke	Munguba-da-mata	Mad
Malvaceae	<i>Luehea</i>	<i>cymulosa</i>	Spruce ex Benth.	Mutamba da várzea	---
Malvaceae	<i>Lueheopsis</i>	<i>duckeana</i>	Burret	Urucurana cacau	---
Malvaceae	<i>Lueheopsis</i>	<i>rosea</i>	(Ducke) Burret	Açoita cavalo	---
Malvaceae	<i>Matisia</i>	<i>bracteolosa</i>	Ducke		---
Malvaceae	<i>Matisia</i>	<i>cordata</i>	Kunth	Sapota	Fru
Malvaceae	<i>Matisia</i>	<i>intricata</i>	(A.Robyns & S.Nilsson) W.S.Alverson		---
Malvaceae	<i>Matisia</i>	<i>lasiocalyx</i>	K.Schum.	Laranjinha	---
Malvaceae	<i>Mollia</i>	<i>gracilis</i>	Spruce ex Benth.	Mutamba branca; mutamba preta	---
Malvaceae	<i>Mollia</i>	<i>sphaerocarpa</i>	Gleason ex Record		---
Malvaceae	<i>Pachira</i>	<i>paraensis</i>	(Ducke) W.S.Alverson	Samaúma	---
Malvaceae	<i>Pachira</i>	<i>quinata</i>	(Jacq.) W.S.Alverson		---
Malvaceae	<i>Patinoia</i>	<i>paraensis</i>	(Huber) Cuatrec.		---
Malvaceae	<i>Pavonia</i>	<i>leucantha</i>	Poepp. ex Garcke		---
Malvaceae	<i>Pleuranthodendron</i>	<i>lindenii</i>	(Turcz.) Sleumer	Catuaba; jataí; juacu	---
Malvaceae	<i>Pseudobombax</i>	<i>munguba</i>	(Mart. & Zucc.) Dugand	Monguba-d'água	---
Malvaceae	<i>Pseudobombax</i>	<i>septenatum</i>	(Jacq.) Dugand		---
Malvaceae	<i>Quararibea</i>	<i>ochrocalyx</i>	(K. Schum.) Vischer		---
Malvaceae	<i>Sterculia</i>	<i>apeibophylla</i>	Ducke	Xixá da casca grossa	---
Malvaceae	<i>Sterculia</i>	<i>apetala</i>	(Jacq.) H.Karst.	Chichá-casca-dura	Orn; Mad; Fru
Malvaceae	<i>Sterculia</i>	<i>chicomendesii</i>	E.L.Taylor	Axixá; xixá	---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Malvaceae	<i>Sterculia</i>	<i>excelsa</i>	Mart.	Imbira-quiabo	---
Malvaceae	<i>Sterculia</i>	<i>frondosa</i>	Rich.	Axixá	---
Malvaceae	<i>Sterculia</i>	<i>kayae</i>	P.E. Berry		---
Malvaceae	<i>Sterculia</i>	<i>parviflora</i>	Roxb.		---
Malvaceae	<i>Sterculia</i>	<i>pendula</i>	Ducke	Axixá	---
Malvaceae	<i>Sterculia</i>	<i>pruriens</i>	(Aubl.) K.Schum.	Chichá-casca-mole	Mad
Malvaceae	<i>Sterculia</i>	<i>rebecca</i>	E.L.Taylor	Xixá da casca grossa	---
Malvaceae	<i>Sterculia</i>	<i>tessmannii</i>	Mildbr.	Xixá da folha miúda	---
Malvaceae	<i>Theobroma</i>	<i>grandiflorum</i>	(Willd. ex Spreng.) K.Schum.	Cupuaçu	Med; Mad; Fru
Malvaceae	<i>Theobroma</i>	<i>microcarpum</i>	Mart.	Cacauarana	Fru
Malvaceae	<i>Theobroma</i>	<i>ovatum</i>	Klotzsch ex Bernoulli	Cupuaçu-bravo; cupuaçu-da-mata	Fru
Malvaceae	<i>Theobroma</i>	<i>speciosum</i>	Willd. ex Spreng.	Cacau de macaco; cacauí	Med; Orn; Fru
Malvaceae	<i>Theobroma</i>	<i>subincanum</i>	Mart.	Cupuaçu da mata; cupuí	Mad; Fru
Malvaceae	<i>Theobroma</i>	<i>sylvestre</i>	Mart.	Cacauí	Fru
Malvaceae	<i>Theobroma</i>	<i>velutinum</i>	Benoist		---
Melastomataceae	<i>Bellucia</i>	<i>dichotoma</i>	Cogn.	Araçarana	Fru
Melastomataceae	<i>Bellucia</i>	<i>klugii</i>	(Renner) Penneys, Michelangeli, Judd & Almeda		---
Melastomataceae	<i>Bellucia</i>	<i>pentamera</i>	Naudin		---
Melastomataceae	<i>Bellucia</i>	<i>sprucena</i>	(Benth. ex Triana) Macbr.		---
Melastomataceae	<i>Bellucia</i>	<i>strigosa</i>	(Gleason) Penneys, Michelangeli, Judd & Almeda		---
Melastomataceae	<i>Blakea</i>	<i>rosea</i>	(Ruiz & Pav.) D.Don		---
Melastomataceae	<i>Graffenrieda</i>	<i>boliviensis</i>	Cogn.		---
Melastomataceae	<i>Graffenrieda</i>	<i>glandulosa</i>	R. Goldenb. & J. Meirelles		---
Melastomataceae	<i>Graffenrieda</i>	<i>miconioides</i>	Naudin		---
Melastomataceae	<i>Graffenrieda</i>	<i>moaensis</i>	Wurdack		---
Melastomataceae	<i>Graffenrieda</i>	<i>rupestris</i>	Ducke		---
Melastomataceae	<i>Graffenrieda</i>	<i>tristis</i>	(Triana) L. O. Williams		---
Melastomataceae	<i>Graffenrieda</i>	<i>weddellii</i>	Naudin		---
Melastomataceae	<i>Henriettea</i>	<i>ramiflora</i>	(Sw.) DC.		---
Melastomataceae	<i>Henriettea</i>	<i>stellaris</i>	O.Berg ex Triana		---
Melastomataceae	<i>Henriettea</i>	<i>sylvestris</i>	(Gleason) J.F.Macbr.		---
Melastomataceae	<i>Leandra</i>	<i>francavillana</i>	Cogn.		---
Melastomataceae	<i>Leandra</i>	<i>solenifera</i>	(DC.) Cogn.		---
Melastomataceae	<i>Meriania</i>	<i>urceolata</i>	Triana		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>abbreviata</i>	Markgr.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>acinodendron</i>	(L.) Sweet		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>acuminata</i>	(Steud.) Naudin		---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>affinis</i>	DC.	Buxixu	---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>alternans</i>	Naudin		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>amazonica</i>	Triana		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>ampla</i>	Triana		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>argyrophylla</i>	DC.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>aulocalyx</i>	Mart. ex Triana		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>aurea</i>	(D.Don) Naudin		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>aureoides</i>	Cogn.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>biglandulosa</i>	Gleason		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>bubalina</i>	(D.Don) Naudin	Buxixu	---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>calvescens</i>	DC.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>cannabina</i>	Markgr.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>chrysophylla</i>	(Rich.) Urb.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>crassinervia</i>	Cogn.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>cretacea</i>	Gleason		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>cuspidata</i>	Naudin		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>decurrens</i>	Cogn.	Buxixu da folha cinzenta	---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>dicrophylla</i>	J.F.Macbr.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>dispar</i>	Benth.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>dolichorrhyncha</i>	Naudin		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>duckei</i>	Cogn.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>egensis</i>	Cogn.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>elata</i>	(Sw.) DC.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>emendata</i>	Wurdack		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>eriocalyx</i>	Cogn.	Buxixu; buxixu da folha peluda	---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>erioclada</i>	Triana		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>eugeniooides</i>	Triana		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>fosteri</i>	Wurdack		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>glandulifera</i>	Cogn.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>grandifoliata</i>	R.Goldenb. & Michelang.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>gratissima</i>	Benth. ex Triana		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>holosericea</i>	(L.) DC.	Capança	---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>impetiolaris</i>	(Sw.) D.Don	Buxixu-orelha-de-burro	---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>juruensis</i>	Pilg.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>lamprophylla</i>	Triana		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>lepidota</i>	DC.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>longifolia</i>	(Aubl.) DC.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>lourteigiana</i>	Wurdack	Capança	---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>lugonis</i>	Wurdack		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>manauara</i>	R.Goldenb., Caddah, Michelangeli		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>matthaei</i>	Naudin		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>minutiflora</i>	(Bonpl.) DC.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>multispicata</i>	Naudin		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>navioensis</i>	Wurdack		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>nervosa</i>	(Sm.) Triana		---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>pachydonta</i>	Gleason		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>paleacea</i>	Cogn.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>phaeophylla</i>	Triana		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>phanerostila</i>	Pilg.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>poeppigii</i>	Triana	Catuaba	---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>prasina</i>	(Sw.) DC.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>pterocaulon</i>	Triana		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>pubipetala</i>	Miq.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>punctata</i>	(Desr.) DC.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>pyrifolia</i>	Naudin		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>regelii</i>	Cogn.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>rimachii</i>	Wurdack		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>ruficalyx</i>	Gleason	Maçandarubinha	---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>serrulata</i>	(DC.) Naudin	Buxixú canela de velho	---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>spichigeri</i>	Wurdack		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>splendens</i>	(Sw.) Griseb.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>subandicola</i>	Wurdack		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>ternatifolia</i>	Triana		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>tetragona</i>	Cogn.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>tetrasperma</i>	Gleason		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>tetraspermoides</i>	Wurdack		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>tomentosa</i>	(Rich.) D.Don	Pau-papel; mundururu	---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>trinervia</i>	(Sw.) D.Don		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>umbrosa</i>	Cogn.		---
Melastomataceae	<i>Miconia</i>	<i>wagneri</i>	J.F.Macbr.		---
Melastomataceae	<i>Mouriri</i>	<i>acutiflora</i>	Naudin	Araçá de várzea	---
Melastomataceae	<i>Mouriri</i>	<i>apiranga</i>	Spruce ex Triana	Gurguí	---
Melastomataceae	<i>Mouriri</i>	<i>floribunda</i>	Markgr.		---
Melastomataceae	<i>Mouriri</i>	<i>grandiflora</i>	DC.	Araçá; gurguí	---
Melastomataceae	<i>Mouriri</i>	<i>myrtifolia</i>	Spruce ex Triana		---
Melastomataceae	<i>Mouriri</i>	<i>nervosa</i>	Pilg.	Gurguí	Mad
Melastomataceae	<i>Mouriri</i>	<i>nigra</i>	(DC.) Morley		---
Melastomataceae	<i>Mouriri</i>	<i>vernicosa</i>	Naudin		---
Melastomataceae	<i>Tococa</i>	<i>capitata</i>	Trail ex Cogn.		---
Melastomataceae	<i>Tococa</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Buxixu-de-formiga	---
Melastomataceae	<i>Tococa</i>	<i>stellata</i>	Gleason		---
Melastomataceae	<i>Tococa</i>	<i>stephanotricha</i>	Naudin		---
Meliaceae	<i>Cabralea</i>	<i>canjerana</i>	(Vell.) Mart.	Cedro bravo	Orn; Mad
Meliaceae	<i>Carapa</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Andiroba	Med; Orn; Mad
Meliaceae	<i>Cedrela</i>	<i>fissilis</i>	Vell.	Cedro-branco	Orn; Mad
Meliaceae	<i>Cedrela</i>	<i>odorata</i>	L.	Cedro; cedro-rosa; cedro-vermelho	Med; Mad
Meliaceae	<i>Guarea</i>	<i>carinata</i>	Ducke		---
Meliaceae	<i>Guarea</i>	<i>cinnamomea</i>	Harms	Itaubarana	---
Meliaceae	<i>Guarea</i>	<i>cinnamomea</i>	Harms		---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Meliaceae	<i>Guarea</i>	<i>ecuadoriensis</i>	W.Palacios		---
Meliaceae	<i>Guarea</i>	<i>glabra</i>	Vahl		---
Meliaceae	<i>Guarea</i>	<i>gomma</i>	Pulle	Jitó da terra firme	---
Meliaceae	<i>Guarea</i>	<i>grandifolia</i>	DC.		---
Meliaceae	<i>Guarea</i>	<i>guidonia</i>	(L.) Sleumer	Carrapeta; gitó; jatuauba; marinheiro	Med; Orn; Mad
Meliaceae	<i>Guarea</i>	<i>juglandiformis</i>	T.D.Penn.		---
Meliaceae	<i>Guarea</i>	<i>kunthiana</i>	A.Juss.	Jitó-preto	Mad
Meliaceae	<i>Guarea</i>	<i>macrophylla</i>	Vahl	Jitó; jitó da terra firme; jitó vermelho	---
Meliaceae	<i>Guarea</i>	<i>pterorhachis</i>	Harms	Jitó-da-terra-firme	Mad
Meliaceae	<i>Guarea</i>	<i>purusana</i>	C.DC.	Jitó-da-várzea; jitó-vermelho	Mad
Meliaceae	<i>Guarea</i>	<i>scabra</i>	A.Juss.	Jitó	---
Meliaceae	<i>Guarea</i>	<i>silvatica</i>	C.DC.	Jitó	---
Meliaceae	<i>Guarea</i>	<i>trunciflora</i>	C.DC.	Shawirika	---
Meliaceae	<i>Swietenia</i>	<i>macrophylla</i>	King	Mogno	Med; Orn; Mad
Meliaceae	<i>Trichilia</i>	<i>adolphi</i>	Harms	Murici branco	---
Meliaceae	<i>Trichilia</i>	<i>areolata</i>	T.D.Penn.	Maraximbé vermelho	---
Meliaceae	<i>Trichilia</i>	<i>catigua</i>	A.Juss.	Catiguá	Orn
Meliaceae	<i>Trichilia</i>	<i>cipo</i>	(A.Juss.) C.DC.		---
Meliaceae	<i>Trichilia</i>	<i>elegans</i>	A.Juss.		---
Meliaceae	<i>Trichilia</i>	<i>inaequilatera</i>	T.D.Penn.	Maraximbé vermelho	---
Meliaceae	<i>Trichilia</i>	<i>laxipaniculata</i>	Cuatrec.	Breu	---
Meliaceae	<i>Trichilia</i>	<i>martiana</i>	C.DC.		---
Meliaceae	<i>Trichilia</i>	<i>micrantha</i>	Benth.	Jitó-mirim	Mad
Meliaceae	<i>Trichilia</i>	<i>pallida</i>	Sw.	Maraximbé-vermelho	Mad
Meliaceae	<i>Trichilia</i>	<i>pleeana</i>	(A.Juss.) C.DC.	Caripé roxo; maraximbé	---
Meliaceae	<i>Trichilia</i>	<i>poeppigii</i>	C.DC.	Maraximbé-branco	Mad
Meliaceae	<i>Trichilia</i>	<i>quadrijuga</i>	Kunth	Breu maxixe; murici preto	---
Meliaceae	<i>Trichilia</i>	<i>septentrionalis</i>	C.DC.	Jitó	---
Meliaceae	<i>Trichilia</i>	<i>solitudinis</i>	Harms		---
Meliaceae	<i>Trichilia</i>	<i>stipitata</i>	T.D.Penn.		---
Meliaceae	<i>Trichilia</i>	<i>surinamensis</i>	(Miq.) C.DC.		---
Meliaceae	<i>Trichilia</i>	<i>surumuensis</i>	C.DC.		---
Menispermaceae	<i>Abuta</i>	<i>grandifolia</i>	(Mart.) Sandwith	Catuaba; catuabinha	Med; Fru
Monimiaceae	<i>Mollinedia</i>	<i>killipii</i>	J.F.Macbr.		---
Monimiaceae	<i>Mollinedia</i>	<i>lanceolata</i>	Ruiz & Pav.		---
Monimiaceae	<i>Mollinedia</i>	<i>ovata</i>	Ruiz & Pav.		---
Moraceae	<i>Batocarpus</i>	<i>amazonicus</i>	(Ducke) Fosberg	Mururé	---
Moraceae	<i>Batocarpus</i>	<i>costaricensis</i>	Standl. & L.O.Williams	Guariúba branca	---
Moraceae	<i>Batocarpus</i>	<i>orinocensis</i>	H.Karst.		---
Moraceae	<i>Brosimum</i>	<i>acutifolium</i>	Huber	Mururé	Med

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Moraceae	<i>Brosimum</i>	<i>alicastrum</i>	Sw.	Inharé; inharé-preto	---
Moraceae	<i>Brosimum</i>	<i>guianense</i>	(Aubl.) Huber	Inharé mole	Mad
Moraceae	<i>Brosimum</i>	<i>lactescens</i>	(S.Moore) C.C.Berg	Inharé; manitê; manixí	---
Moraceae	<i>Brosimum</i>	<i>parinariooides</i>	Ducke	Amapá	---
Moraceae	<i>Brosimum</i>	<i>potabile</i>	Ducke	Amapá; guaríuba-da- folha-miúda	---
Moraceae	<i>Brosimum</i>	<i>rubescens</i>	Taub.	Falsa-rainha; inharezinho	Mad
Moraceae	<i>Castilla</i>	<i>ulei</i>	Warb.	Caucho; caucho- banha	Fru
Moraceae	<i>Clarisia</i>	<i>biflora</i>	Ruiz & Pav.	Guambo	---
Moraceae	<i>Clarisia</i>	<i>ilicifolia</i>	(Spreng.) Lanj. & Rossberg	Folha-de-serra; janita	---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>acreana</i>	C.C.Berg		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>albert-smithii</i>	Standl.	Apuí-amarelo	---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>amazonica</i>	(Miq.) Miq.		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>americana</i>	Aubl.		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>boliviiana</i>	C.C.Berg		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>caballina</i>	Standl.		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>castelliana</i>	Dugand		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>catappifolia</i>	Kunth & C.D.Bouché	Figueira	Mad
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>citrifolia</i>	Mill.		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>clusiifolia</i>	Schott	Apuí-branco	Orn
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>coeruleascens</i>	(Rusby) Rossberg	Gameleira	---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>cremersii</i>	C.C.Berg		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>donnell-smithii</i>	Standl.	Apui	---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>eximia</i>	Schott		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>glabrata</i>	Kunth		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>gomelleira</i>	Kunth	Gamelinha	Med
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>holosericea</i>	Schott	Apuí	---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>insipida</i>	Willdenow	Apuí-açu	Med; Orn
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>killipii</i>	Standl.		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>krukovii</i>	Standl.		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>lauretana</i>	Vázq.Avila	Apuí	---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>maroma</i>	A.Cast.		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>mathewssii</i>	(Miq.) Miq.		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>maxima</i>	Mill.	Caxinguba do igapó	---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>nymphaeifolia</i>	Mill.	Apuí	---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>obtusifolia</i>	Kunth	Apuí	---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>pallida</i>	Vahl		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>paraensis</i>	(Miq.) Miq.	Apuí de formiga	---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>pertusa</i>	L.f.	Apuí	---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>piresiana</i>	Vázq.Avila & C.C.Berg		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>popenoei</i>	Standl.		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>schultesii</i>	Dugand	Apuí	---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>sphenophylla</i>	Standl.	Apuí; apuizinho	---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>trigona</i>	L.f.	Apuí; apuí amarelo;	---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>trigonata</i>	L.		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>tubulosa</i>	Pelissari & Romaniuc	Apuí; Renaco blanco	---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>ulei</i>	Warb.		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>ursina</i>	Standl.		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>velutina</i>	Humb. & Bonpl. ex Willd.		---
Moraceae	<i>Ficus</i>	<i>ypsilonphlebia</i>	Dugand		---
Moraceae	<i>Helianthostylis</i>	<i>sprucei</i>	Baill.		---
Moraceae	<i>Helicostylis</i>	<i>elegans</i>	(J.F.Macbr.) C.C.Berg		---
Moraceae	<i>Helicostylis</i>	<i>scabra</i>	(J.F.Macbr.) C.C.Berg	Inharé	Fru
Moraceae	<i>Helicostylis</i>	<i>tomentosa</i>	(Poepp. & Endl.) Rusby	Inharé; pama; pama branca; pama caucho	Mad; Fru
Moraceae	<i>Helicostylis</i>	<i>turbinata</i>	C.C.Berg	Inharé	---
Moraceae	<i>Maquira</i>	<i>calophylla</i>	(Poepp. & Endl.) C.C.Berg		---
Moraceae	<i>Maquira</i>	<i>coriacea</i>	(H.Karst.) C.C.Berg	Envireira	---
Moraceae	<i>Maquira</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Muiratinga-da-folha-miúda	---
Moraceae	<i>Naucleopsis</i>	<i>caloneura</i>	(Huber) Ducke	Muiratinga	---
Moraceae	<i>Naucleopsis</i>	<i>concinna</i>	(Standl.) C.C.Berg		---
Moraceae	<i>Naucleopsis</i>	<i>glabra</i>	Spruce ex Pittier	Muiratinga da folha grande	---
Moraceae	<i>Naucleopsis</i>	<i>humilis</i>	C.C.Berg		Fru
Moraceae	<i>Naucleopsis</i>	<i>imitans</i>	(Ducke) C.C.Berg		---
Moraceae	<i>Naucleopsis</i>	<i>inaequalis</i>	(Ducke) C.C.Berg	Bacuri; muiratinga; pama de várzea	---
Moraceae	<i>Naucleopsis</i>	<i>jamariensis</i>	C.C.Berg		---
Moraceae	<i>Naucleopsis</i>	<i>krukovii</i>	(Standl.) C.C.Berg		---
Moraceae	<i>Naucleopsis</i>	<i>macrophylla</i>	Miq.		---
Moraceae	<i>Naucleopsis</i>	<i>oblongifolia</i>	(Kuhlm.) Carauta		---
Moraceae	<i>Naucleopsis</i>	<i>pseudonaga</i>	(Mildbr.) C.C.Berg	Jaca brava; pama mão de onça	Fru
Moraceae	<i>Naucleopsis</i>	<i>riparia</i>	C.C.Berg	Pama	---
Moraceae	<i>Naucleopsis</i>	<i>stipularis</i>	Ducke		---
Moraceae	<i>Naucleopsis</i>	<i>ternstroemiiiflora</i>	(Mildbr.) C.C.Berg	Muiratinga	---
Moraceae	<i>Naucleopsis</i>	<i>ulei</i>	(Warb.) Ducke	Jaca	---
Moraceae	<i>Perebea</i>	<i>angustifolia</i>	(Poepp. & Endl.) C.C.Berg	Pama preta	---
Moraceae	<i>Perebea</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.		---
Moraceae	<i>Perebea</i>	<i>mollis</i>	(Poepp. & Endl.) Huber	Pama-caucho	---
Moraceae	<i>Perebea</i>	<i>rubra</i>	(Trécul) C.C.Berg		---
Moraceae	<i>Perebea</i>	<i>tessmannii</i>	Mildbr.	Pama mão de onça; pama vermelha	---
Moraceae	<i>Perebea</i>	<i>xanthochyma</i>	H.Karst.	Pama caucho	---
Moraceae	<i>Poulsenia</i>	<i>armata</i>	(Miq.) Standl.	Chanchama	---
Moraceae	<i>Pseudolmedia</i>	<i>laevigata</i>	Trécul		---
Moraceae	<i>Pseudolmedia</i>	<i>laevis</i>	(Ruiz & Pav.) J.F.Macbr.	Pama-preta	---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Moraceae	<i>Pseudolmedia</i>	<i>macrophylla</i>	Trécul	Pama-peluda	---
Moraceae	<i>Sorocea</i>	<i>brietetii</i>	J.F.Macbr.	Capeba	---
Moraceae	<i>Sorocea</i>	<i>klotzschiana</i>	Baill.		---
Moraceae	<i>Sorocea</i>	<i>opima</i>	J.F.Macbr.		---
Moraceae	<i>Sorocea</i>	<i>pubivena</i>	Mildbr.		---
Moraceae	<i>Sorocea</i>	<i>steinbachii</i>	C.C.Berg	Inharé; jaca brava	---
Moraceae	<i>Trophis</i>	<i>caucana</i>	(Pittier) C.C.Berg		---
Moraceae	<i>Trophis</i>	<i>racemosa</i>	(L.) Urb.		---
Moraceae	<i>Trymatococcus</i>	<i>amazonicus</i>	Poepp. & Endl.		---
Muntingiaceae	<i>Muntingia</i>	<i>calabura</i>	L.	Tamauã	---
Myristicaceae	<i>Compsoneura</i>	<i>sprucei</i>	(A.DC.) Warb.	Ucuúba-mirim	---
Myristicaceae	<i>Compsoneura</i>	<i>ulei</i>	Warb.		---
Myristicaceae	<i>Iryanthera</i>	<i>crassifolia</i>	A.C.Sm.		---
Myristicaceae	<i>Iryanthera</i>	<i>elliptica</i>	Ducke		---
Myristicaceae	<i>Iryanthera</i>	<i>juruensis</i>	Warb.	Ucuúba-punã	---
Myristicaceae	<i>Iryanthera</i>	<i>laevis</i>	Markgr.	Ucuubanra	---
Myristicaceae	<i>Iryanthera</i>	<i>lancifolia</i>	Ducke	Ucuúba	---
Myristicaceae	<i>Iryanthera</i>	<i>macrophylla</i>	(Benth.) Warb.	Ucuuba-vermelha	---
Myristicaceae	<i>Iryanthera</i>	<i>olacoides</i>	A.C.Sm.		---
Myristicaceae	<i>Iryanthera</i>	<i>paradoxa</i>	(Schwacke) Warb.	Ucuúba-punã	---
Myristicaceae	<i>Iryanthera</i>	<i>paraensis</i>	Huber		---
Myristicaceae	<i>Iryanthera</i>	<i>tessmannii</i>	Markgr.		---
Myristicaceae	<i>Iryanthera</i>	<i>tricornis</i>	Ducke	Ucuúba-sangue	---
Myristicaceae	<i>Iryanthera</i>	<i>ulei</i>	Warb.		---
Myristicaceae	<i>Otoba</i>	<i>glycycarpa</i>	(Ducke) W.A.Rodrigues & T.S.Jaram.		---
Myristicaceae	<i>Otoba</i>	<i>parvifolia</i>	(Markgr.) A.H.Gentry	Ucuúba-vermelha	Mad
Myristicaceae	<i>Virola</i>	<i>albidiflora</i>	Ducke		---
Myristicaceae	<i>Virola</i>	<i>calophylla</i>	Warb.		---
Myristicaceae	<i>Virola</i>	<i>calophylloidea</i>	Markgr.		---
Myristicaceae	<i>Virola</i>	<i>carinata</i>	(Benth.) Warb.		---
Myristicaceae	<i>Virola</i>	<i>decorticans</i>	Ducke		---
Myristicaceae	<i>Virola</i>	<i>duckei</i>	A.C.Sm.	Ucuúba-folha-peluda	Mad
Myristicaceae	<i>Virola</i>	<i>elongata</i>	(Benth.) Warb.	Saconadi; ucuúba; ucuúba-do-igapó	---
Myristicaceae	<i>Virola</i>	<i>flexuosa</i>	A.C.Sm.	Ucuuba; Ucuuba- folha-grande	---
Myristicaceae	<i>Virola</i>	<i>loretensis</i>	A.C.Sm.	Ucuhuba	---
Myristicaceae	<i>Virola</i>	<i>minutiflora</i>	Ducke	Ucuuba; Ucuuba- vermelha	---
Myristicaceae	<i>Virola</i>	<i>mollissima</i>	(A.DC.) Warb.	Ucuúba; ucuuba- vermelha	---
Myristicaceae	<i>Virola</i>	<i>multinervia</i>	Ducke	Ucuúba-folha-grande	Mad
Myristicaceae	<i>Virola</i>	<i>pavonis</i>	(A.DC.) A.C.Sm.	Ucuúba-de-igapó; ucuúba-de-baixio	Mad
Myristicaceae	<i>Virola</i>	<i>peruviana</i>	(A.DC.) Warb.	Ucuúba	---
Myristicaceae	<i>Virola</i>	<i>sebifera</i>	Aubl.	Bicuya-preta; ucuúba-preta	Orn; Mad

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Myristicaceae	<i>Virola</i>	<i>surinamensis</i>	(Rol. ex Rottb.) Warb.	Mucuíra; ucuúba; ucuúba-de-igapó	Med; Mad
Myrtaceae	<i>Calyptranthes</i>	<i>bipennis</i>	O.Berg		---
Myrtaceae	<i>Calyptranthes</i>	<i>brevispicata</i>	McVaugh		---
Myrtaceae	<i>Calyptranthes</i>	<i>crebra</i>	McVaugh		---
Myrtaceae	<i>Calyptranthes</i>	<i>cuspidata</i>	Mart. ex DC.		---
Myrtaceae	<i>Calyptranthes</i>	<i>macrophylla</i>	O.Berg		---
Myrtaceae	<i>Calyptranthes</i>	<i>paniculata</i>	Ruiz & Pav.		---
Myrtaceae	<i>Calyptranthes</i>	<i>pulchella</i>	DC.		---
Myrtaceae	<i>Calyptranthes</i>	<i>simulata</i>	McVaugh		---
Myrtaceae	<i>Calyptranthes</i>	<i>speciosa</i>	Sagot		---
Myrtaceae	<i>Campomanesia</i>	<i>grandiflora</i>	(Aubl.) Sagot		---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>biflora</i>	(L.) DC.	Vassourinha	---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>calva</i>	McVaugh		---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>cupulata</i>	Amshoff	Araçá	---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>densiracemosa</i>	Mazine & Faria		---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>discreta</i>	McVaugh		---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>egensis</i>	DC.	Azeitona brava	---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>ependytes</i>	McVaugh		---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>ferreiraeanana</i>	O.Berg	Araçá	---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>flavescens</i>	DC.		---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>florida</i>	DC.	Guamirim	Orn; Mad; Fru
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>itapemirimensis</i>	Cambess.		---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>lambertiana</i>	DC.		---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>moschata</i>	(Aubl.) Nied. ex T.Durand & B.D.Jacks.		---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>multirimosa</i>	McVaugh		---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>omissa</i>	McVaugh		---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>patens</i>	Poir.		---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>polystachya</i>	Rich.		---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>producta</i>	DC.		---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>protenta</i>	McVaugh		---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>pseudopsisidium</i>	Jacq.	Araçazinho; coração de negro; goiabinha	---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>solimoensis</i>	O.Berg		---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>spruceana</i>	O.Berg		---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>stictopetala</i>	O.Berg		---
Myrtaceae	<i>Eugenia</i>	<i>stipitata</i>	McVaugh	Araçá-boi	Fru
Myrtaceae	<i>Marlierea</i>	<i>caudata</i>	McVaugh		---
Myrtaceae	<i>Marlierea</i>	<i>ferruginea</i>	(Poir.) McVaugh		---
Myrtaceae	<i>Marlierea</i>	<i>umbraticola</i>	(Kunth) O.Berg		---
Myrtaceae	<i>Marlierea</i>	<i>velutina</i>	McVaugh		---
Myrtaceae	<i>Myrcia</i>	<i>aliena</i>	McVaugh		---
Myrtaceae	<i>Myrcia</i>	<i>amazonica</i>	DC.	Araçá	---
Myrtaceae	<i>Myrcia</i>	<i>bracteata</i>	(Rich.) DC.		---
Myrtaceae	<i>Myrcia</i>	<i>dichasialis</i>	McVaugh		---
Myrtaceae	<i>Myrcia</i>	<i>dispar</i>	McVaugh		---
Myrtaceae	<i>Myrcia</i>	<i>guianensis</i>	(Aubl.) DC.		Med

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Myrtaceae	<i>Myrcia</i>	<i>huallagae</i>	McVaugh		---
Myrtaceae	<i>Myrcia</i>	<i>inaequiloba</i>	(DC.) Lemée		---
Myrtaceae	<i>Myrcia</i>	<i>minutiflora</i>	Sagot		---
Myrtaceae	<i>Myrcia</i>	<i>mollis</i>	(Kunth) DC.		---
Myrtaceae	<i>Myrcia</i>	<i>multiflora</i>	(Lam.) DC.		Med
Myrtaceae	<i>Myrcia</i>	<i>neesiana</i>	DC.		---
Myrtaceae	<i>Myrcia</i>	<i>obumbrans</i>	(O.Berg) McVaugh		---
Myrtaceae	<i>Myrcia</i>	<i>paivae</i>	O.Berg		---
Myrtaceae	<i>Myrcia</i>	<i>perforata</i>	O.Berg		---
Myrtaceae	<i>Myrcia</i>	<i>pyrifolia</i>	(Desv. ex Ham.) Nied.		---
Myrtaceae	<i>Myrcia</i>	<i>rufipila</i>	McVaugh		---
Myrtaceae	<i>Myrcia</i>	<i>splendens</i>	(Sw.) DC.		---
Myrtaceae	<i>Myrcia</i>	<i>sylvatica</i>	(G.Mey.) DC.		---
Myrtaceae	<i>Myrciaria</i>	<i>floribunda</i>	(H.West ex Willd.) O.Berg	Camboim	Mad; Fru
Myrtaceae	<i>Myrciaria</i>	<i>vismiifolia</i>	(Benth.) O.Berg		---
Myrtaceae	<i>Plinia</i>	<i>rivularis</i>	(Cambess.) Rotman	Guaburiti	Orn; Mad; Fru
Myrtaceae	<i>Psidium</i>	<i>guineense</i>	Sw.	Araçá-goiaba	Fru
Nyctaginaceae	<i>Guapira</i>	<i>hirsuta</i>	(Choisy) Lundell		---
Nyctaginaceae	<i>Guapira</i>	<i>opposita</i>	(Vell.) Reitz	Maria-mole	---
Nyctaginaceae	<i>Guapira</i>	<i>venosa</i>	(Choisy) Lundell		---
Nyctaginaceae	<i>Neea</i>	<i>altissima</i>	Poepp. & Endl.		---
Nyctaginaceae	<i>Neea</i>	<i>floribunda</i>	Poepp. & Endl.		---
Nyctaginaceae	<i>Neea</i>	<i>laxa</i>	Poepp. & Endl.		---
Nyctaginaceae	<i>Neea</i>	<i>macrophylla</i>	Poepp. & Endl.		---
Nyctaginaceae	<i>Neea</i>	<i>madeirana</i>	Standl.		---
Nyctaginaceae	<i>Neea</i>	<i>oppositifolia</i>	Ruiz & Pav.		---
Nyctaginaceae	<i>Neea</i>	<i>ovalifolia</i>	Spruce ex J.A.Schmidt	João-mole-folha- miúda	---
Nyctaginaceae	<i>Neea</i>	<i>parviflora</i>	Poepp. & Endl.	João mole	---
Nyctaginaceae	<i>Neea</i>	<i>uleana</i>	(heimerl) Lundell		---
Nyctaginaceae	<i>Neea</i>	<i>verticillata</i>	Ruiz & Pav.	João mole	---
Nyctaginaceae	<i>Neea</i>	<i>virens</i>	Poepp. ex Heimerl		---
Ochnaceae	<i>Froesia</i>	<i>diffusa</i>	Gereau & Vásquez		---
Ochnaceae	<i>Ouratea</i>	<i>acuminata</i>	(A.DC.) Engl.		---
Ochnaceae	<i>Ouratea</i>	<i>discophora</i>	Ducke		---
Ochnaceae	<i>Ouratea</i>	<i>hoehnei</i>	Sleumer		---
Ochnaceae	<i>Ouratea</i>	<i>orbigniana</i>	Tiegh.		---
Ochnaceae	<i>Ouratea</i>	<i>weberbauerae</i>	Sleumer		---
Ochnaceae	<i>Wallacea</i>	<i>insignis</i>	Spruce ex Benth. & Hook.f.		---
Olacaceae	<i>Aptandra</i>	<i>tubicina</i>	(Poepp.) Benth. ex Miers	Castanha de cutia	---
Olacaceae	<i>Cathedra</i>	<i>acuminata</i>	(Benth.) Miers	Cajuzinho	---
Olacaceae	<i>Cathedra</i>	<i>paraensis</i>	Sleumer	Cajuzinho	---
Olacaceae	<i>Chaunochiton</i>	<i>kappleri</i>	(Sagot ex Engl.) Ducke		---
Olacaceae	<i>Douradoa</i>	<i>consimilis</i>	Sleumer	Casca grossa	---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Olacaceae	<i>Dulacia</i>	<i>candida</i>	(Poepp.) Kuntze		---
Olacaceae	<i>Heisteria</i>	<i>acuminata</i>	(Humb. & Bonpl.) Engl.	Itaubarana; itaubarana mirim	---
Olacaceae	<i>Heisteria</i>	<i>barbata</i>	Cuatrec.		---
Olacaceae	<i>Heisteria</i>	<i>densifrons</i>	Engl.	Cafezinho	---
Olacaceae	<i>Heisteria</i>	<i>duckei</i>	Sleumer		---
Olacaceae	<i>Heisteria</i>	<i>laxiflora</i>	Engl.		---
Olacaceae	<i>Heisteria</i>	<i>nitida</i>	Spruce ex Engl.	Itaubarana	---
Olacaceae	<i>Heisteria</i>	<i>spruceana</i>	Engl.	Itaubarana	---
Olacaceae	<i>Minquartia</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Acariquara roxa	Med; Mad; Fru
Opiliaceae	<i>Agonandra</i>	<i>brasiliensis</i>	Miers ex Benth. & Hook.f.	Marfim-de-veado	Med; Orn; Mad
Opiliaceae	<i>Agonandra</i>	<i>peruviana</i>	Hiepko	Marfim de veado; pracuúba branca	---
Opiliaceae	<i>Agonandra</i>	<i>silvatica</i>	Ducke	Caju branco; marfim; pau marfim	---
Peraceae	<i>Chaetocarpus</i>	<i>schomburgkianus</i>	(Kuntze) Pax & K.Hoffm.	Adougone; cobijo	---
Peraceae	<i>Pera</i>	<i>anisotricha</i>	Müll. Arg.	Sete-capa	---
Peraceae	<i>Pera</i>	<i>benensis</i>	Rusby	Maralão	---
Peraceae	<i>Pera</i>	<i>decipiens</i>	Müll. Arg.	Pereiro	---
Peraceae	<i>Pera</i>	<i>glabrata</i>	(Schott) Poepp. ex Baill.	Coração-de-bugre; sapateiro	Orn; Mad
Peraceae	<i>Pera</i>	<i>tomentosa</i>	(Benth.) Müll.Arg.		---
Peraceae	<i>Pogonophora</i>	<i>schomburgkiana</i>	Miers ex Benth.	Acapori; amarelinho	---
Phyllanthaceae	<i>Amanoa</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Côco-anta; carrapatinho	Mad
Phyllanthaceae	<i>Hyeronima</i>	<i>alchorneoides</i>	Allemão	Maubão; pau-pedra	Orn; Mad
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus</i>	<i>acuminatus</i>	Vahl	Para tudo	---
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus</i>	<i>puntii</i>	G.L.Webster		---
Phyllanthaceae	<i>Richeria</i>	<i>grandis</i>	Vahl	Margonçalo de várzea	---
Phytolaccaceae	<i>Gallesia</i>	<i>integrifolia</i>	(Spreng.) Harms	Pau d'elho	Orn
Picramniaceae	<i>Nothotalisia</i>	<i>peruviana</i>	(Standl.) W.W.Thomas	Jitó-mirim	---
Picramniaceae	<i>Picramnia</i>	<i>caracasana</i>	Engl.	Anilina	---
Picramniaceae	<i>Picramnia</i>	<i>juniniana</i>	J.F.Macbr.		---
Picramniaceae	<i>Picramnia</i>	<i>latifolia</i>	Tul.		---
Picramniaceae	<i>Picramnia</i>	<i>spruceana</i>	Engl.	Anilina	Med
Picredendraceae	<i>Podocalyx</i>	<i>loranthoides</i>	Klotzsch		---
Polygalaceae	<i>Asemeia</i>	<i>acuminata</i>	(Willd.) J.F.B.Pastore & J.R.Abbott		---
Polygonaceae	<i>Coccoloba</i>	<i>acuminata</i>	Kunth		---
Polygonaceae	<i>Coccoloba</i>	<i>densifrons</i>	Mart. ex Meisn.	Olho-de-passarinho	---
Polygonaceae	<i>Coccoloba</i>	<i>lehmannii</i>	Lindau		---
Polygonaceae	<i>Coccoloba</i>	<i>marginata</i>	Benth.	Cipo-pau, ocaiman	---
Polygonaceae	<i>Coccoloba</i>	<i>mollis</i>	Casar.	Coaçu	Mad

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Polygonaceae	<i>Coccoloba</i>	<i>striata</i>	Benth.	Tucunaré-branco	---
Polygonaceae	<i>Ruprechtia</i>	<i>obidensis</i>	Huber		---
Polygonaceae	<i>Symmeria</i>	<i>paniculata</i>	Benth.		---
Polygonaceae	<i>Triplaris</i>	<i>americana</i>	L.	Pau-formiga	Orn
Polygonaceae	<i>Triplaris</i>	<i>dugandii</i>	Brandbyge	Tachi peludo	---
Polygonaceae	<i>Triplaris</i>	<i>longifolia</i>	Huber	Tachí	---
Polygonaceae	<i>Triplaris</i>	<i>punctata</i>	Standl.	Tangarana blanco	---
Polygonaceae	<i>Triplaris</i>	<i>weigeliana</i>	(Rchb.) Kuntze	Taxi-de-igapó	Med; Mad
Primulaceae	<i>Cybianthus</i>	<i>amplus</i>	(Mez) G. Agostini		---
Primulaceae	<i>Cybianthus</i>	<i>prieurii</i>	A.DC.		---
Primulaceae	<i>Cybianthus</i>	<i>ruforamulus</i>	Pipoly		---
Primulaceae	<i>Cybianthus</i>	<i>venezuelanus</i>	Mez		---
Primulaceae	<i>Myrsine</i>	<i>umbellata</i>	Mart.	Capororoca	Med; Orn; Mad
Primulaceae	<i>Stylogyne</i>	<i>cauliflora</i>	(Mart. & Miq.) Mez		---
Proteaceae	<i>Panopsis</i>	<i>rubescens</i>	(Pohl) Rusby	Bofe-de-jabuti	---
Proteaceae	<i>Roupala</i>	<i>montana</i>	Aubl.	Pau-conserva	Orn; Mad
Putranjivaceae	<i>Drypetes</i>	<i>amazonica</i>	Steyermark		---
Putranjivaceae	<i>Drypetes</i>	<i>variabilis</i>	Uittien	Angelca	---
Quiinaceae	<i>Froesia</i>	<i>diffusa</i>	Gereau & Vásquez		---
Quiinaceae	<i>Froesia</i>	<i>tricarpa</i>	Pires		---
Quiinaceae	<i>Lacunaria</i>	<i>crenata</i>	(Tul.) A.C.Sm.		---
Quiinaceae	<i>Lacunaria</i>	<i>jenmanii</i>	(Oliv.) Ducke		---
Quiinaceae	<i>Lacunaria</i>	<i>macrostachya</i>	(Tul.) A.C.Sm.		---
Quiinaceae	<i>Quiina</i>	<i>amazonica</i>	A.C.Sm.		---
Quiinaceae	<i>Quiina</i>	<i>blackii</i>	Pires		---
Quiinaceae	<i>Quiina</i>	<i>florida</i>	Tul.	Mangue-tatarema	---
Quiinaceae	<i>Quiina</i>	<i>juruana</i>	Ule	Moela-de-mutum; Murici-azedo	---
Quiinaceae	<i>Quiina</i>	<i>negrensis</i>	A.C.Sm.		---
Quiinaceae	<i>Quiina</i>	<i>paraensis</i>	Pires		---
Rhamnaceae	<i>Colubrina</i>	<i>glandulosa</i>	Perkins	Jucuruxuva	Orn; Mad
Rhamnaceae	<i>Ziziphus</i>	<i>cinnamomum</i>	Triana & Planch.	Gabiúna	Mad
Rhizophoraceae	<i>Cassipourea</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.		---
Rhizophoraceae	<i>Cassipourea</i>	<i>peruviana</i>	Alston	Angelica preta	---
Rosaceae	<i>Prunus</i>	<i>amplifolia</i>	Pilg.		---
Rosaceae	<i>Prunus</i>	<i>myrtifolia</i>	(L.) Urb.	Coração-de-negro; Pessegoiro-bravo	Orn; Mad
Rubiaceae	<i>Agouticarpa</i>	<i>curviflora</i>	(Dwyer) C.H.Perss.	Apuruí	---
Rubiaceae	<i>Agouticarpa</i>	<i>isernii</i>	(Standl.) C.Perss.		---
Rubiaceae	<i>Alibertia</i>	<i>bertieriifolia</i>	K.Schum.		---
Rubiaceae	<i>Alibertia</i>	<i>claviflora</i>	K.Schum.	Apuruí	---
Rubiaceae	<i>Alibertia</i>	<i>curviflora</i>	K.Schum.		---
Rubiaceae	<i>Alibertia</i>	<i>edulis</i>	(Rich.) A. Rich.	Apuruí; arapuruí	Mad; Fru

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Rubiaceae	<i>Alibertia</i>	<i>sorbilis</i>	Ducke	Apuruí-de-anta	Mad; Fru
Rubiaceae	<i>Alseis</i>	<i>eggersii</i>	Standl.	Tabuarana	---
Rubiaceae	<i>Alseis</i>	<i>labatiooides</i>	H.Karst.	Tabuarana	---
Rubiaceae	<i>Alseis</i>	<i>lugonis</i>	Andersson	Pau-de-remo	---
Rubiaceae	<i>Alseis</i>	<i>reticulata</i>	Pilg. & Schmale	Tabuarana	---
Rubiaceae	<i>Amaioua</i>	<i>glomerulata</i>	(Lam. ex Poir.) Delprete & C.Persson		---
Rubiaceae	<i>Amaioua</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Apuruizinho do mato; cedro bravo	Orn; Mad
Rubiaceae	<i>Amaioua</i>	<i>monteiroi</i>	Standl.		---
Rubiaceae	<i>Bathysa</i>	<i>bathysoides</i>	(Steyerm.) Delprete		---
Rubiaceae	<i>Bertiera</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Fruto de jacamim	---
Rubiaceae	<i>Calycophyllum</i>	<i>spruceanum</i>	(Benth.) K.Schum.	Mulateiro; pau- mulato	Orn; Mad
Rubiaceae	<i>Capirona</i>	<i>decorticans</i>	Spruce	Esorrega macaco; pau mulato da terra firme	---
Rubiaceae	<i>Carapichea</i>	<i>verrucosa</i>	C.M. Taylor		---
Rubiaceae	<i>Chimarrhis</i>	<i>glabriflora</i>	Ducke		---
Rubiaceae	<i>Chomelia</i>	<i>paniculata</i>	(Bartl. ex DC.) Steyerm.	Judeu branco; pau de espinho; quina-quina	---
Rubiaceae	<i>Chomelia</i>	<i>polyantha</i>	S.F.Blake		---
Rubiaceae	<i>Chomelia</i>	<i>spinosa</i>	Jacq.		---
Rubiaceae	<i>Chomelia</i>	<i>tenuiflora</i>	Benth.		---
Rubiaceae	<i>Cinchonopsis</i>	<i>amazonica</i>	(Standl.) L.Andersson		---
Rubiaceae	<i>Cordiera</i>	<i>hadrantha</i>	(Standl.) C.H.Perss. & Delprete	Apuruí	---
Rubiaceae	<i>Cordiera</i>	<i>macrophylla</i>	K.Schum.		---
Rubiaceae	<i>Coussarea</i>	<i>ampla</i>	Müll. Arg.		---
Rubiaceae	<i>Coussarea</i>	<i>hirticalyx</i>	Standl.		---
Rubiaceae	<i>Coussarea</i>	<i>machadoana</i>	(Willd.) Standl.		---
Rubiaceae	<i>Coussarea</i>	<i>rudgeoides</i>	Rusby		---
Rubiaceae	<i>Coussarea</i>	<i>tenuiflora</i>	Standl.		---
Rubiaceae	<i>Coutarea</i>	<i>hexandra</i>	(Jacq.) K.Schum.	Capança vermelha	Med; Orn
Rubiaceae	<i>Dialypetalanthus</i>	<i>fuscescens</i>	Kuhlm.	Mulateirana	---
Rubiaceae	<i>Duroia</i>	<i>saccifera</i>	(Schult. & Schult.f.) K.Schum.		---
Rubiaceae	<i>Exostema</i>	<i>maynense</i>	Poepp. & Endl.		---
Rubiaceae	<i>Faramea</i>	<i>capillipes</i>	Müll. Arg.		---
Rubiaceae	<i>Faramea</i>	<i>corymbosa</i>	Aubl.	Vick	---
Rubiaceae	<i>Faramea</i>	<i>glandulosa</i>	Poepp. & Endl.		---
Rubiaceae	<i>Faramea</i>	<i>juruana</i>	K.Krause		---
Rubiaceae	<i>Faramea</i>	<i>occidentalis</i>	(L.) A.Rich.		---
Rubiaceae	<i>Faramea</i>	<i>paniculata</i>	(Aubl.) Benth.		---
Rubiaceae	<i>Faramea</i>	<i>polytriadophora</i>	Bremek.		---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Rubiaceae	<i>Faramea</i>	<i>sessilifolia</i>	(Kunth) DC.		---
Rubiaceae	<i>Faramea</i>	<i>verticillata</i>	C.M.Taylor		---
Rubiaceae	<i>Ferdinandusa</i>	<i>chlorantha</i>	(Wedd.) Standl.		---
Rubiaceae	<i>Ferdinandusa</i>	<i>loretensis</i>	Standl.		---
Rubiaceae	<i>Ferdinandusa</i>	<i>uaupensis</i>	Spruce ex K.Schum.		---
Rubiaceae	<i>Genipa</i>	<i>americana</i>	L.	Jenipapo	Med; Mad; Fru
Rubiaceae	<i>Guettarda</i>	<i>divaricata</i>	(Humb. & Bonpl. ex Schult.) Standl.		---
Rubiaceae	<i>Isertia</i>	<i>coccinea</i>	Vahl		---
Rubiaceae	<i>Isertia</i>	<i>laevis</i>	(Triana) B.M.Boom		---
Rubiaceae	<i>Isertia</i>	<i>rosea</i>	Spruce ex K.Schum.		---
Rubiaceae	<i>Ixora</i>	<i>peruviana</i>	(Spruce ex K.Schum.) Standl.		---
Rubiaceae	<i>Kutchubaea</i>	<i>oocarpa</i>	(Spruce ex Standl.) C.H.Perss.		---
Rubiaceae	<i>Kutchubaea</i>	<i>semisericea</i>	Ducke		---
Rubiaceae	<i>Ladenbergia</i>	<i>amazonensis</i>	Ducke		---
Rubiaceae	<i>Ladenbergia</i>	<i>graciliflora</i>	K.Schum.		---
Rubiaceae	<i>Ladenbergia</i>	<i>lambertiana</i>	(Mart.) Klotzsch		---
Rubiaceae	<i>Ladenbergia</i>	<i>oblongifolia</i>	(Mutis) L.Andersson		---
Rubiaceae	<i>Macrocnemum</i>	<i>roseum</i>	(Ruiz & Pav.) Wedd.	Mulateiro branco; pau mulato	---
Rubiaceae	<i>Notopleura</i>	<i>macrophylla</i>	(Ruiz & Pav.) C.M.Taylor		---
Rubiaceae	<i>Pagamea</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.		---
Rubiaceae	<i>Palicourea</i>	<i>calophylla</i>	DC.		---
Rubiaceae	<i>Palicourea</i>	<i>conferta</i>	(Benth.) Sandwith		---
Rubiaceae	<i>Palicourea</i>	<i>grandiflora</i>	(Kunth) Standl.		---
Rubiaceae	<i>Palicourea</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Capança	---
Rubiaceae	<i>Palicourea</i>	<i>lasiantha</i>	K.Krause		Med
Rubiaceae	<i>Palicourea</i>	<i>pachycalyx</i>	Standl.		---
Rubiaceae	<i>Palicourea</i>	<i>quadrifolia</i>	(Rudge) DC.		---
Rubiaceae	<i>Pentagonia</i>	<i>amazonica</i>	(Ducke) L.Andersson & Rova		---
Rubiaceae	<i>Pentagonia</i>	<i>spathicalyx</i>	K.Schum.		---
Rubiaceae	<i>Pentagonia</i>	<i>williamsii</i>	Standl.	Pau Brasil	---
Rubiaceae	<i>Pentagonia</i>	<i>wurdackii</i>	Steyermark.	Pau Brasil	---
Rubiaceae	<i>Platycarpum</i>	<i>acreanum</i>	G.K.Rogers		---
Rubiaceae	<i>Pogonopus</i>	<i>tubulosus</i>	(A.Rich. ex DC.) K.Schum.		---
Rubiaceae	<i>Posoqueria</i>	<i>latifolia</i>	(Rudge) Schult.	Baga-de-macaco	Mad; Fru
Rubiaceae	<i>Posoqueria</i>	<i>longiflora</i>	Aubl.		---
Rubiaceae	<i>Psychotria</i>	<i>alba</i>	Ruiz & Pav.		---
Rubiaceae	<i>Psychotria</i>	<i>borjensis</i>	Kunth		---
Rubiaceae	<i>Psychotria</i>	<i>carthagenensis</i>	Jacq.	Chacrona; rainha	Orn

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Rubiaceae	<i>Psychotria</i>	<i>mapourioides</i>	DC.	Apuruí	---
Rubiaceae	<i>Psychotria</i>	<i>marginata</i>	Sw.		---
Rubiaceae	<i>Psychotria</i>	<i>poeppigiana</i>	Müll.Arg.		Med; Orn
Rubiaceae	<i>Psychotria</i>	<i>tepuiensis</i>	(Steyermark.) Steyermark.		---
Rubiaceae	<i>Psychotria</i>	<i>trivialis</i>	Rusby	Taboquinha	---
Rubiaceae	<i>Psychotria</i>	<i>zevallosii</i>	(Standl.) C.M.Taylor		---
Rubiaceae	<i>Randia</i>	<i>hebecarpa</i>	Benth.		---
Rubiaceae	<i>Randia</i>	<i>killipii</i>	Standl.		---
Rubiaceae	<i>Remijia</i>	<i>pacimonica</i>	Standl.		---
Rubiaceae	<i>Remijia</i>	<i>ulei</i>	K.Krause		---
Rubiaceae	<i>Retiniphyllum</i>	<i>concolor</i>	(Spruce ex Benth.) Müll.Arg.		---
Rubiaceae	<i>Rudgea</i>	<i>amazonica</i>	Müll. Arg.		---
Rubiaceae	<i>Rudgea</i>	<i>bracteata</i>	J.H.Kirkbr.		---
Rubiaceae	<i>Rudgea</i>	<i>cornifolia</i>	(Kunth) Standl.		---
Rubiaceae	<i>Rudgea</i>	<i>crassiloba</i>	(Benth.) B.L.Rob.		---
Rubiaceae	<i>Rudgea</i>	<i>graciliflora</i>	Standl.		---
Rubiaceae	<i>Rudgea</i>	<i>lanceifolia</i>	Salisb.		---
Rubiaceae	<i>Rudgea</i>	<i>sprucei</i>	Standl.		---
Rubiaceae	<i>Rudgea</i>	<i>stipulacea</i>	(DC.) Steyermark.	Vick da mata	---
Rubiaceae	<i>Rudgea</i>	<i>verticillata</i>	(Ruiz & Pav.) Spreng.		---
Rubiaceae	<i>Rudgea</i>	<i>viburnoides</i>	(Cham.) Benth.	Douradão; congonha-de-bugre	Med; Orn
Rubiaceae	<i>Rustia</i>	<i>thibaudoioides</i>	(H.Karst.) Delprete		---
Rubiaceae	<i>Schizocalyx</i>	<i>peruvianus</i>	(K. Krause) Kainul. & B. Bremer		---
Rubiaceae	<i>Semaphyllanthe</i>	<i>megistocaula</i>	(K.Krause) L.Andersson		---
Rubiaceae	<i>Simira</i>	<i>pisoniiformis</i>	(Baill.) Steyermark.		---
Rubiaceae	<i>Simira</i>	<i>rubescens</i>	(Benth.) Bremek. ex Steyermark.	Pau brasil do Acre	---
Rubiaceae	<i>Stachyarrhena</i>	<i>acuminata</i>	Standl.		---
Rubiaceae	<i>Stachyococcus</i>	<i>adinanthus</i>	(Standl.) Standl.		---
Rubiaceae	<i>Tocoyena</i>	<i>williamsii</i>	Standl.		---
Rubiaceae	<i>Warszewiczia</i>	<i>coccinea</i>	(Vahl) Klotzsch	Língua-de-cachorro	Orn
Rutaceae	<i>Adiscanthus</i>	<i>fuscidiflorus</i>	Ducke		---
Rutaceae	<i>Angostura</i>	<i>longiflora</i>	(K.Krause) Kallunki	Matapira; mata rabujo	---
Rutaceae	<i>Conchocarpus</i>	<i>acuminatus</i>	(Pilg.) Kallunki & Pirani		---
Rutaceae	<i>Conchocarpus</i>	<i>fanshawei</i>	(Sandwith) Kallunki & Pirani		---
Rutaceae	<i>Conchocarpus</i>	<i>guyanensis</i>	(Pulle) Kallunki & Pirani		---
Rutaceae	<i>Conchocarpus</i>	<i>transitionalis</i>	(Rizzini) Kallunki & Pirani		---
Rutaceae	<i>Conchocarpus</i>	<i>ucayalinus</i>	(Huber) Kallunki & Pirani	Envira-de-nambu	---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Rutaceae	<i>Dictyoloma</i>	<i>vandellianum</i>	A.Juss.	Marupá-do-campo	Orn
Rutaceae	<i>Esenbeckia</i>	<i>almawillia</i>	Kaastra		---
Rutaceae	<i>Esenbeckia</i>	<i>amazonica</i>	Kaastra		---
Rutaceae	<i>Esenbeckia</i>	<i>cowanii</i>	Kaastra		---
Rutaceae	<i>Esenbeckia</i>	<i>grandiflora</i>	Mart.	Chupa-ferro; guaxupita;	Orn; Mad
Rutaceae	<i>Esenbeckia</i>	<i>scrotophormis</i>	Kaastra	Pau d'arquinho	---
Rutaceae	<i>Galipea</i>	<i>trifoliata</i>	Aubl.	Pau d'arquinho	Mad
Rutaceae	<i>Metrodorea</i>	<i>flavida</i>	K.Krause	Pirarara	---
Rutaceae	<i>Neoraputia</i>	<i>paraensis</i>	(Ducke) Emmerich ex Kallunki	Capança; caporé; pirarara	---
Rutaceae	<i>Pilocarpus</i>	<i>manuensis</i>	Skorupa		---
Rutaceae	<i>Pilocarpus</i>	<i>peruvianus</i>	(J.F.Macbr.) Kaastra	Humaitá; jambú-açu	---
Rutaceae	<i>Rauia</i>	<i>prancei</i>	W.A.Rodrigues & M.F.Silva		---
Rutaceae	<i>Ravenia</i>	<i>biramosa</i>	Ducke	Cocão-coringa	---
Rutaceae	<i>Spiranthera</i>	<i>guianensis</i>	Sandwith	Quina negra	---
Rutaceae	<i>Toxosiphon</i>	<i>macropodus</i>	(K.Krause) Kallunki	Pirarara branca	---
Rutaceae	<i>Toxosiphon</i>	<i>trifoliatus</i>	(Pilg.) Kallunki		---
Rutaceae	<i>Zanthoxylum</i>	<i>acuminatum</i>	(Sw.) Sw.	Laranjeira-brava; laranjeira-do-mato	---
Rutaceae	<i>Zanthoxylum</i>	<i>amapaense</i>	(Albuq.) P.G.Waterman	Limãozinho amarelo	---
Rutaceae	<i>Zanthoxylum</i>	<i>compactum</i>	(Huber ex Albuq.) P.G.Waterman	Assacurana; limãozana	---
Rutaceae	<i>Zanthoxylum</i>	<i>ekmanii</i>	(Urb.) Alain	Mama-de-porca; tamanqueira-amarela	---
Rutaceae	<i>Zanthoxylum</i>	<i>pentandrum</i>	(Aubl.) R.A.Howard	Catuaba; laranjinha; limãozinho	---
Rutaceae	<i>Zanthoxylum</i>	<i>rhoifolium</i>	Lam.	Limãozinho	Orn; Mad; Mel
Rutaceae	<i>Zanthoxylum</i>	<i>sprucei</i>	Engl.	Limãozinho-preto	---
Rutaceae	<i>Zanthoxylum</i>	<i>tambopatense</i>	Reynel		---
Sabiaceae	<i>Meliosma</i>	<i>herbertii</i>	Kuhlm.		---
Sabiaceae	<i>Ophiocaryon</i>	<i>manausense</i>	(W.A.Rodrigues) Barneby		---
Salicaceae	<i>Banara</i>	<i>arguta</i>	Briq.	Muquém	Med
Salicaceae	<i>Banara</i>	<i>axilliflora</i>	Sleumer		---
Salicaceae	<i>Banara</i>	<i>nitida</i>	Spruce ex Benth.	Cabelo-de-cotia	---
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>aculeata</i>	Jacq.		---
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>arborea</i>	(Rich.) Urb.	Puleiro-de-pombo, língua -de-tiú	---
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>combayensis</i>	Tul.	Envira-surucucu; ariri (indigina)	---
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>commersoniana</i>	Cambess.	Carapanaua; Café- bravo	---
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>cotticensis</i>	Uittien	Laranjinha-de- capoeira; café-brava	---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>decandra</i>	Jacq.	Cabelo de cotia; guaçatonga	Orn; Fru
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>fasciculata</i>	(Ruiz & Pav.) Sleumer		---
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>gossypiosperma</i>	Briq.	Laranjinha	Orn; Mad
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>grandiflora</i>	Cambess.		---
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>guianensis</i>	(Aubl.) Urb.		---
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>javitensis</i>	Kunth	Mata calado; mutamba brava	---
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>mariquitensis</i>	Kunth	Cafezinho-do-mato; espeteiro	---
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>maynacarpa</i>	Liesner & P. Jørg.		---
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>murceana</i>	R. Marquete & Mansano		---
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>negrensis</i>	Eichler		---
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>obovalis</i>	Poepp. ex Griseb.		---
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>pitumba</i>	Sleumer	Cabelo de cotia	---
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>resinifera</i>	Spruce ex Eichler		---
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>spinescens</i>	(Sw.) Griseb.		---
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>sylvestris</i>	Sw.	Guaçatonga; pau-de-lagarto	Med; Orn; Mad
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>uleana</i>	Sleumer	Sardinheiro	---
Salicaceae	<i>Casearia</i>	<i>ulmifolia</i>	Vahl ex Vent.	Azulão; caferana	---
Salicaceae	<i>Hasseltia</i>	<i>floribunda</i>	Kunth	Aroara; catuabinha; jitozinho; shua bata	---
Salicaceae	<i>Homalium</i>	<i>racemosum</i>	Jacq.		---
Salicaceae	<i>Laetia</i>	<i>coriacea</i>	Spruce ex Benth.		---
Salicaceae	<i>Laetia</i>	<i>corymbulosa</i>	Spruce ex Benth.		---
Salicaceae	<i>Laetia</i>	<i>procera</i>	(Poepp.) Eichler	Galinha-choca; pau-jacaré	Mad
Salicaceae	<i>Laetia</i>	<i>suaveolens</i>	(Poepp.) Benth.		---
Salicaceae	<i>Lunania</i>	<i>parviflora</i>	Spruce ex Benth.		---
Salicaceae	<i>Neoptychocarpus</i>	<i>killipii</i>	(Monach.) Buchheim		---
Salicaceae	<i>Pleuranthodendron</i>	<i>lindenii</i>	(Turcz.) Sleumer		---
Salicaceae	<i>Prockia</i>	<i>crucis</i>	P.Browne ex L.	Cuiteleiro	Med; Orn
Salicaceae	<i>Rymania</i>	<i>angustifolia</i>	(Turcz.) Monach.		---
Salicaceae	<i>Rymania</i>	<i>speciosa</i>	Vahl	Capansa	---
Salicaceae	<i>Salix</i>	<i>humboldiana</i>	Willd.	Louro-da-várzea	Med
Salicaceae	<i>Salix</i>	<i>martiana</i>	Leyb.		---
Salicaceae	<i>Tetrathylacium</i>	<i>macrophyllum</i>	Poepp.		---
Salicaceae	<i>Xylosma</i>	<i>benthamii</i>	(Tul.) Triana & Planch.		---
Salicaceae	<i>Xylosma</i>	<i>intermedia</i>	(Seem.) Triana & Planch.		---
Salicaceae	<i>Xylosma</i>	<i>tessmannii</i>	Sleumer	Espinho-de-judeu	---
Salicaceae	<i>Xylosma</i>	<i>velutina</i>	(Tul.) Triana & Planch.		---
Santalaceae	<i>Acanthosyris</i>	<i>annonagustata</i>	C.Ulloa & P.Jørg.		---
Sapindaceae	<i>Allophylus</i>	<i>amazonicus</i>	(Mart.) Radlk.	Supiarana	---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Sapindaceae	<i>Allophylus</i>	<i>amentaceus</i>	Radlk.		---
Sapindaceae	<i>Allophylus</i>	<i>angustatus</i>	(Triana & Planch.) Radlk.		---
Sapindaceae	<i>Allophylus</i>	<i>dioicus</i>	(Nees & Mart.) Radlk.		---
Sapindaceae	<i>Allophylus</i>	<i>divaricatus</i>	Radlk.	Seringuinha	---
Sapindaceae	<i>Allophylus</i>	<i>glabratus</i>	(Kunth) Radlk.	Vela-branca; jitozinho	---
Sapindaceae	<i>Allophylus</i>	<i>latifolius</i>	Huber		---
Sapindaceae	<i>Allophylus</i>	<i>leiophloeus</i>	Radlk.		---
Sapindaceae	<i>Allophylus</i>	<i>pilosus</i>	(J. F. Macbr.) A. H. Gentry	Mata-rabujo	---
Sapindaceae	<i>Allophylus</i>	<i>punctatus</i>	(Poepp.) Radlk.		---
Sapindaceae	<i>Allophylus</i>	<i>robustus</i>	Radlk.		---
Sapindaceae	<i>Allophylus</i>	<i>scrobiculatus</i>	(Poepp.) Radlk.	Mata rabujo	---
Sapindaceae	<i>Allophylus</i>	<i>semidentatus</i>	(Miq.) Radlk.		---
Sapindaceae	<i>Allophylus</i>	<i>strictus</i>	Radlk.	Baga-de-morcego; fruta-do-faraó	---
Sapindaceae	<i>Averrhoidium</i>	<i>dalyi</i>	Acev.-Rodr. & Ferrucci	Aroeira; jitoarana; jító-branco	---
Sapindaceae	<i>Cupania</i>	<i>castaneaefolia</i>	Mart.		---
Sapindaceae	<i>Cupania</i>	<i>cinerea</i>	Poepp. & Endl.	Breu-branco; breu-de-tucano	---
Sapindaceae	<i>Cupania</i>	<i>diphylla</i>	Vahl		---
Sapindaceae	<i>Cupania</i>	<i>latifolia</i>	Kunth	Canela-de-velho	---
Sapindaceae	<i>Cupania</i>	<i>scrobiculata</i>	Rich.	Pitombarana; cajuzinho	Orn; Mad
Sapindaceae	<i>Dilodendron</i>	<i>bipinnatum</i>	Radlk.		---
Sapindaceae	<i>Matayba</i>	<i>arborescens</i>	(Aubl.) Radlk.	Pitombarana; taxirana	Mad
Sapindaceae	<i>Matayba</i>	<i>elegans</i>	Radlk.	Breu; pitomba-da-várzea	---
Sapindaceae	<i>Matayba</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Camboatá	Mad
Sapindaceae	<i>Matayba</i>	<i>inelegans</i>	Spruce ex Radlk.		---
Sapindaceae	<i>Matayba</i>	<i>peruviana</i>	Radlk.		---
Sapindaceae	<i>Matayba</i>	<i>purgans</i>	Radlk.		---
Sapindaceae	<i>Matayba</i>	<i>spruceana</i>	(Benth.) Radlk.		---
Sapindaceae	<i>Pseudima</i>	<i>frutescens</i>	(Aubl.) Radlk.	Breu-pitomba; orelha-de-burro	Mad
Sapindaceae	<i>Sapindus</i>	<i>saponaria</i>	L.	Sabonete	Orn; Mad
Sapindaceae	<i>Talisia</i>	<i>cerasina</i>	(Benth.) Radlk.	Breu-pitomba; pitomba brava	---
Sapindaceae	<i>Talisia</i>	<i>clathrata</i>	Radlk.		---
Sapindaceae	<i>Talisia</i>	<i>croatii</i>	Acev.-Rodr.	Pitombarana	---
Sapindaceae	<i>Talisia</i>	<i>hexaphylla</i>	Vahl	Caripé-preto	---
Sapindaceae	<i>Talisia</i>	<i>longifolia</i>	(Benth.) Radlk.	Pitomba-brava	---
Sapindaceae	<i>Talisia</i>	<i>megaphylla</i>	Sagot ex Radlk.	Pitomba	---
Sapindaceae	<i>Talisia</i>	<i>obovata</i>	A.C.Smith	Pitomba	---
Sapindaceae	<i>Talisia</i>	<i>retusa</i>	Cowan	Macucu; pitomba; pitomba-de-anta	---
Sapindaceae	<i>Toulicia</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Mucurucá	Mad
Sapindaceae	<i>Toulicia</i>	<i>reticulata</i>	Radlk.	Breu-pitomba	---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Sapindaceae	<i>Vouarana</i>	<i>anomala</i>	(Steyermark.) Acev.-Rodr.		---
Sapindaceae	<i>Vouarana</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Maraximbé	---
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum</i>	<i>acreanum</i>	A.C.Sm.		---
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum</i>	<i>amazonicum</i>	T.D.Penn.	Abiu-da-mata	---
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum</i>	<i>argenteum</i>	Jacq.	Abiurana-folha-cinzenta	---
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum</i>	<i>bombycinum</i>	T.D.Penn.	Coquirana	---
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum</i>	<i>gonocarpum</i>	(Mart. & Eichler ex Miq.) Engl.	Aguá; bapeba; guatambu-de-leite	Orn; Mad
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum</i>	<i>lucentifolium</i>	Cronquist	Abiu; abiu-branco; cariuba; guajara	---
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum</i>	<i>manaosensis</i>	Aubrév.		---
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum</i>	<i>ovale</i>	Rusby		---
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum</i>	<i>prieurii</i>	A.DC.	Abiurana-sabiá	---
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum</i>	<i>sanguinolentum</i>	(Pierre) Baehni	Abiu; coquirana-brava, ucuquirana	---
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum</i>	<i>ucuquirana-branca</i>	(Aubrév. & Pellegr.) T.D.Penn.	Coquirana-branca; coquirana-rocha	---
Sapotaceae	<i>Chrysophyllum</i>	<i>venezuelanense</i>	(Pierre) T.D.Penn.	Abiu-bravo	---
Sapotaceae	<i>Diplooon</i>	<i>cuspidatum</i>	(Hoehne) Cronquist	Guapeva	Mad; Fru
Sapotaceae	<i>Ecclinusa</i>	<i>guianensis</i>	Eyma		---
Sapotaceae	<i>Ecclinusa</i>	<i>lanceolata</i>	(Mart. & Eichler) Pierre	Coquirana-braba; coquirana-do-igapó	---
Sapotaceae	<i>Ecclinusa</i>	<i>ramiflora</i>	Mart.	Abiurana-folha-peluda	---
Sapotaceae	<i>Elaeoluma</i>	<i>glabrescens</i>	(Mart. & Eichler) Aubrév.	Abiurana; lombrigueira	---
Sapotaceae	<i>Elaeoluma</i>	<i>nuda</i>	(Baehni) Aubrév.		---
Sapotaceae	<i>Manilkara</i>	<i>bidentata</i>	(A.DC.) A.Chev.	Massaranduba; maparajuba	Mad
Sapotaceae	<i>Manilkara</i>	<i>inundata</i>	(Ducke) Ducke	Maçaranduba; maparajuba	---
Sapotaceae	<i>Micropholis</i>	<i>acutangula</i>	(Ducke) Eyma		---
Sapotaceae	<i>Micropholis</i>	<i>egensis</i>	(A.DC.) Pierre		---
Sapotaceae	<i>Micropholis</i>	<i>guyanensis</i>	(A.DC.) Pierre	Abiurana-folha-lisa; chicle-bravo	---
Sapotaceae	<i>Micropholis</i>	<i>melinoniana</i>	Pierre		---
Sapotaceae	<i>Micropholis</i>	<i>mensalis</i>	(Baehni) Aubrév.	Abiurana-roxa	---
Sapotaceae	<i>Micropholis</i>	<i>porphyrocarpa</i>	(Baehni) Monach.		---
Sapotaceae	<i>Micropholis</i>	<i>sanctae-rosae</i>	(Baehni) T.D.Penn.	Mangabarana	---
Sapotaceae	<i>Micropholis</i>	<i>trunciflora</i>	Ducke	Abiurana	---
Sapotaceae	<i>Micropholis</i>	<i>venulosa</i>	(Mart. & Eichler) Pierre	Abiurana-branca	Mad
Sapotaceae	<i>Micropholis</i>	<i>williamii</i>	Aubrév. & Pellegr.	Balata-brava	---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>bangii</i>	(Rusby) T.D.Penn.	Abiu-rosadinho	---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>bilocularis</i>	(H.K.A.Winkl.) Baehni	Abiurana	---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>caimito</i>	(Ruiz & Pav.) Radlk.	Abiorana-peluda; abiú-da-restinga	Mad; Fru
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>cladantha</i>	Sandwith	Abiurana-seca; caramuri-preto	---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>coriacea</i>	(Pierre) Pierre	Abiorana; maparajuba	---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>durlandii</i>	(Standl.) Baehni	Acá-ferro	Mad; Fru
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>engleri</i>	Eyma		---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>filipes</i>	Eyma	Abiorana; abiurana; acá, avio	---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>franciscana</i>	Baehni	Abiorana-branca; abiurana	---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>gardneri</i>	(Mart. & Miq.) Baehni	Massaranduba-vermelha	Mad; Fru
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>glomerata</i>	(Miq.) Radlk.	Abiurana-roxa	---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>gongrijpii</i>	Eyma	Abiu	---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Abiurana-gigante; guajara; guapeba	---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>juruana</i>	K.Krause		---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>krukovii</i>	(A.C.Sm.) Baehni	Maparajuba	---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>laevigata</i>	(Mart.) Radlk.	Abiurana-da-casca-grossa, caramury	---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>macrophylla</i>	(Lam.) Eyma	Cutite	Mad; Fru
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>minima</i>	T.D.Penn.		---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>multiflora</i>	(A.DC.) Eyma	Cutitiriba-grande	---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>penicillata</i>	Baehni		---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>platyphylla</i>	(A.C.Sm.) Baehni	Abiurana-vermelha	---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>plicata</i>	T.D.Penn.	Abiorana-mole; abiurana-do-igapó	---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>polysepala</i>	T.D.Penn.	Abiorana-massa	---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>procera</i>	(Mart.) K.Hammer	Maparajuba-vermelha	Mad; Fru
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>reticulata</i>	(Engl.) Eyma	Abiurana-branca; abiurana-cascuda	---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>torta</i>	(Mart.) Radlk.	Abiorana-vermelha	Orn; Mad; Fru
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>trilocularis</i>	Cronquist	Abiurana; abiurana da casca grossa	---
Sapotaceae	<i>Pouteria</i>	<i>venosa</i>	(Mart.) Baehni	Guacá-de-leite	Mad; Fru
Sapotaceae	<i>Pradosia</i>	<i>atrovilacea</i>	Ducke	Abiu-da-mata; massaranduba	---
Sapotaceae	<i>Sarcaulus</i>	<i>brasiliensis</i>	(A.DC.) Eyma	Guajaraí	Orn; Mad; Fru
Sapotaceae	<i>Sarcaulus</i>	<i>vestitus</i>	(Baehni) T.D.Penn.		---
Simaroubaceae	<i>Simaba</i>	<i>cedron</i>	Planch.	Manga-de-anta; paratudo, pratudo	Med; Fru
Simaroubaceae	<i>Simaba</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Cajurana	---
Simaroubaceae	<i>Simaba</i>	<i>orinocensis</i>	Kunth	Marupá	---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Simaroubaceae	<i>Simaba</i>	<i>paraensis</i>	Ducke	Marupá	---
Simaroubaceae	<i>Simarouba</i>	<i>amara</i>	Aubl.	Marupá preto	Med; Orn; Mad
Siparunaceae	<i>Siparuna</i>	<i>bifida</i>	(Poepp. & Endl.) A.DC.	Caaá-pitiú; capitiú da mata	---
Siparunaceae	<i>Siparuna</i>	<i>cervicornis</i>	Perkins	Capança preta	---
Siparunaceae	<i>Siparuna</i>	<i>cristata</i>	(Poepp. & Endl.) A.DC.		---
Siparunaceae	<i>Siparuna</i>	<i>cuspidata</i>	(Tul.) A.DC.	Capitiú	---
Siparunaceae	<i>Siparuna</i>	<i>cymosa</i>	Tolm.	Capitiú	---
Siparunaceae	<i>Siparuna</i>	<i>decipiens</i>	(Tul.) A.DC.	Capitiú-macumbeiro	Med
Siparunaceae	<i>Siparuna</i>	<i>glycycarpa</i>	(Ducke) Renner & Hausner	Aquariquara-de-igapó; itaúba-preta	---
Siparunaceae	<i>Siparuna</i>	<i>grandiflora</i>	(Kunth et al.) Perkins		---
Siparunaceae	<i>Siparuna</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Capitiú-folha-grande	Med
Siparunaceae	<i>Siparuna</i>	<i>krukovii</i>	A.C.Sm.	Capitiú macumbeiro	---
Siparunaceae	<i>Siparuna</i>	<i>obstipa</i>	J.F.Macbr.		---
Siparunaceae	<i>Siparuna</i>	<i>sarmentosa</i>	Perkins		---
Siparunaceae	<i>Siparuna</i>	<i>sessiliflora</i>	(Kunth in Humb. & Bonpl). A.DC		---
Siparunaceae	<i>Siparuna</i>	<i>thecaphora</i>	(Poepp. & Endl.) A.DC.	Limãozinho; Manga-brava	---
Solanaceae	<i>Aureliana</i>	<i>fasciculata</i>	(Vell.) Sendtn.		---
Solanaceae	<i>Brunfelsia</i>	<i>grandiflora</i>	D.Don	Manacá	Med; Orn
Solanaceae	<i>Cestrum</i>	<i>axillare</i>	Vell.		---
Solanaceae	<i>Cestrum</i>	<i>schlechtendalii</i>	G.Don		---
Solanaceae	<i>Cestrum</i>	<i>strigilatum</i>	Ruiz & Pav.		---
Solanaceae	<i>Lycianthes</i>	<i>pauciflora</i>	(Vahl) Bitter		---
Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>appressum</i>	K.E.Roe		---
Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>circinatum</i>	Bohs		---
Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>conglobatum</i>	Dunal		---
Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>crinitum</i>	Lam.		Med
Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>endopogon</i>	(Bitter) Bohs	Pau-mirim	---
Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>exiguum</i>	Bohs		---
Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>lepidotum</i>	Dunal		---
Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>leucocarpon</i>	Dunal		---
Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>obliquum</i>	Ruiz & Pav.		---
Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>oppositifolium</i>	Ruiz & Pav.		---
Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>oxyphyllum</i>	C.V.Morton		---
Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>pendulum</i>	Ruiz & Pav.	Pau-mirim	---
Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>placitum</i>	C.V.Morton	Velame	---
Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>proteanthum</i>	Bohs		---
Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>scuticum</i>	M.Nee		---
Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>semotum</i>	M.Nee		---
Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>sessile</i>	Ruiz & Pav.		---
Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>tenuisetosum</i>	(Bitter) Bohs		---
Solanaceae	<i>Solanum</i>	<i>thelopodium</i>	Sendtn.		---
Stemonuraceae	<i>Discophora</i>	<i>guianensis</i>	Miers	Ivaí; pombinho	---
Styracaceae	<i>Styrax</i>	<i>guyanensis</i>	A.DC.		---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Styracaceae	<i>Styrax</i>	<i>macrophyllus</i>	Schott ex Pohl		---
Styracaceae	<i>Styrax</i>	<i>sieberi</i>	Perkins		---
Symplocaceae	<i>Symplocos</i>	<i>guianensis</i>	(Aubl.) Gürke	Cutuíba; jasmim	---
Thymelaeaceae	<i>Schoenobiblus</i>	<i>daphnoides</i>	Mart.		---
Thymelaeaceae	<i>Schoenobiblus</i>	<i>peruviana</i>	Standl.	Envira fita; envira inambu; envira seda	---
Ulmaceae	<i>Ampelocera</i>	<i>edentula</i>	Kuhlm.	Envira-iodo	---
Ulmaceae	<i>Ampelocera</i>	<i>longissima</i>	Todzia		---
Ulmaceae	<i>Ampelocera</i>	<i>ruizii</i>	Klotzsch	Cafezinho; cinzeiro	Mad
Urticaceae	<i>Boehmeria</i>	<i>pavonii</i>	Wedd.		---
Urticaceae	<i>Cecropia</i>	<i>concolor</i>	Willd.	Imbaúba branca	Med
Urticaceae	<i>Cecropia</i>	<i>distachya</i>	Huber	Imbaúba vermelha	---
Urticaceae	<i>Cecropia</i>	<i>engleriana</i>	Snethl.	Embaúba branca	---
Urticaceae	<i>Cecropia</i>	<i>ficifolia</i>	Warb. ex Snethl.	Embaúba; embaúba branca	---
Urticaceae	<i>Cecropia</i>	<i>latiloba</i>	Miq.	Imbaúba da várzea; imbaubarana	---
Urticaceae	<i>Cecropia</i>	<i>membranacea</i>	Trécul		---
Urticaceae	<i>Cecropia</i>	<i>peltata</i>	L.		---
Urticaceae	<i>Cecropia</i>	<i>polystachya</i>	Trécul	Embaúba	---
Urticaceae	<i>Cecropia</i>	<i>sciadophylla</i>	Mart.	Imbaúba gigante; imbaúba da mata	Orn; Mad
Urticaceae	<i>Coussapoa</i>	<i>asperifolia</i>	Trécul		---
Urticaceae	<i>Coussapoa</i>	<i>latifolia</i>	Aubl.		---
Urticaceae	<i>Coussapoa</i>	<i>nitida</i>	Miq.		---
Urticaceae	<i>Coussapoa</i>	<i>ovalifolia</i>	Trécul		---
Urticaceae	<i>Coussapoa</i>	<i>scabra</i>	Akkermans & C.C.Berg		---
Urticaceae	<i>Coussapoa</i>	<i>trinervia</i>	Spruce ex Mildbr.		---
Urticaceae	<i>Coussapoa</i>	<i>villosa</i>	Poepp. & Endl.	Apuí; mata pau	---
Urticaceae	<i>Myriocarpa</i>	<i>cordifolia</i>	Liebm.		---
Urticaceae	<i>Myriocarpa</i>	<i>longipes</i>	Liebm.		---
Urticaceae	<i>Pourouma</i>	<i>cecropiifolia</i>	Mart.	Mapati; uva-da-amazônia	Mad; Fru
Urticaceae	<i>Pourouma</i>	<i>cordata</i>	C.C.Berg		---
Urticaceae	<i>Pourouma</i>	<i>cucura</i>	Standl. & Cuatrec.		---
Urticaceae	<i>Pourouma</i>	<i>cuspidata</i>	Mildbr.		---
Urticaceae	<i>Pourouma</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.	Embaúba; embaúba lixa	Orn; Mad; Fru
Urticaceae	<i>Pourouma</i>	<i>melinonii</i>	Benoist		---
Urticaceae	<i>Pourouma</i>	<i>minor</i>	Benoist	Caramurí; torém; torém abacate	---
Urticaceae	<i>Pourouma</i>	<i>mollis</i>	Trécul		---
Urticaceae	<i>Pourouma</i>	<i>ovata</i>	Trécul		---
Urticaceae	<i>Pouzolzia</i>	<i>formicaria</i>	(Poepp.) Wedd.		---
Urticaceae	<i>Urera</i>	<i>caracasana</i>	(Jacq.) Griseb.	Urtiga; urtiga branca; urtiga cipó	---
Urticaceae	<i>Urera</i>	<i>laciniata</i>	Goudot ex Wedd.	Cansação; cansanção	---
Urticaceae	<i>Urera</i>	<i>lianoides</i>	A.K. Monro & Al. Rodr.		---
Urticaceae	<i>Urera</i>	<i>simplex</i>	Wedd.		---

Família	Gênero	Espécie	Autor	Nome Vulgar	Usos
Urticaceae	<i>Urera</i>	<i>verrucosa</i>	(Liebm.) V.W. Steinm.		---
Verbenaceae	<i>Citharexylum</i>	<i>macrophyllum</i>	Poir.	Calango cego	---
Verbenaceae	<i>Citharexylum</i>	<i>poeppigii</i>	Walp.		---
Verbenaceae	<i>Citharexylum</i>	<i>subtruncatum</i>	Moldenke		---
Verbenaceae	<i>Citharexylum</i>	<i>ulei</i>	Moldenke		---
Verbenaceae	<i>Duranta</i>	<i>sprucei</i>	Briq.		Orn
Verbenaceae	<i>Petrea</i>	<i>pubescens</i>	Turcz.		Orn
Violaceae	<i>Amphirrhox</i>	<i>longifolia</i>	(A.St.-Hil.) Spreng.		---
Violaceae	<i>Calyptrion</i>	<i>arboreum</i>	(L.) Paula-Souza		---
Violaceae	<i>Gloeospermum</i>	<i>sphaerocarpum</i>	Triana & Planch.		---
Violaceae	<i>Leonia</i>	<i>crassa</i>	L.B.Sm. & A.Fernández		---
Violaceae	<i>Leonia</i>	<i>cymosa</i>	Mart.		---
Violaceae	<i>Leonia</i>	<i>glycycarpa</i>	Ruiz & Pav.	Gogó-de-guariba	---
Violaceae	<i>Paypayrola</i>	<i>confertiflora</i>	Tul.		---
Violaceae	<i>Paypayrola</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.		---
Violaceae	<i>Rinorea</i>	<i>apiculata</i>	Hekking		---
Violaceae	<i>Rinorea</i>	<i>campitoneura</i>	(Radlk.) Melch.		---
Violaceae	<i>Rinorea</i>	<i>falcata</i>	(Mart. ex Eichler) Kuntze		---
Violaceae	<i>Rinorea</i>	<i>flavescens</i>	(Aubl.) Kuntze	Canela de garça	---
Violaceae	<i>Rinorea</i>	<i>guianensis</i>	Aubl.		---
Violaceae	<i>Rinorea</i>	<i>lindeniana</i>	(Tul.) Kuntze		Med
Violaceae	<i>Rinorea</i>	<i>longistipulata</i>	Hekking	Canela de velho	---
Violaceae	<i>Rinorea</i>	<i>ovalifolia</i>	(Britton) S.F.Blake		---
Violaceae	<i>Rinorea</i>	<i>pubiflora</i>	(Benth.) Sprague & Sandwith	Canela-de-velho; caneleiro	---
Violaceae	<i>Rinorea</i>	<i>racemosa</i>	(Mart.) Kuntze	Branquinha; Pau branco	---
Violaceae	<i>Rinorea</i>	<i>viridifolia</i>	Rusby	Canela de velho	---
Violaceae	<i>Rinoreocarpus</i>	<i>ulei</i>	(Melch.) Ducke	Estalador; estralador; pau estalador	---
Vochysiaceae	<i>Erisma</i>	<i>uncinatum</i>	Warm.	Quarubarana	Orn; Mad
Vochysiaceae	<i>Qualea</i>	<i>acuminata</i>	Spruce ex Warm.		---
Vochysiaceae	<i>Qualea</i>	<i>brevipedicellata</i>	Stafleu		---
Vochysiaceae	<i>Qualea</i>	<i>homosepala</i>	Ducke		---
Vochysiaceae	<i>Qualea</i>	<i>rosea</i>	Aubl.		---
Vochysiaceae	<i>Qualea</i>	<i>tessmannii</i>	Mildbr.	Catuaba; catuaba amarela	Med; Mad
Vochysiaceae	<i>Vochysia</i>	<i>biloba</i>	Ducke		---
Vochysiaceae	<i>Vochysia</i>	<i>citrifolia</i>	Poir.		---
Vochysiaceae	<i>Vochysia</i>	<i>lehmannii</i>	Hieron.		---
Vochysiaceae	<i>Vochysia</i>	<i>mapirensis</i>	Rusby		---
Vochysiaceae	<i>Vochysia</i>	<i>obidensis</i>	Ducke		---